



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

JORNALISMO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MARCELO CRIVELLA NAS
PÁGINAS DO JORNAL *O GLOBO* DURANTE AS ELEIÇÕES
MUNICIPAIS DE 2008**

Monografia submetida à Banca de Graduação
Como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo

JOÃO NOÉ ALVES DE CARVALHO

Orientador: Prof. Dr. Mohammed El Hajji

**Rio de Janeiro
2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A construção da imagem de Marcelo Crivella nas páginas do jornal *O Globo* durante as eleições municipais de 2008**, elaborada por João Noé Alves de Carvalho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Mohammed El Hajji

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Professor Marcelo Helvécio Navarro Serpa

Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Professor Maurício Durão Schleder

Professor Auxiliar da Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro
2008

CARVALHO, João Noé Alves de. **A construção da imagem de Marcelo Crivella nas páginas do jornal *O Globo*** durante as eleições municipais de 2008. Orientador: Mohammed El Hajji. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo

RESUMO

O estudo verifica o conteúdo das matérias publicadas pelo jornal *O Globo* sobre a campanha de Marcelo Crivella para a Prefeitura do Rio de Janeiro nas eleições de 2008. Para isso, utiliza-se de técnicas de análise de discurso que permitam decifrar as vozes atuantes nos textos, títulos e subtítulos de cada reportagem. Também há um breve relato de sobre as relações entre políticos e jornalistas na realidade brasileira. O intuito é descrever, resumidamente, como é a participação de um no trabalho do outro. Além disso, o material da pesquisa é relacionado com o contexto da disputa pela audiência entre as TVs Globo (controlada pela família Marinho, proprietária do jornal analisado) e Record (comandada pelo bispo Edir Macedo, tio de Marcelo Crivella).

Aos meus familiares e amigos, pela ajuda que me deram para a realização deste estudo.

A Fabíola Bezerra, que me acompanhou com paciência desde o início desta pesquisa.

Ao meu orientador, professor Mohammed El Hajji, que me aconselhou nos momentos de maior dificuldade.

Ao amigo Thiago Prado, cuja influência foi determinante para que eu escolhesse me tornar jornalista.

Aos amigos e colegas de trabalho Eduardo Teixeira e Guilherme Mondaini, que provaram ser possível encontrar inteligência e profissionalismo nas empresas mais improváveis.

Aos que trabalharam comigo nos últimos anos e sempre contribuíram para o meu crescimento profissional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA NA POLÍTICA

- 2.1. Imprensa: instrumento de luta política desde a colônia
- 2.2. Interdependência entre políticos e jornalistas

3. QUADRO TEÓRICO

- 3.1. Definições de discurso
- 3.2. Foucault e o discurso
- 3.3. Mecanismos externos
- 3.4. Mecanismos internos
- 3.5. Limitação do sujeito
- 3.6. Metodologia de análise

4. HISTÓRIAS DE *O GLOBO* E CRIVELLA

- 4.1. O surgimento das Neopetencostais
 - 4.1.1. O Neopetencostalismo no Brasil
- 4.2. A Igreja Universal do Reino de Deus
- 4.3. Edir Macedo
- 4.4. A TV Record
- 4.5. Política
- 4.6. Marcelo Crivella
- 4.7. Crivella X *O Globo* – Briga de outros carnavais
- 4.8. Roberto Marinho e as Organizações Globo
- 4.9. Globo X Record

5. ANÁLISE DA COBERTURA DE *O GLOBO*

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Introdução.

Depois de oito anos na chefia do executivo municipal, Cesar Maia vai deixar a Prefeitura do Rio. A disputa para a sua sucessão foi acirrada. No segundo turno, o candidato do PMDB, Eduardo Paes, venceu Fernando Gabeira, do PV, com uma diferença de cerca de 55 mil eleitores, correspondente a pouco mais de 1% dos votos válidos. O resultado pode ser considerado, de certa forma, um êxito para o deputado verde.

Ocupando o quinto lugar das pesquisas de opinião no início da campanha, ele não poderia sonhar que chegaria tão longe. Até os últimos dias antes da votação, todos davam como certa a ida do candidato Marcelo Crivella, do PRB, para o segundo turno, na disputa com Paes. O sucesso do senador não foi tão grande como se esperava e a ele restou apenas apoiar o peemedebista contra Gabeira.

A explicação para o declínio de Crivella pode ser dada por uma combinação de fatores. O primeiro deles poderia ser o fato de a população do Rio ter feito uma escolha natural por Gabeira, que se mostrava, pelo menos se mostrava, como o candidato mais íntegro e com história na política. Também pode ter contribuído para a queda do senador a ligação dele com a Igreja Universal, que não conta com a simpatia de boa parte dos cariocas.

O passado evangélico de Crivella não poderia ser escondido. Ele já foi bispo da Universal, fundada pelo seu tio, o bispo Edir Macedo. O nome de Macedo, aliás, é quase um sinônimo de escândalo. Em 1995, o *Jornal Nacional*, por exemplo, exibiu imagens de um vídeo em que ele aparecia ensinado a outros bispos como arrecadar dinheiro de fiéis.

As relações de Crivella com Macedo, além de outras situações igualmente ou ainda mais embaraçosas, não foram esquecidas pela imprensa neste ano. Sempre que podiam, os jornais lembravam aos leitores esses fatos. E foi nas páginas de *O Globo* que o senador ganhou destaque, na maioria das vezes com matérias negativas.

Este estudo tem, então, a proposta, de analisar os mecanismos discursivos que *O Globo* utilizou para construir a imagem de Crivella. Por meio da observação das reportagens sobre o senador, será feita uma discussão sobre como Crivella poderia ser visto pelos leitores do impresso.

Não significa, porém, aferir o que não se pode. Isso porque é praticamente impossível descobrir qual a influência das matérias de *O Globo* sobre a votação no candidato do PRB. Trata-se, antes de tudo, de descobrir como o jornal construiu a imagem do senador durante as eleições municipais de 2008 e avaliar quais poderiam ser as razões para ter adotado determinada postura.

Para atingir este objetivo, o trabalho vai utilizar como metodologia alguns princípios da teoria de análise de discurso de Foucault. A escolha por esse autor se baseou na premissa de que ele não dissocia o discurso do contexto histórico no qual ele está inserido. Assim, esta monografia, além de verificar quais os mecanismos utilizados para a construção da imagem de Crivella em *O Globo*, descreve a situação histórica dos personagens analisados.

Trata-se de levar em conta não apenas o que as matérias de *O Globo* falaram sobre Crivella. Mas também é preciso saber um pouco mais sobre a trajetória de cada um desses dois atores históricos, além de outros personagens ligados diretamente a eles, como a Igreja Universal e as Organizações Globo.

Esse tipo de metodologia tem o objetivo, então, de dissociar o ácido discurso de *O Globo* sobre Crivella de fatos que ajudam a explicar as razões para tal postura do impresso. E a hipótese a ser levantada neste estudo é a de que disputas empresariais entre as Organizações Globo e a Rede Record, diretamente ligada à Igreja Universal, foram fundamentais para a escolha de um discurso tão negativo contra o candidato do PRB.

Antes de se chegar a essa parte do trabalho, entretanto, é realizada, no próximo capítulo, uma breve descrição da história das relações entre políticos e jornalistas. É mostrado como esse relacionamento se modificou ao longo dos tempos, mas, até hoje, ainda é bastante intenso.

No capítulo seguinte, são descritos os procedimentos de exclusão do discurso conforme os ensinamentos teóricos de Foucault. Além da explicação para cada mecanismo, desenvolve-se como o trabalho pretende elucidar o discurso do jornal *O Globo* sobre Crivella e as suas explicações históricas.

Depois, parte-se para uma breve descrição da trajetória de cada um dos personagens com alguma importância neste estudo. Não só isso, mas também como cada um deles se

encontra durante suas histórias e, de maneira implícita, como esses fatos contribuem para a construção do discurso do jornal *O Globo* sobre o candidato.

Por último, antes da conclusão, são realizadas as análises das matérias do impresso sobre Crivella. Vão ser destacados pontos que podem ajudar a explicar como o jornal olha para o senador e mostra essas impressões, utilizando-se de fatos objetivos ou não, para o seu público leitor. Em alguns momentos, também é possível que se utilize a cobertura de outras publicações sobre o assunto, mas isso deverá ser feito apenas a título de comparação.

Antes de iniciar o estudo, porém, algumas questões que podem gerar dúvidas merecem ser esclarecidas. A primeira delas é em relação ao tema e ao modo como ele é abordado. Para isso, utilizo por um breve momento a primeira pessoa, pois o que conto agora é uma experiência pessoal.

Mais de uma vez, ao comentar com alguém sobre o tema do meu trabalho, perguntaram-me se eu havia votado em Crivella, ou se era evangélico. A resposta para ambas as perguntas é não. Isso, porém, não é o que importa neste estudo. Essa monografia, ao contrário do que me disseram em algumas ocasiões, não sai em defesa do evangélico. Longe disso. O que se procura questionar é, antes de tudo, a postura do jornal *O Globo*, e não a de Crivella, que, aliás, cometeu os seus desvios.

E aí, surge outra questão. Muitas pessoas, inclusive jornalistas, me disseram, ao longo do desenvolvimento deste estudo, que a postura de *O Globo* em relação a Crivella era correta. Afinal de contas, “Crivella não presta mesmo”. Se a postura do jornal foi certa ou não, é outro ponto a se discutir, mas não nesta monografia.

Então, mais do que esclarecer quais são os objetivos desta monografia, também é preciso explicitar quais não são. Esclareço, desde já, e nunca é demais repetir, que esta monografia não pretende fazer qualquer juízo de valor sobre a postura de *O Globo*. Isso porque, avaliar se o jornal agiu de maneira correta ou não, é uma questão muito mais complexa do que se pensa, e levaria mais tempo para ser desvendada.

2. A importância da imprensa na política.

Este capítulo pretende contar uma breve história da imprensa no Brasil desde os seus primórdios. A importância dessa narrativa é mostrar como os veículos de comunicação sempre foram utilizados para conquista de vitórias políticas de variadas maneiras.

Curioso nesta história é notar que, de uma forma ou de outra, a imprensa sempre esteve envolvida com determinadas lutas políticas. No entanto, nem sempre a mídia, ou aqueles que dela se utilizavam, apresentava as mesmas táticas quando uma decisão política estava em jogo.

A intenção dessa parte do trabalho não é contar detalhadamente como isso se deu ao longo dos anos na história brasileira. O objetivo é tentar esclarecer um pouco como os veículos de comunicação, queiram ou não, sempre possuem um poder enorme de contribuir para mudanças significativas na realidade do nosso País.

Também é de interesse do estudo relatar, depois, como se dá a relação entre políticos e jornalistas no cotidiano. Na medida do possível, são citados exemplos de como cada um pode se beneficiar por meio desse complicado jogo de interesses.

2.1. Imprensa: instrumento de luta política desde a colônia.

A chegada da Família Real no Brasil, em 1808, resultou em diversas transformações no País. O Rio de Janeiro, capital na época, foi a cidade mais contemplada pelas mudanças. Criou-se uma grande estrutura para receber D. João VI e seus súditos. Entre as novidades estava a imprensa.

Era a primeira vez que se dava autorização para imprimir jornais na colônia. Antes, eles vinham importados da metrópole com notícias atrasadas em demasia. Traziam informações sobre o Velho Mundo que interessavam, acima de tudo, à elite colonial, afetada diretamente pelas decisões do rei lusitano.

Com a sede da corte portuguesa estabelecida no Brasil, os jornais produzidos no Rio serviam, principalmente, como uma espécie de diário oficial da monarquia. Havia pouca ou quase nenhuma liberdade de imprensa. A “grande” mídia servia para atender às demandas burocráticas estatais ou para noticiar amenidades do cotidiano dos nobres.

Já naquela época, porém, havia uma exceção. Era o Correio Brasiliense, de Hipólito da Costa. O impresso, que era trazido clandestinamente da Inglaterra, pode ser considerado o primeiro jornal de oposição ao governo dos portugueses, pois não passava pelos censores, procedimento obrigatório na época.

A situação só iria mudar em 1821, quando D. Pedro I decreta o fim da censura prévia no Brasil. Esse ato impulsiona a imprensa no País. Surgem diversos jornais, em sua grande maioria para atender a interesses políticos. Bastava que uma classe tivesse uma demanda para se pensar na criação de um jornal com o objetivo de pressionar o governo a atender determinado pedido.

A instauração do modelo de governo republicano no Brasil, em 1889, também provocou mudanças nos jornais. Antes meros libelos utilizados para a busca de uma causa política, eles se tornaram empresas em busca do lucro. A importância da imprensa nas decisões políticas brasileiras, entretanto, não acabou.

Um exemplo disso é a força dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. O empresário pernambucano foi o primeiro a tentar criar uma rede de veículos de comunicação a nível nacional. O processo aconteceu com o surgimento de jornais que se espalharam por todo o País e, mais tarde, com a criação da revista O Cruzeiro.

Para se perceber a importância dessa publicação na história política do Brasil, é possível citar o exemplo do golpe de 1930, que trouxe Getúlio Vargas ao poder. O biógrafo do pernambucano, Fernando Moraes (1994), conta em seu livro o uso que os veículos de comunicação de Chateaubriand fizeram da morte de João Pessoa, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio.

Ele escreve que o corpo de João Pessoa foi trazido do nordeste para ser enterrado no Rio de Janeiro com a intenção de que o seu assassinato fosse usado para atacar a chapa de Júlio Prestes. Durante o caminho do cadáver, os veículos de Chatô fizeram uma ampla cobertura da morte de Pessoa, contribuindo amplamente para o clima de insurgência que culminou na Revolução de 30.

Chateaubriand e a Aliança Liberal tinham efetivamente conseguido transformar o cadáver de João Pessoa em uma verdadeira 'baleia encalhada numa praia de famintos'. As últimas fatias daquele cetáceo político foram devoradas em oito páginas na edição seguinte de *O Cruzeiro* – que, sob o título 'O exaltador funeral do presidente da Paraíba, transformaram o enterro da vítima de um crime passional em uma colossal apoteose política. (MORAES, 1994, p. 221)

Depois de Chatô, surgiram outros empresários do ramo das comunicações que tiveram notável importância na confecção dos rumos da história do Brasil. O destaque fica por conta de Roberto Marinho, que criou a TV Globo, até hoje considerado o principal veículo de comunicação do País. Sobre ela e as Organizações Globo, em geral, um capítulo do estudo falará mais adiante.

2.2. Interdependência entre políticos e jornalistas

Como se pôde verificar, a imprensa sempre esteve presente na vida política do Brasil. E essa participação se dá por diversos meios. Os grandes empresários da imprensa, por exemplo, podem usar sua influência junto à opinião pública para conseguir os mais variados benefícios. Isso porque imprensa e políticos vivem uma relação de interdependência bem forte.

De um lado, o político sempre depende da imprensa. É ela quem lhe dá a visibilidade suficiente para que possa ganhar o apoio da opinião pública. Uma aparição de um parlamentar no Jornal Nacional, por exemplo, pode ser fundamental para firmar a sua popularidade.

É claro, na hora das eleições, quando determinado político espera se manter por mais quatro anos sem seu cargo ou eleger um sucessor, o que conta é o voto da população. Uma campanha eleitoral que tenha uma expressiva arrecadação de dinheiro sai na frente na hora da disputa, mas isso não é tudo.

Um candidato precisa ser conhecido. Essa é a primeira condição para que alguém seja escolhido em uma eleição para qualquer cargo público. Com dinheiro é um pouco mais fácil se tornar popular, mas para conquistar a tão sonhada visibilidade diante da população é preciso que o político tenha certas qualidades.

Boa retórica é fundamental. O político precisa saber se portar diante de uma platéia lotada e se aproximar do eleitor. A campanha nas ruas é importante para estabelecer contato com os responsáveis pela escolha. Esse tipo de ação pode fazer o político ganhar simpatizantes. No entanto, ela não permite que o candidato fale para uma grande quantidade de pessoas ao mesmo tempo.

É, então, por meio dos veículos de comunicação que o político tem uma chance maior de se fazer ouvir pelas multidões. Com espaço no rádio, jornal televisão, o político entra em contato com um acentuado número de pessoas simultaneamente. Seu rosto fica famoso, sua voz, conhecida.

Mas não é fácil conseguir isso. A imprensa não tem tanto espaço para mostrar a atuação de todos os políticos. O tempo é pequeno ou não há folhas suficientes. Além disso, há de se ordenar as notícias de acordo com a sua importância. Afinal de contas, um veículo de comunicação é, essencialmente, uma empresa privada.

O proprietário de um veículo, por mais que tenha interesses políticos, precisa fazer a sua empresa lucrar. Não pode publicar apenas as notícias de interesse pessoal. Essa relação é muito mais complexa do que parece. Na hora de fechar um jornal, é preciso avaliar a relevância de determinadas reportagens.

Quanto melhor estiver o jornal, mais provável que ele venda mais exemplares ou atraia mais telespectadores ou ouvintes. É uma regra que deve ser seguida. E claro, quanto maior o número de pessoas consumindo o seu produto, maior é o valor de seu produto dentro do mercado.

Seguindo essa lógica, mais notícias de interesse do público, mais vendas e audiência. Um público maior leva, conseqüentemente, um veículo a ter mais anunciantes, que pagam cada vez mais para terem propagandas de seus produtos publicadas ou veiculadas.

Para os políticos, é essencial entender a lógica que rege o funcionamento da imprensa. Não basta que ele seja bem relacionado ao empresário do ramo das comunicações e atenda aos seus interesses para que sua imagem seja positiva em determinado veículo. É preciso que o político traga notícias.

O jornalista dono de um veículo precisa de audiência, leitores ou ouvintes, mas não vai conseguir isso sem as notícias. Exibir declarações sem relevância de um político com quem tenha uma boa relação, apesar de ajudar na “diplomacia”, não é uma fórmula financeiramente viável.

É preciso lembrar que os políticos não aparecem em telejornais ou jornais apenas dando declarações. Uma notícia sobre determinada ação da prefeitura, por exemplo, pode

ser considerada uma matéria política do ponto de vista construção da imagem de um governante na imprensa.

Mas há em toda a imprensa o temor de realizar uma matéria “chapa branca”. Não basta noticiar uma ação de determinado governo apenas para enaltecer as realizações de um político. Na maioria das vezes é preciso mostrar alguma novidade, algum fato diferente que justifique uma matéria dentro do jornal.

Dessa maneira, fundamental para o político, além de ter boas relações na imprensa, é saber criar notícias. Essa é a principal obsessão dos jornalistas, seja de qualquer veículo. E o político que sabe o que é notícia e o que não é sai em vantagem em relação aos adversários quando o assunto é exposição na mídia.

Um dos exemplos mais clássicos de um político com essa habilidade no Brasil é o de Fernando Collor. Em Notícias do Planalto, Mário Sérgio Conti (1999) conta que, quando começou a aparecer na mídia em nível nacional, o ex-presidente, então eleito governador de Alagoas, deu aos jornalistas o que eles queriam: notícias.

O caso mais notório foi quando Collor anunciou, antes mesmo de tomar posse, em 1986, que iria acabar com os “marajás” de Alagoas. A ação do político alagoano foi iniciar uma espécie de guerra contra os funcionários públicos que enchiam as folhas salariais do estado sem trabalhar.

Era uma medida polêmica e que certamente valeria matérias. Em pouco tempo Collor era tema de reportagens de diversos veículos de alcance nacional. Ele sabia exatamente o que os jornalistas desejavam e fazia um espetáculo diante das câmeras e nas páginas de jornais. Os veículos de imprensa, é claro, corriam o risco (e correram) de expor um político e atender aos seus interesses. Mas é preciso correr atrás das notícias.

A história mostrou que Collor não foi exatamente o “caçador de marajás” que dizia ser. As denúncias de corrupção do seu governo foram estourando aos poucos na grande imprensa até o momento em que o Congresso aprovou o seu impeachment. Os mesmos jornalistas que o ajudaram a assumir o poder também foram os que lhe atacaram ao fim do governo.

Não é possível dizer se o mesmo aconteceria sem a atuação da imprensa, mas não se pode ignorar a importância dela tanto na ascensão como no ocaso do alagoano. De uma

hora para outra, com a capa de uma revista, a popularidade de uma pessoa pode ir aos céus ou descer até os terrenos mais profundos.

Por causa disso não há político, atualmente, que despreze a importância da mídia para a sua vida pública. O melhor dos mundos para um aspirante a um cargo público eletivo é uma afinidade com os jornalistas. Deste relacionamento podem resultar excelentes frutos para ambos.

Para ambos porque os jornalistas também dependem de políticos, isso é certo. Um homem do poder, via de regra, sempre é boa fonte de notícias. Não faltam exemplos de matérias “passadas” para jornalistas diariamente. Na maioria das vezes, ela serve aos interesses de políticos e jornalistas.

No caso do primeiro, além da questão da visibilidade, pode ser o ataque a um adversário. Quase sempre por trás de uma matéria de denúncia há o dedo de alguém que vai se beneficiar de alguma forma com a divulgação de determinada informação. Difícil é encontrar alguém que “venda” uma matéria sem nenhum interesse.

Uma notícia verdadeira e de relevância, por outro lado, é de grande interesse para o repórter. Assinar uma reportagem que seja repercutida mais tarde pelos outros veículos é o que dá prazer a um jornalista. Sem falar que a participação em grandes matérias lhe dá status suficiente para um eventual aumento de salário.

Quando está diante de uma boa notícia, o primeiro passo do jornalista é analisar, eticamente, se o certo é que ela seja publicada. Depois disso, caso a resposta seja positiva, o ideal é apurar a veracidade do material recebido ouvindo-se todos os lados envolvidos no fato. Passada essa etapa, é hora de divulgar a notícia. Nesse momento, não é tão relevante saber quem é a fonte.

Com a proximidade das eleições, essa relação entre políticos e jornalistas se torna mais estreita e complexa. O interesse de um candidato, para alcançar seus objetivos, é ter uma exposição positiva na mídia. Ao mesmo tempo, também o ajuda que o contrário aconteça com o seu adversário.

Graves denúncias noticiadas contra um concorrente direto ao cargo que pretende ocupar também são muito bem-vindas para determinado candidato. Já o jornalista, por sua vez, sempre está em busca de notícias. Ora, se um político, na condição de candidato,

oferece uma grave denúncia contra o adversário, cabe ao repórter publicá-la, desde que elas sejam verdadeiras e interessem ao público.

Entretanto, essa é apenas a teoria. Na prática, esse tipo de situação é muito mais complexa. Uma notícia grave contra determinado candidato não vai ser divulgada antes de passar por diversos filtros dentro do próprio veículo. A preocupação com a veracidade das informações é ainda maior quanto mais relevantes for uma notícia.

Neste sentido, é pertinente citar o exemplo do prefeito Cesar Maia. Diariamente, ele faz comentários em seu ex-blog e não é raro escrever alguma informação que, no dia seguinte, se transforma em notícia. Um caso interessante pode ser a matéria publicada em *O Globo* no dia 17 de setembro deste ano.

O prefeito, para atacar Crivella, divulga denúncias feitas pelo ex-evangélico Caio Fábio contra a Igreja Universal. A reportagem, intitulada “Prefeito usa declarações de Caio Fábio, candidato do PRB diz que é desespero”, repercutia informação publicada no chamado ex-blog do prefeito com o intuito claro de tentar, além de fazer acusações contra Crivella, transferir votos deste para sua aliada, a candidata Solange Amaral (DEM).

O prefeito Cesar Maia (DEM), que apóia a candidata Solange Amaral, divulgou ontem em seu ex-blog denúncias feitas pelo pastor Caio Fábio contra a Igreja Universal do Reino de Deus para atacar a candidatura a prefeito de Marcelo Crivella (PRB). Cesar traz à tona denúncias de envolvimento da Universal com o narcotráfico feitas por Caio Fábio, que o prefeito chama de “um líder evangélico de esquerda e dirigente do Viva Rio que foi prestigiado até os anos 90” e que foi acusado depois de usar recursos de programas sociais. (BOTTARI; MASCARENHAS; VASCONCELLOS, 2008, Cedoc)

Este é um caso emblemático de como políticos podem passar uma informação para jornalistas com o intuito de atacar um adversário. Muitos outros casos como esse também ocorrem, mas este foi escolhido porque pode-se analisar quem foi a fonte utilizada na matéria. Em boa parte das vezes o político passa as informações comprometedoras sobre determinado adversário em *off* e seu nome não é citado.

Por meio de uma capa de revista ou um VT na televisão, um jornalista pode mudar os rumos de uma eleição. Obviamente, não mudará os rumos de um pleito sozinho, mas pode-se dizer que tem grande participação no episódio. Sua matéria vai influenciar a opinião pública e, conseqüentemente, terá algum impacto nas urnas.

Dentro dessa ótica, surge outra questão. Ao divulgar denúncias sobre determinado candidato o jornalista está sendo isento ou imparcial? Não é uma pergunta de fácil resposta. Ainda mais quando a fonte das informações é, como dito acima, um adversário do denunciado.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros não dá uma resposta clara para essa questão. O inciso I do artigo 12º do código diz que o jornalista deve “ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas” (FENAJ, 2007).

Não há, no código, uma definição do que seria isenção jornalística. O mais próximo, como visto, é a obrigação de se ouvir o maior número de envolvidos em determinado fato a ser noticiado. Portanto, subentende-se que não há qualquer restrição ética explícita sobre a proibição de divulgações em período eleitoral.

A decisão pela divulgação ou não de tais informações passa muito mais pelo aspecto editorial de cada empresa. Nesse caso, o veículo deve debater internamente se é ou não de relevância para o público a divulgação de determinada informação que possa comprometer a campanha de um político.

Sempre há de se lembrar que divulgar uma notícia, dependendo de sua relevância, não é apenas uma questão ética, mas também empresarial. Caso decida por não divulgar uma denúncia, o veículo corre o risco de ter prejuízos, uma vez que um concorrente pode não agir da mesma forma.

Além de ser uma questão ética e empresarial, a divulgação de uma denúncia sobre determinado candidato é também uma questão política. Pode ser que a notícia atinja diretamente um candidato que seja aliado ou tenha a simpatia do empresário que controla o veículo de comunicação.

Ora, é, no mínimo, inconveniente, o dono de uma empresa de comunicação ter de se deparar com uma notícia apurada por seu funcionário que vá prejudicar um político com o qual tenha simpatia ou conte com o apoio. Ao mesmo tempo em que a divulgação de tal informação pode lhe causar prejuízos, é um dever torná-la pública.

Pelo menos é o que diz o inciso I do artigo 2º do Código de Ética dos Jornalistas. O item lembra que “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de

comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas” (FENAJ, 2007).

O inciso V do mesmo artigo complementa dizendo que “a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantindo o sigilo do denunciante”.

Caso conheça essas regras, o proprietário de uma empresa de comunicação saberá que tem o dever de divulgar as tais denúncias, mesmo se elas forem de encontro com suas posições e interesses. No entanto, em todas as redações há jornalistas que vêem uma matéria contra uma pessoa ou instituição “blindada” deixar de ser divulgada. Quem já trabalhou em um jornal, por exemplo, sabe muito bem o significado da palavra “recomendada”.

Tais movimentos, porém, nunca são realizados de maneira aberta, mesmo dentro de uma redação de jornal. O apoio ou simpatia por certo político ou instituição nunca pela parte do dono de uma empresa de comunicação não é tão aberto quanto poderia, ou talvez, deveria ser.

No interior de uma redação, vale lembrar, existem vários tipos de cargos entre os jornalistas. Há, naturalmente, aqueles que trabalham nas ruas apurando as matérias e também ocupantes de cargos de direção. Esses últimos não são, necessariamente, os proprietários da empresa, mas respondem diretamente a eles.

É ilusão pensar que dentro de uma redação os jogos e relacionamentos entre os empresários das comunicações e políticos são tão abertos. Trata-se de uma relação que (talvez) só seja explícita no alto escalão de uma empresa. Nessa esfera, a importância dos critérios jornalísticos, muitas vezes, é deixada de lado para se levar em conta os critérios econômicos e financeiros.

Dessa maneira, uma posição explícita do proprietário de uma empresa de comunicação sobre os seus preferidos no mundo da política pode ser prejudicial aos negócios. Ainda mais quando se fala de um período eleitoral, em que o resultado das urnas pode ser muito importante para os rumos da empresa.

Sabendo desses riscos, os homens fortes das comunicações no Brasil adotam a postura de se manterem neutros durante a disputa. Isso, pelo menos, de maneira oficial. De

maneira não-oficial, um veículo pode sim ser usado para tentar alavancar ou não a candidatura de determinado candidato.

Isso pode ser feito por meio de matérias. Um simples título de uma reportagem pode deixar bem explícito qual é a posição de determinado veículo em relação a um candidato. As razões para tal apoio podem ser as mais diversas: pura preferência pelo político ou até mesmo a promessa de que o veículo não passará por dificuldades financeiras durante a gestão de determinado político.

A ajuda financeira pode vir de várias formas. No entanto, a mais tradicional delas é o anúncio. Cada minuto de propaganda na televisão ou uma página de um jornal com a divulgação de campanhas publicitárias significa receita nas mãos das empresas de comunicação.

Além disso, é notório que políticos, quando no poder, podem exercer a sua influência para conseguir realizar determinados favores para os que o apoiaram. Pode ser de tudo: uma notícia em primeira mão, a mudança em uma lei ou até o perdão de algumas dívidas que a empresa possa ter com o poder público.

Matéria da Revista *Carta Capital* publicada no dia 12 de julho de 2006 é uma prova de como jornalistas dependem de políticos. O favor do segundo pode resultar em um apoio do primeiro. Esse era um dos temas colocados em discussão na reportagem “Relação Nada Casual”, que falava, justamente, dos laços entre políticos e donos de empresas de comunicação.

Maio de 2002. Lula lidera as pesquisas. A mídia, e em especial a Rede Globo, atravessa a pior crise financeira da história. Capitaneado pela base de FHC, o Congresso retira da gaveta o projeto que altera a Lei 222 e permite a empresas jurídicas e companhias estrangeiras controlarem até 30% do capital dos meios de comunicação brasileiros. No mesmo ano, o BNDES aprova novo empréstimo de cerca de 300 milhões de reais à Globocabo, braço da tevê por assinatura da família Marinho. O governo acena com a extensão do benefício a outras empresas do setor. O chamado Proer da Mídia não obteve o resultado esperado. José Serra, o candidato oficial, perde as eleições. (LIRIO; SOUSA, 2006, p. 20)

Seria ingênuo da parte de qualquer pessoa pensar que, durante uma campanha, um político faça promessas para todos os segmentos da sociedade, como taxistas, comerciantes ou professores, mas não as faça, mesmo que indiretamente, para empresários

dos ramos da comunicação. Uma eleição é a oportunidade para todos cobrarem políticas públicas que favoreçam aos seus interesses.

No ramo das comunicações, entretanto, essas negociações podem ser realizadas de maneira velada, não tão explicitamente como ocorre nas outras classes. Uma das explicações para isso também pode ser o fato de que um número muito grande de donos de empresas de mídia no Brasil.

A discussão que cabe sobre esse jogo, entretanto, não é saber se ele ocorre ou não. O que pode ser questionado na conduta de políticos e empresários da comunicação é a maneira como ele é feito. É possível questionar se a isenção jornalística e até a credibilidade da empresa não ganharia pontos se essas negociações não fossem realizadas nos bastidores.

No Brasil da Nova República há poucos ou nenhum exemplo de empresários do ramo das comunicações que tenham exposto para o público qual a sua posição diante de uma corrida eleitoral. Há, em nosso País, o entendimento de que a tomada explícita de posição pode prejudicar os interesses de uma empresa.

Esse tipo de posição não é o mesmo que se vê, porém, no jornalismo de outros países. Nos Estados Unidos, boa parte dos jornais assume publicamente em editoriais as suas preferências por determinado candidato em uma eleição. Assim como na França, por exemplo, os veículos seguem determinada linha partidária, expondo suas opiniões de acordo com as convicções.

Diferente do que acontece na imprensa brasileira. Aqui, os jornais não se comprometem com um outro político durante a corrida eleitoral. Dessa maneira, resolvem dois problemas de uma só vez: se colocam como isentos e imparciais e não correm o risco de ganhar um inimigo pelos próximos quatro anos.

Entretanto, é preciso ressaltar que, mesmo sem expressar suas opiniões sobre determinados candidatos em uma corrida eleitoral, não é raro ver uma empresa de comunicação defendendo ou atacando um dos pretendentes a um cargo. No caso deste estudo, não há a tentativa de decifrar qual candidato o jornal *O Globo* estaria apoiando com base nas matérias publicadas.

Apesar de não assumir uma posição pública em relação ao político que apoiaria durante o pleito, o impresso, e isso será verificado mais adiante, parece ter deixado clara a

sua intenção de contribuir para que o candidato do PRB não chegasse sequer ao segundo turno.

Foi exatamente isso que aconteceu. Não se sabe, porém, qual foi o peso da contribuição de *O Globo* para que Crivella não passasse do primeiro turno. Fato é que, com o passar do tempo, sua porcentagem de votos foi caindo nas pesquisas até que, no dia das eleições, ficasse em terceiro lugar, atrás de Eduardo Paes (PMDB) e Fernando Gabeira (PV).

Não é, vale explicitar mais uma vez, a intenção deste estudo verificar qual é a contribuição de *O Globo* para a derrota de Crivella. Ao mostrar as matérias publicadas sobre o candidato do PRB e elucidar algumas histórias pertinentes, tenta-se explicar, ou, pelo menos, chegar a uma das possíveis razões para os constantes ataques do impresso contra o ex-bispo.

3. Quadro Teórico.

Antes de se passar a análise do discurso do jornal Globo sobre a campanha de Crivella, propriamente dita, é preciso verificar quais são as teorias existentes sobre o discurso. Nesse contexto, é necessário, em primeiro lugar, saber também quais são as possíveis definições do conceito de discurso.

Isso porque, uma vez que há diferentes interpretações sobre o que vem a ser o discurso, é possível realizar essa análise seguindo diversas correntes de pensamento. Dessa maneira, definir o discurso é, acima de tudo, procurar quais são as maneiras de interpretação sobre ele. Da mesma forma, é definir quais são as forças que o discurso exerce na sociedade e, também, de que forma a sociedade exerce influência sobre ele.

3.1. Definições de discurso.

Uma das primeiras formas de interpretação sobre a definição de discurso que encontradas é a platônica. O filósofo grego, em seu Mito da Caverna, expõe o exemplo de homens que vivem acorrentados no interior de uma caverna e nunca tiveram contato com o mundo real.

Platão (2004) diz que, presos, esses homens enxergariam apenas as sombras de pessoas que passam pelo lado de fora da gruta. Dessa maneira, a interpretação de mundo desses homens estaria comprometida, já que eles não enxergariam a realidade da maneira como ela, de fato, é.

Essa interpretação nos leva a crer, talvez de maneira equivocada, que há uma realidade exterior. Uma realidade sobre a qual não há influências interpretativas ou que não seja encoberta pelas sombras. Dessa forma, é possível concluir que Platão pressupõe a existência de duas realidades distintas.

A primeira delas é a verdadeira e pura, que os homens presos na caverna não conseguem enxergar, a não ser pelas sombras. Já a segunda seria a vista por eles, sujeita a interpretações e distorções da verdadeira realidade. São apenas imagens do que seria o real.

A grande diferença em relação à teoria de Platão, transpondo-a para a definição de discurso, está no fato de que não há mais a crença de que exista um discurso (realidade)

livre de interpretações e forças externas. Pelo contrário, as atuais teorias do discurso mostram que ele, em vez de ser uma mera representação de uma realidade, é também a própria realidade.

O discurso é uma força que atua sobre a realidade e ajuda a construí-la, assim como também é construída por ela. É uma força que ajuda a moldar, além da realidade, outros discursos posteriores. Mas esse processo é mais complexo do que parece, já que, dentro de um discurso, não há apenas os pensamentos de seu criador.

Há também diversas outras forças que atuam sobre esse discurso. Forças que podem ser a do próprio sujeito que o enuncia, assim como também pode ser a força do sujeito que a recebe. Esse segundo caso pode ser observado com mais clareza ainda nos dias atuais, já que há uma intenção de interatividade entre jornais e seus leitores, no caso da imprensa.

A força dos leitores no caso dos jornais também ajuda a moldar o discurso do próprio jornal. Um exemplo são as simples reclamações ou cartas (atualmente e-mails) que os leitores enviam para as redações. A partir de uma informação recebida de um receptor, é possível que o emissor crie um discurso que, por sua vez, pode alterar a realidade de certos indivíduos, provocando uma reação.

E é dessa forma que a teoria de Platão, quando aplicada ao discurso, pode ser considerada um pouco equivocada. Os receptores das imagens estão acorrentados e não têm qualquer poder sobre a formulação delas. Seria uma grande ingenuidade, no mínimo, pensar que os receptores de um discurso estão acorrentados a ele.

Não há uma massa de receptores passivos em relação às mensagens recebidas. Todas as vozes, na confecção de um discurso, têm maior ou menos influência nesse momento. Pelo menos, é assim que pensam diversos teóricos, entre eles Norman Fairclough (2001).

A sua teoria trata o discurso como uma prática “tridimensional”. Para Fairclough, o evento discursivo é composto por três aspectos que devem ser levados em conta na hora de sua análise. São as dimensões do texto, da prática discursiva em si e também da prática social.

De acordo com Fairclough, os textos, ao mesmo tempo, ajudam na representação da realidade, na ordenação das relações sociais e no estabelecimento das identidades sociais. O autor também destaca que o discurso é moldado pelas relações históricas que o antecedem.

Dessa maneira, o discurso, para Fairclough, também construído por fatos que ajudaram a montar a sua estrutura.

Esse tipo de percepção do discurso é observado no caso de um texto construído em tempos de censura. Nesse caso, o discurso passa por filtros construídos por meio de um contexto histórico que, inicialmente, nada tem a ver com ele. Dependendo da época em que esse discurso é produzido, serão diferentes os resultados obtidos a partir dele.

Uma análise de discurso baseada nas teorias de Fairclough mostraria as relações ocultas que envolvem a sua confecção. São todas as lutas e combates que evoluem a produção de um discurso e como essas lutas vão influir, de uma forma ou de outra, no resultado final.

Na teoria de Fairclough há conceitos que vão estar sempre inerentes ao discurso e em sua construção. A ideologia, a incorporação de grupos subordinados, alianças e consentimento de defensores de certa corrente sempre estarão presentes em um discurso.

O caso de um político, por exemplo, que em algum momento ou com o decorrer dos tempos, mude as suas idéias em relação a certo assunto pode ser um reflexo de suas alianças. Ao longo dos anos, um político que era considerado radical pode ter se tornado um moderado a partir do momento em que suas idéias são modificadas através do contato com outras idéias.

Transpondo as teorias de Fairclough para este estudo, também seria possível tentar verificar quais são os controles externos que influem na elaboração do discurso do jornal *O Globo* sobre a cobertura da campanha de Crivella. Dessa maneira, seriam analisadas as restrições e negociações que ajudam a moldar o discurso explícito em determinada reportagem sobre o assunto.

Um exemplo de como isso poderia acontecer seria o caso de, hipoteticamente, um jornalista responsável pela cobertura do candidato ter a convicção de que ele seria o melhor prefeito para o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, poderia ocorrer a existência de um discurso hierarquicamente superior, na estrutura da empresa, que não concordasse com as idéias do funcionário.

Assim, em torno das lutas e negociações pela hegemonia do discurso e como deveria ser feita determinada matéria, a voz superior se sobreporia à inferior. Obviamente,

o direcionamento da matéria seria diferente do que desejava o seu autor. O discurso dele seria suprimido (é bom dizer que nunca completamente) no trabalho em questão.

De forma semelhante Michel Pêcheux (1995) também interpretaria essa situação. O francês acredita que o discurso seja a forma matéria lingüística da ideologia. Ele diz que o termo “discurso” pode ser definido como o uso ideológico da técnica da linguagem. Com isso, Pêcheux identifica que cada posição encontrada em um discurso é reflexo de determinada ideologia.

Essas posições podem ser encontradas por meio de determinadas palavras utilizadas em cada discurso. Para Pêcheux, há expressões ou vocabulários que ajudam a identificar a maneira como esse discurso foi feito e quais são as suas finalidades ideológicas. A posição de um discurso, portanto, poderia ser descoberta por meio da análise semântica dos elementos que o compõem.

Não significa, porém, que determinada palavra ou expressão tenha uso exclusivo para a formação de uma posição ideológica. A concepção dele não é tão simples assim. Tratam-se, mais do que expressões ou palavras, da maneira como elas se combinam no interior de um enunciado.

Pêcheux diz que as mesmas palavras e expressões podem ser usadas no discurso de dois discursos antagônicos, mas em combinações diferentes. O sentido de uma expressão pode ser variável de acordo com o contexto usado para a construção de um discurso. A sua finalidade discursiva só pode ser compreendida por meio das combinações de expressões e, então, a partir da dedução das intenções que se escondem por trás de um discurso, muito reveladas pela elucidação das características ideológicas do emissor.

Tal método de análise discursiva é chamada pelo francês de face lingüística de um domínio de pensamento. Esses domínios, por sua vez, estão ligados diretamente a sujeitos sociais constituídos por formações discursivas particulares. Cada característica, então, pode ser identificada como inerente à determinada ideologia.

A conseqüência dessa corrente de pensamento é tomar o sujeito do discurso como o resultado de seus domínios de pensamento. Pêcheux acredita que os sujeitos percebem a si mesmos como fonte dos sentidos da formação discursiva que criam, mas não têm consciência dessa condição. Os sujeitos, dessa forma, são traduzidos pelos temores,

expectativas e compreensões em relação à realidade, traduzindo tais concepções no discurso que formulam.

As definições de discurso apresentadas nesta teoria são, de certa forma, opostas às idéias nas quais Michel Foucault (2003) leva em conta no momento de análise de um enunciado discursivo. Ao contrário de Pêcheux, Foucault compreende que o sujeito é o resultado de um discurso, ou de vários discursos que podem ser, inclusive, antagônicos.

3.2. Foucault e o discurso.

Antes de descrever os princípios da sua teoria de análise, Foucault afirma que, em nossa sociedade, a produção do discurso passa por diversos mecanismos de controle. O objetivo dessa ação é dominar os perigos e acontecimentos aleatórios que podem ser causados por determinado discurso.

Esses filtros evitam que os discursos resultem em embaraços ou perigos. As ações, então, funcionam como uma espécie de censura que ajuda na concretização satisfatória das finalidades de um discurso. E, como se pode ler na teoria de Foucault, a importância de um discurso que atenda aos anseios de seu criador é grande.

Como argumento, ele ressalta que um discurso não é, simplesmente, um espelho da realidade. Um discurso, diz o filósofo, não é a representação material da luta pelo poder, mas o próprio objeto da luta. Dominar o discurso é o anseio dos que, de uma maneira ou de outra, participam da sua produção. Pois o discurso é sinônimo de poder.

Mas um poder que não é tomado ou exercido com facilidade. O autor de um discurso sempre é receptor de discursos, que também exercem "poder" sobre ele. As mensagens chegam a ele das formas mais variadas e, de certo modo, são refletidas em seu discurso. Pode-se dizer, até, que dentro de um discurso há a luta de diversos discursos, todos tentando exercer uma hegemonia.

No caso do jornalismo, isso acontece em uma matéria sobre segurança pública. Entrevista-se um sociólogo para explicar o fenômeno. Também é ouvido um personagem, que representa a emoção diante de um acontecimento. Depois, há os números. Mostram-se estatísticas sobre casos de assalto em determinado bairro ou cidade. Por último, uma autoridade do poder público.

Todos esses discursos representam, cada um, uma visão diferente sobre tal assunto. São diferentes discursos sobre segurança e todos tentam, de certa forma, ser hegemônicos. É claro, o repórter, a partir do momento em que escolhe determinada palavra ou organização para o texto, também está "discursando".

Isso para não se falar dos discursos que foram ignorados, ou que não foram considerados pertinentes para serem usados sobre o tal assunto. Afinal de contas, quantas vezes já se ouviu um padre, ou um biólogo sobre segurança? Será que eles tem algo a falar sobre isso? Sim. Sempre. O que cabe ao repórter é fazer essas escolhas, mesmo que inconscientemente.

Não há, assim, a possibilidade de elaboração de um discurso neutro, criado em uma realidade alheia às influências de outros discursos. O jornalismo, obviamente, também está incluído nesse grupo. Assim, não é difícil fazer cair por terra o mito das reportagens "neutras" e "imparciais".

A grande questão, porém, não é essa. O nosso maior objetivo não é discutir se tal matéria é ou não objetiva. Ou o que poderia ser feito para que determinado discurso (neste caso o do jornal *O Globo*) chegasse mais perto da neutralidade. O objetivo dessa pesquisa é descrever os procedimentos utilizados nos discursos de *O Globo* sobre Marcelo Crivella.

É preciso analisar os mecanismos utilizados pelo impresso para "pintar" o que seria o retrato do senador em suas páginas e com quais objetivos. E, para isso, é preciso entender como funcionam esses mecanismos. Como cada um deles é empregado por jornalistas, de maneira consciente ou não, para a "construção" de Crivella.

3.3. Mecanismos externos.

Foucault enumera alguns procedimentos de exclusão que reconhece nos discursos. O primeiro deles é chamado pelo francês de interdição. Esse mecanismo nada mais é do que a invalidação do discurso de determinados sujeitos sobre determinados assuntos. O filósofo diz que “qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. (FOUCAULT, 2003, p.09)

As interdições, segundo Foucault, se dividem em, pelo menos, três tipos distintos. São o tabu do objeto do discurso, o ritual da circunstância, o direito privilegiado e a

exclusividade do sujeito da fala. Essas subdivisões, segundo o francês, estão em constante cruzamento e não param de se modificar.

Em sua descrição sobre os mecanismos de interdição do discurso, Foucault destaca os campos da política e da sexualidade como as “regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (FOUCAULT, 2003, p.09). Nesses dois casos, diz o filósofo, estão os piores poderes causados pela interdição.

Como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (...) as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 2003, p. 09-10)

Dessa maneira, o tema da interdição pode ser trazido para a análise a ser realizada nesse estudo. No campo da política, a interdição pode ser entendida como a exclusão dos discursos de diversas correntes simplesmente pelo fato de que determinado político esteja “enquadrado” como inapto para revelar sua opinião sobre algum assunto.

O procedimento da interdição é percebido de maneira mais sutil no caso de matérias jornalísticas. A exclusão é feita a partir do momento em que o jornalista ou editor escolhe determinada pessoa para falar. Trata-se do caso de ritual da circunstância, onde o campo de discursos possíveis é restrito a determinados grupos ligados a um assunto.

A visão de Foucault sobre a interdição no campo da política é o fato de que ela é uma espécie de objeto sobre o qual há um tabu. Não há extrema clareza nos discursos políticos e eles nem sempre são transparentes como deveriam ser. Um jornalista que trabalha nesta área, por exemplo, muitas vezes precisa romper o tabu que envolve a política. Uma informação sobre decisões políticas que, teoricamente, deveria ser de conhecimento público não é.

Um outro princípio de exclusão descrito por Foucault é a separação e a rejeição. O exemplo citado pelo autor para descrever esse tipo de mecanismo de controle é a oposição entre a razão e a loucura. De acordo com ele, o discurso do louco é considerado, desde a Idade Média, como aquele que não pode circular como o dos outros.

Pode ocorrer que a sua palavra seja considerada como nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na Justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no

sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.
(FOUCAULT, 2003, p.10-11)

O discurso do louco também é considerado na sociedade, segundo Foucault, como aquele que, por uma estranha ingenuidade, seja considerado como detentor de uma verdade escondida, quase que uma pronunciação de eventos futuros.

Mesmo que seja revestido de tais “poderes”, o discurso do louco, de qualquer maneira, é rejeitado. A palavra dos loucos, de acordo com Foucault, sempre acaba caindo no esquecimento, pois contém uma materialidade que não é considerada como plausível em relação aos padrões vigentes.

A identificação de um louco, diz Foucault, acontece por meio de suas palavras, que nunca estão de acordo com o que se consideram como racionais. Assim, a palavra do sujeito que perdeu as rédeas da razão só era levada em conta em campos como a arte, para citar um exemplo.

Ao contrário do que se possa pensar, no entanto, até hoje o discurso do louco sofre, de certa maneira, com a separação. Foucault explica que, nos dias atuais, para se chegar a essa conclusão basta pensar nos sistemas de pensamento, muito utilizados por psicólogos ou psicanalistas, que classificam um discurso como fora da razão.

O exemplo de exclusão de um discurso, classificando como o privado de sanidade, para o campo de nosso estudo pode ser o caso de uma palavra, de quem quer que seja, considerada fora dos padrões após a colocação de um chamado especialista nas ciências da mente.

No jornalismo, é possível dizer que não se trata de deixar de ouvir o discurso de alguém que seja considerado como louco. Mas apenas contrapor essa fala a um outro discurso, esse revestido de autoridade para colocar o primeiro em um lugar isolado. Avalia-se o discurso de uma pessoa e, depois o classificam.

O contrário também acontece na imprensa, é verdade. Há exemplos de matérias que falam sobre um comportamento inusitado de determinado grupo de pessoas, como, talvez, os nudistas. Depois de acompanhar esse grupo, ouve-se um psicólogo ou um especialista no assunto para classificar o comportamento dessas pessoas de determinada maneira.

Da mesma forma que o discurso chamado científico pode colocar alguém que não segue os padrões comportamentais de uma sociedade em um lugar separado, ele também

pode classificar os nudistas como um comportamento peculiar. Então, apuram-se as razões para que pessoas optem por essa filosofia de vida e, assim, agrupa-se elas em determinado padrão comportamental explicado racionalmente.

Esses dois primeiros procedimentos de exclusão, é preciso lembrar, estão em constantes modificações. De tempos em tempos, os princípios que regem a classificação de um discurso como algo a ser separado ou então algo a ser interdito são readequados às situações históricas vividas por uma sociedade.

Não possível classificar esses procedimentos como absolutos e eternos. Até mesmo porque há exemplos de civilizações que não entendem a interpretação dos discursos da mesma forma que outras. Certos padrões podem, simplesmente, cair em desuso. Reclassificados, eles não são mais considerados como um modelo a ser seguido.

Há uma constante luta para que determinados sujeitos ou instituições detenham a primazia do que seria o paradigma para determinar quais discursos devem ou não ser excluídos em certo momento. O conflito de idéias que desejam se tornar verdadeiras acontece sempre. Sempre há pressões de diversos lados. E ao vencedor dá-se o prêmio de exercer o discurso sem qualquer culpa.

É justamente por causa desses aspectos que Foucault reluta em classificar a oposição entre o verdadeiro e o falso como um terceiro sistema de exclusão. A razão para isso é o fato de que, para Foucault, é complicado comparar a força da verdade, que em tese é absoluta, com padrões discursivos temporais e limitados a determinados espaços.

O autor faz questão de ressaltar que há uma diferença entre os conceitos de verdade e de vontade de verdade. Enquanto o primeiro não é passível de questionamentos e não está sujeito a conflitos entre instituições para que uma primazia seja ratificada, o segundo deve ser analisado de outra forma, levando-se em conta as perspectivas de visão.

A vontade de verdade é definida pelo filósofo como um sistema histórico de exclusão que desenha-se através dos tempos. Diferente da verdade, esta até de certa forma inalcançável em sua forma absoluta, a vontade de verdade é passível de modificações que, assim, definiriam o discurso verdadeiro.

O que é verdadeiro, assim, não pode ser tomado apenas como o verdadeiro, pura e simplesmente. O verdadeiro é sempre o resultado de convenções que se configuram e se

modificam com o passar do tempo e formam a vontade de verdade de determinada época ou civilização.

Para se ter um exemplo, basta observar a situação, tão bem lembrada por Foucault, dos sofistas da antiga Grécia. Naquela época, o discurso verdadeiro era simplesmente aquele que era pronunciado por determinado sujeito. Na frase anterior, há até certa exclusão desse discurso, com a palavra “simplesmente” caracterizando o discurso dos sofistas. Dessa forma, tal classificação baseia-se na verdade produzida por outra vontade de verdade.

Os sofistas, explica Foucault, pronunciavam discursos que eram regras. Ele “não somente anunciava o que iria se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino” (FOUCAULT, 2003, p.15).

Depois de um século da aparição dos sofistas a vontade de verdade não determinava que a verdade estava atrelada no que era ou fazia o discurso, mas sim no que ele dizia. A verdade de um discurso estava relacionada à sua forma e a maneira pelo qual era construído.

Entre Hesíodo e Platão uma certa divisão se estabeleceu, separando o discurso verdadeiro e o discurso falso; separação nova visto que, doravante, o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder. O sofista é enxotado. Essa divisão histórica deu sem dúvida sua forma geral à nossa vontade de saber (FOUCAULT, 2003, p.15-16).

As mudanças nos conceitos da vontade de verdade, porém, nunca cessam. A todo o momento há aparições de novas vontades de verdades que pleiteiam se tornar verdades tomadas como absolutas. É o caso das descobertas científicas. Elas podem ser interpretadas como conseqüências de uma pesquisa aprofundada sobre determinado assunto, mas não podem deixar de serem lidas a aparição de novas formas de vontades de verdade.

Esse conflito de vontade de verdade é bastante pertinente quando se discutem as técnicas utilizadas no jornalismo atual. A atividade de comunicação jornalística tende, ou pelo menos tenta, basear suas informações em preceitos tomados como objetivos e cientificamente verificáveis.

Foucault ainda lembra que, em nossa sociedade, os discursos se fundamentam em outros discursos que representam uma vontade de verdade para poder ter uma base que sustente uma determinada tese. O autor inclusive dá o exemplo do sistema penal que,

inicialmente, procurou seus suportes em uma teoria do direito e, depois, em saberes sociológicos, psiquiátricos, médicos e psicológicos.

Mais importante é lembrar que a vontade de verdade talvez seja o sistema de exclusão mais importante dos que até agora foram apontados. Isso porque, enquanto a interdição e a separação se tornam mais frágeis com o tempo, a vontade de verdade é um sistema de exclusão que não cessa de se modificar.

À medida que as descobertas, pesquisas e experimentações fazem surgir outras vontades de verdade, o sistema se auto-recicla, tornando forte uma verdade que até então não era considerada como tal. Isso acontece na medida em que o tempo se passa e teorias são refutadas por outras teorias mais modernas ou, pelo menos, mais adaptadas aos saberes de certa época.

Por esse motivo, a vontade de verdade ainda serve para remodelar os outros sistemas de exclusão. Eles precisam se basear nela para poderem ter o seu êxito na exclusão de idéias e discursos contrários aos que prega. E Foucault ainda revela que outro aspecto da vontade de verdade é o fato de se “mascarar”.

O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que (...) procuram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade... (FOUCAULT, 2003, p.20)

Esses três procedimentos de controle do discurso acima citados são classificados por Foucault como externos. Eles funcionam, de acordo com o autor, como sistemas de exclusão e dizem respeito à parte do discurso que delimita as fronteiras entre o “poder e o desejo”. O autor também enumera outros procedimentos de exclusão, esses internos, que são relativos, por sua vez, a outra dimensão do discurso: a do acontecimento e a do acaso.

3.4. Mecanismos internos.

O primeiro dos procedimentos internos descritos por Foucault é o do comentário, que o autor classifica como narrativas que contadas e repetidas através dos tempos. Esses discursos, diz o francês, carregam uma espécie de aura que se imagina estar carregada de algum segredo ou uma riqueza.

Há na nossa sociedade, segundo Foucault, uma “espécie de desnivelamento entre os discursos” (FOUCAULT, 2003, p.22). Se dividem entre os que são ditos diariamente e caem no esquecimento e também aqueles que servem para orientar outros discursos e sempre estão presentes neles, mesmo após o seu pronunciamento.

O autor considera esses textos, em certa medida, científicos. Eles também estão em constante reconstrução. Mas o que ele destaca é que os comentários são sempre reescritos em novos discursos. São textos que estão na origem novos atos de fala que os retomam, os transformam e sempre falam dele.

Um texto que reescreve o primeiro também pode tomar o lugar do primeiro. No entanto, para o autor, isso não é o mais importante. O que se precisa observar é que o método sempre está presente. Não é possível negar a existência de discursos que sempre são ditos.

Mas embora seus pontos de aplicação possam mudar, a função permanece; e o princípio de um deslocamento encontra-se sem cessar repostos em jogo. O desaparecimento radical desse desnivelamento não pode ser senão um jogo, utopia ou angústia. Jogo (...) de um comentário que não será outra coisa senão a reparação, palavra por palavra (mas desta vez solene e esperada), daquilo que ele comenta (FOUCAULT, 2003, p.22).

Foucault ainda lembra que uma obra literária pode dar origem a discursos distintos um do outro, mas ainda assim o que permanece é a relação de desnivelamento entre dois discursos: o primeiro, que não cessa de ser comentado em um outro momento. Dessa maneira, toma-se como uma verdade.

Na atividade jornalística também se encontram, de alguma maneira, textos que sejam comentários do primeiro tendo aquele como uma verdade. Esse é o caso das suítes das matérias. Elas sempre são comentários das suas matérias originais e, dessa maneira, as tomam como verdadeiras.

O mesmo ocorre que uma suíte também passa a ser comentada por outras suítes, desfazendo-se da primeira matéria, mas, ainda assim, criando uma relação de

desnívelamento entre dois textos. Há o costume de sempre se retomar outros textos, outras idéias que são tomadas como verdade.

No caso de Marcelo Crivella, por exemplo, referências a algumas verdades do passado poderiam ser citadas. Esse é um tipo de controle de discurso que é utilizado de maneira exaustiva pelos jornais. Além da suíte, há referências a episódios anteriores que sempre estão a retornar. Em todas essas situações, esses discursos anteriores são tomados como verdades que ajudam na construção de uma nova verdade.

Quando o jornal lembra, por exemplo, que o senador já foi bispo da Igreja Universal, tem-se a impressão de que o comentário é a retomada de uma verdade. Dessa forma, um comentário utilizado para desqualificar o discurso de Crivella por causa de verdades anteriores já ditas no mesmo jornal sobre a referida igreja.

O comentário, afirma Foucault, muitas vezes é complementado por outro princípio de rarefação de um discurso. Trata-se, neste caso, da figura do *autor*. Esse não é apenas o indivíduo que pronunciou um texto, mas sim um conjunto de significações de discursos que são tomados como foco de sua coerência.

O filósofo conta que nos discursos científicos a presença do autor não é mais tão importante quanto era na Idade Média. Não há mais, via de regra, a teoria de que um autor serve para ratificar a veracidade de um discurso científico. No discurso artístico, ao contrário, a figura do autor é sinônimo de força cada vez maior.

Ao contrário das ciências, em que não basta mais a presença de determinado autor para provar uma tese, na literatura há nomes que sempre são tomados como exemplos a serem seguidos. Serão sempre comentados ou retomados em outros textos simplesmente porque escreveram um texto. A qualidade de uma obra, assim, é medida pelo nome de seu autor.

Os jornalistas utilizam essa técnica de controle do discurso diariamente. Basta verificar, em primeiro lugar, a existência de discursos que, apenas por causa de sua autoria, são destacados em reportagens. A todo o momento, tentam colocar informações “na boca” de alguém.

Esse tipo de procedimento ocorre, por exemplo, em uma matéria sobre as investigações de um assassinato. Não faltam casos de denúncias que precisam ser discursadas por alguém para se transformarem em verdades. Algumas matérias, inclusive,

simplesmente informam que a “polícia acredita” que fulano de tal é o responsável por um crime.

Uma reportagem dessas nada mais é do que utilizar o discurso de um autor para dar credibilidade a uma informação. No caso em que a “polícia acredita” em determinado fato, basta essa declaração para a matéria ser considerada publicável. Mesmo que a polícia, no exemplo, não apresente qualquer prova para basear suas informações.

Um terceiro princípio interno de controle do discurso é a disciplina, que também é relativo e móvel como o comentário. Ela se define como um “domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, técnicas e instrumentos” (FOUCAULT, 2003, p.30).

É, então, uma espécie de sistema anônimo cuja credibilidade não está ligada ao seu autor ou a quem sucedeu. A disciplina, diz Foucault, caracteriza-se principalmente pela sua requisição para a construção de novos enunciados. Ela serve, dessa maneira, para trazer a possibilidade de formular, indefinidamente, proposições novas.

Antes de se aprofundar mais nesse princípio, há a necessidade de diferenciá-lo de outro: a vontade de verdade. Como diz o próprio Foucault, a disciplina “não é a soma de tudo que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado” (FOUCAULT, 2003, p.31).

A botânica é uma disciplina exemplificada por Foucault. Ele diz que ela não “pode ser definida como a soma de todas as verdades que concernem às plantas” (FOUCAULT, 2003, p.31). Pois ela é feita tanto de erros como de verdades. Mais do que isso, ela precisa estar enquadrada em uma série de preceitos. Deve utilizar técnicas conhecidas que, com o tempo, podem se modificar.

Os limites que determinam se um discurso pertence ou não a uma disciplina são práticas definidas em que estão incluídos seus erros e acertos. Tudo o que não segue esses padrões não pode ser considerado como pertencente a tal disciplina. Não pode estar inserido nesse grupo e, assim, é posto em um local onde se parece mais com um fantasma, uma prática não aceita.

A internet fez surgir uma questão em relação à disciplina do jornalismo. Apareceram inúmeros blogs cujo conteúdo sempre é questionado em relação às suas

premissas, que nem sempre atendem aos limites que definem o que é o jornalismo atual. As discussões giram em torno da possibilidade de o “blogueiro” ser considerado jornalista.

Em outros tempos, o próprio jornalismo também já passou por modificações que redefiniram a disciplina. No Brasil, antes das inovações implementadas no Diário Carioca, o jornalismo era definido como uma prática de outros princípios. Em vez do lide e de uma linguagem objetiva, o texto jornalístico primava pela erudição e a opinião. Era uma época em que os princípios atuais do jornalismo não eram considerados como os mais adequados.

3.5. Limitação do sujeito.

O terceiro e último tipo de procedimento de exclusão de um discurso é descrito por Foucault como um sistema que limita a um determinado número de pessoas a prerrogativa, ou privilégio, de criar discursos. Foucault diz que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2003, p.37).

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, 2003, p.39).

Não é exagerado dizer também que há “sociedades do discurso” que têm a atribuição de fazer circular discursos em um espaço fechado. A teoria foucaultiana diz que na ordem do discurso existem maneiras de apropriação e de segredo que selecionam os discursos que devem ou não ser aceitos.

O papel do jornalismo é também tentar acabar com esse segredo restrito a certas sociedades. Os veículos de comunicação, no que concerne aos noticiários, têm o dever de traduzir e retirar certos discursos de certos meios e transpô-los à sociedade. Fazer com que todos tenham conhecimento de discursos restritos a certos grupos.

A atuação de jornalistas na área da Economia, por exemplo, deve ser tomada com uma forma de tentativa de quebra na barreira criada por uma sociedade de discurso

específica. Os discursos do “economês” são traduzidos para uma linguagem acessível a todos os indivíduos que estão inseridos na sociedade.

Entretanto, os jornalistas, obviamente, também não podem deixar de compor uma “sociedade do discurso”. Também são profissionais que selecionam discursos e mantêm outros em segredo. Além disso, nem sempre conseguem entrar ou se infiltrar em uma sociedade que não a sua sem certa dificuldade.

O jornalismo também é uma sociedade de discurso à medida que exige certas normas para que alguém faça parte dela. Não são todos, atualmente, que conseguem exercer, pelo menos de maneira formal, a profissão de jornalista. É claro, o processo que define os indivíduos capacitados para atuarem em determinadas funções também passam por mudanças.

Os blogs, citados anteriormente, também podem ser considerados como uma tentativa de quebra da barreira de uma “sociedade do discurso”. As informações publicadas na internet são questionadas a respeito da sua legitimidade muito mais por causa da qualificação do sujeito do que pelo próprio teor da informação.

A legitimidade exigida para que uma pessoa possa exercer a profissão de jornalista é outro ponto questionado nos tempos atuais. A exigência do diploma para a profissão é um procedimento claro de exclusão a partir do momento que deixa de fora pessoas potencialmente capacitadas para fazer notícias.

A exigência, porém, passa por uma votação no Supremo Tribunal Federal (STF) que vai decidir se uma pessoa, para exercer a profissão de jornalista, precisa ou não do diploma. A curiosidade neste fato é a fisiologia que existe entre as sociedades. Da mesma forma que jornalistas podem escrever matérias sobre ministros do STF, esses também podem definir, de alguma maneira, o destino dos primeiros.

Com isso, é possível perceber que os procedimentos de controle do discurso são muito mais complexos do que parecem ser. Eles interagem uns com os outros e também podem muitas vezes se confundir. A base de seus preceitos e regras também está em constante mudança.

Não podem ser separados de maneira simples sem uma análise caso a caso. Não podem também, serem considerados de maneira isolada, deixando que um procedimento impere sobre outro. Ao contrário, eles são técnicas e medidas que se alimentam e, se em

algum momento, entram em conflito, é porque buscam uma resolução e novas regras que, certamente, serão definidas, aos poucos, pelos vencedores dessa luta.

3.6. Metodologia de análise.

São quatro os princípios definidos por Foucault para a realização de uma análise de discurso segundo os moldes de sua teoria. O primeiro deles é a inversão, que nada mais é do que reconhecer, antes de tudo, os mecanismos de controle empregados em um discurso, pensando não apenas nas informações transmitidas por um enunciado, mas, principalmente, naquilo que ficou de fora.

Depois é preciso pensar no princípio da descontinuidade. Um elemento da metodologia que faz uma ressalva em relação aos discursos que são excluídos. Foucault lembra que o controle de um discurso não supõe a existência de um discurso exterior a tudo e verdadeiro, que seja contínuo e sem qualquer interferência.

O terceiro princípio é o da especificidade, que trata do discurso em si. Ele relembra que não se deve considerar o discurso simplesmente como a materialização de uma verdade em texto. É preciso entender que há uma “violência” praticada contra as coisas na hora em que o discurso é, de uma maneira ou de outra, pronunciado.

Por último, é destacada a regra da exterioridade, essa a mais pertinente para esse estudo. Isso porque Foucault diz que é preciso considerar não apenas o discurso em si para decifrar os seus objetivos e as verdades (ou vontades de verdades) que se escondem por trás dele.

Não se pode considerar um discurso sem também analisar os contextos que influíram em sua criação. Dessa maneira, vale tentar investigar quais são os fatos, também definidos por discursos, que resultam no surgimento de um outro discurso. Torna-se essencial, então, descrever, de maneira mais ou menos satisfatória, todos os contextos e acontecimentos que precederam a produção de um discurso.

E é isso que este estudo pretende realizar. Em um primeiro momento, é fundamental explicar as circunstâncias históricas que colocam os atores envolvidos nesse estudo em uma possível rota de colisão. Depois, há de se tentar verificar como o discurso de Crivella, neste caso, se envolve em lutas contra outros discursos.

Para isso, é preciso fazer a observação de que não apenas os atores protagonistas envolvidos diretamente no estudo (*O Globo* e Crivella) serão explicados ou analisados. Também há de se utilizar, com o fim de tornar a análise dos objetos mais profunda, os discursos produzidos por, ou sobre, outros personagens.

Tais discursos que podem até, de certa forma, serem chamados de coadjuvantes, desempenham papel fundamental na explicação da análise a ser feita em relação às matérias de *O Globo* sobre Crivella. Este estudo, porém, tenta tomar o cuidado de não perder os limites do método e, assim, transformar coadjuvantes e protagonistas. Os primeiros darão apenas suporte para que, com suas relações de aproximação ou oposição a Crivella e *O Globo*, possam desvendar alguns discursos.

Como *O Globo* enxerga Crivella, então, não pode ser explicado apenas com a análise dos discursos publicados no primeiro sobre o segundo. Também fazem parte, por exemplo, deste jogo, a TV Record, cujo proprietário é o bispo Edir Macedo, tio de Crivella e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

Por associação, Crivella se liga à Record, ao bispo Macedo e à Igreja Universal. Já por oposição, se liga às Organizações Globo, empresa da qual faz parte o jornal *O Globo*. Este, por sua vez, no ramo dos impressos, também se liga por oposição a *O Dia*, seu principal concorrente no Rio de Janeiro e que também poderia ser utilizado, a título de comparação, em nosso estudo. Explicados os jogos de oposições e associações, chega-se, então, à análise propriamente dita.

4. Histórias de *O Globo* e Crivella.

Uma análise do discurso do jornal *O Globo* sobre a campanha de Crivella, conforme o método proposto por Foucault, não pode se basear apenas na verificação do conteúdo das matérias publicadas pelo impresso. Essa atividade é de extrema importância, é verdade, mas pode ser mais bem explicada caso seja contextualizada em um momento histórico.

Isso ocorre porque um discurso não é apenas o discurso público. Ele também é a história das situações externas que contribuíram para o seu surgimento. Seguindo essa lógica, é preciso descobrir quais são os fatos históricos e discursos anteriores que fundamentaram e podem explicar os motivos para o aparecimento das matérias analisadas no próximo capítulo.

Ao observar qualquer matéria simples como essa a partir de suas fontes e conseqüências, pode-se chegar mais perto da decifração de seus códigos. Como é complicado descobrir as fontes das matérias publicadas por *O Globo*, um caminho alternativo é tentar entender, então, o contexto histórico sob o qual elas surgiram.

O ideal é tentar uma análise dos fatos históricos por trás dos atores envolvidos na análise proposta por esse estudo. E, além de entender a trajetória de *O Globo* e Crivella, os protagonistas de nossa análise, é preciso verificar o contexto histórico do surgimento de outros atores, esses os coadjuvantes.

O jornal *O Globo* é preciso ser entendido não apenas como uma empresa privada de jornalismo. Naturalmente, a história de *O Globo* não pode ser separada da evolução do crescimento das Organizações Globo, empresa comandada, essencialmente, pela família Marinho, que tem como o seu maior ícone o empresário Roberto Marinho, morto em 2003 deixando os filhos como herdeiros no conglomerado.

Já Marcelo Crivella também tem uma história que vai ser mais bem compreendida apenas com a análise da trajetória de três coadjuvantes muito importantes para o seu crescimento no cenário político. Trata-se, em primeiro lugar, da Igreja Universal, onde atuou como bispo, além da Record, oponente da TV Globo na briga pela audiência. A Record, cabe lembrar, é uma empresa presidida pelo Bispo Edir Macedo, tio de Crivella e fundador da Universal.

4.1. O surgimento das Neopentecostais

Antes de falar sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é preciso explicar os aspectos de algumas doutrinas religiosas que contribuíram para a formação do ideário “iurdiano”. Sabe-se que a igreja segue os preceitos tanto do neopentecostalismo como do pentecostalismo clássico, com o qual rompeu.

Ferrari diz que os rompimentos às religiões tradicionais ocorrem a partir do surgimento de um líder carismático que atrai adeptos a uma nova visão das crenças após a não aceitação da nova corrente interna dentro da instituição da qual fazem parte. São movimentos que buscam uma ruptura com os modelos e estruturas padronizadas e têm como base um contexto social peculiar.

No âmbito social, esses movimentos normalmente envolvem contingentes humanos em crise de identidade e meios de vida precários. Os movimentos de cunho religioso apresentam-se como alternativas aos desafios do momento, canalizando os desejos e os conflitos dos indivíduos que se encontram frente à sociedade e às suas estruturas racionalizadas em padrões excludentes (FERRARI, 2007, p. 73).

E foi em um contexto peculiar que surgiram, nos Estados Unidos, os grupos pentecostais. Eles começaram a aparecer no início do século XX, quando a sociedade ocidental passava por diversas transformações, como a implantação do sistema republicano em solo americano, difusão das idéias iluministas e uma tensão entre diversos países que culminaria com a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Nessa época, o Cristianismo passa por uma fragmentação com o surgimento de diversos grupos pentecostais que se mostravam insatisfeitos com a ordem religiosa vigente. Todos eles mantinham algumas diferenças entre si, mas entre suas características comuns estavam as promessas de conforto espiritual e a solução dos mais variados males. Os motivos para o surgimento dos grupos pentecostais são explicados por Campos.

Julgamos que os motivos que favoreceram o crescimento do pentecostalismo em todo o mundo cristão foram, entre outros: a) crescimento da indiferença religiosa entre os cristãos; b) mudanças sociais rápidas que levaram as pessoas à perda da identidade; c) crescimento da insensibilidade das pessoas, devido às características da vida isolada das grandes cidades industrializadas; d) aumento dos problemas sociais ligados à falta de assistência médica adequada, sentido à vida e desamparo diante da burocracia da vida moderna; e) medo de se enfrentar o dia de amanhã, angústia e sensação de que alguma coisa está para acontecer, etc. (FERRARI, 2002 apud CAMPOS, 2007, p. 84)

Já nos anos 80 começam a ganhar força os chamados grupos neopetencostais. São religiosos que, em seus cultos, utilizam modernas técnicas de marketing, além de se posicionarem de maneira contrária às tradições afro-descendentes, indígenas e católicas. Em outra frente de atuação, eles usam a mídia de maneira intensa e também fazem militância político-partidária de maneira explícita.

Entre os valores que pregam está a crença nos poderes da mente e da palavra humana, assim como a difusão da idéia de uma espécie de guerra santa maniqueísta entre o bem e o mal, como nos descreve Ferrari.

O enfoque teológico neopetencostal exacerba a visão maniqueísta do mundo, usando uma linguagem de combate ao mal, 'guerra contra o Diabo', o qual aparece como principal inimigo do ser humano e de Deus. (...) Para o Neopetencostalismo, o mundo em sua realidade concreta é vítima do diabo, nele trava-se um duelo entre as forças do bem (Deus) e do mal (Satanás) no campo espiritual. Deus deu autoridade para a igreja promover a libertação (FERRARI, 2007, p.87).

Dessa maneira, as igrejas neopetencostais se anunciam como as locais de salvação da alma das pessoas que se encontram insatisfeitas. Os templos são uma espécie de hospital do espírito. Lá, realizam promessas como as curas física e emocional, além da prosperidade material. Dizem também solucionar problemas afetivos, familiares e outros.

A grande força dessas igrejas é encontrada nas camadas mais baixas da população, que vão aos templos em busca da cura imediata de seus males. E o segredo do sucesso está no conjunto de ideologias e práticas adotadas pelos neopetencostais que são conhecidas como a Teologia da Prosperidade.

Esse conceito pode ser definido como a teologia que prega o sacrifício financeiro sob a mediação da igreja como o caminho para a salvação. No entanto, tal sacrifício é vendido como uma troca. O fiel realiza colaborações financeiras para, depois, conseguir benefícios materiais maiores neste mundo.

Daí tanta influência diante dos mais humildes, que não têm como expectativa de vida valores como o isolamento social, a rejeição aos prazeres e vaidades, além da pobreza material. São pessoas que vivem nas periferias urbanas e desejam inclusão em uma sociedade da qual não fazem parte.

4.1.1. O Neopetencostalismo no Brasil.

Foi baseada nas práticas da Teologia da Prosperidade que, no fim da década de 70, surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus. No Brasil, a corrente foi trazida pelo missionário canadense Walter Robert Mac Alister, que começou pregando na Assembléia de Deus.

Mac Alister trabalhava em tendas de lona nas chamadas Cruzadas Nacionais de Evangelização. Foi a primeira pessoa a divulgar no Brasil as idéias da Teologia da Prosperidade, difundidas antes nos Estados Unidos pelo pregador Kenneth Hagin, no início da década.

O canadense dava enfoque no dízimo como sinal de recompensa às bênçãos que o crente ganharia em um futuro próximo. Para ele, a pessoa com dinheiro não era merecedor de condenações morais. Pelo contrário, o dinheiro era sinônimo de valor espiritual.

Em 1960, Mac Alister rompeu com a Assembléia e fundou a Cruzada Nova Vida, na cidade do Rio de Janeiro. Quase dez anos depois, a corrente fundada pelo canadense iria se transformar na Igreja de Nova Vida, que seria considerada como a primeira igreja neopetencostal do Brasil.

O missionário utilizava práticas que são vistas atualmente na Igreja Universal. Em seus cultos, o canadense combatia demônios e suas possessões, além de desafiá-los. Dizia que os espíritos ruins eram trazidos pelos cultos afro-brasileiros e espíritas como a Umbanda e o Candomblé.

4.2. A Igreja Universal do Reino de Deus

Não é coincidência, portanto, que a Igreja Universal do Reino de Deus utilize as mesmas técnicas em suas missas. Era assim que pregavam os cunhados Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares), além dos irmãos Samuel e Fidelis Coutinho e Roberto Augusto Lopes, que, em 1975, fundaram a Cruzada do Caminho Eterno.

No início, Macedo trabalhava como o tesoureiro da nova igreja. Isso porque ele já tinha vasta experiência profissional como agente administrativo. Naquela época, o grupo pregava em ruas, praças, casas e cinemas alugados. A situação mudou em 1977, com a extinção da Cruzada.

O contexto histórico do surgimento da Universal lembra, de certa forma, as condições que propiciaram o surgimento do pentecostalismo nos Estados Unidos. No ano de 1977, quando pairava no mundo o aspecto da bipolaridade trazido pela Guerra Fria. Também nesta época, o Brasil passava pela decepção de um breve desenvolvimento, quando a inflação era bastante alta no país.

Dos cinco fundadores da Cruzada, restaram três, uma vez que os irmãos Coutinho saíram da igreja. Ficaram R.R. Soares, Edir Macedo e Lopes, que começaram, finalmente, a pregar na Igreja Universal do Reino de Deus. O primeiro templo foi montado em forma de improviso. Funcionava numa sala onde havia uma funerária no bairro do Méier, Zona Norte do Rio.

A utilização da mídia era uma das principais características da Universal, pois ela funciona como uma arma de divulgação dos seus cultos e ideologias. Por exemplo, R.R. Soares tinha um programas de rádio e televisão onde fazia suas pregações. No entanto, em 1980, Soares deixou a IURD para fundar uma nova corrente de estilo semelhante: a Igreja Internacional da Graça de Deus.

O braço político da igreja de Macedo foi sacramentado nas eleições de 1986. O bispo Roberto Augusto Lopes foi eleito deputado federal para a constituinte pelo PTB do Rio de Janeiro. Sua votação foi a maior da sigla. Um ano depois, porém, houve mais um conflito na história da Universal.

Lopes deixou a igreja e voltou para a Nova Vida. Sua saída foi marcada por críticas a Edir Macedo. O bispo e deputado federal acusava Macedo de ter uma visão extremamente empresarial e mercantilista na administração da igreja. No ano anterior, Macedo havia viajado para os Estados Unidos na tentativa de colher fiéis em terras estrangeiras.

Oito anos depois de sua fundação, a Universal já contava com 195 templos e quatorze estados brasileiros e no Distrito Federal. Em 1987, mais crescimento: eram 356 igrejas em 18 estados do país. Dois anos depois, começavam as negociações para a compra da Rede Record. Nesse período, os números impressionam. Segundo o Censo de 2000, os grupos neopentecostais contavam com mais de dois milhões de seguidores no Brasil.

O site oficial da IURD, entretanto, aponta números que, descontados os exageros, ainda podem ser considerados surpreendentes. De acordo com a página, atualmente a IURD conta com cerca de oito milhões de fiéis somente no Brasil. Ainda segundo o site, há mais

de 4.700 templos da Universal espalhados em 172 países nas Américas, Ásia, Europa e África. A IURD ainda diz que possui 9.600 pastores e gera 22 mil empregos diretos¹.

4.3. Edir Macedo.

Pode até ser que esses números não correspondam à realidade, mas é impossível negar a força da igreja no país. E boa parte desse sucesso se deve ao empenho de Edir Macedo Bezerra para a expansão da IURD. Principal ícone da igreja, ele é uma figura controversa.

Na opinião do professor Eduardo Refkalefsky, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) a participação de Edir Macedo no crescimento da Universal é tão importante que merece ser analisada detalhadamente por teóricos da Comunicação.

É errônea a visão de que a IURD seja um “produto da propaganda e do marketing”. Toda a formação de Edir Macedo em administração foi intuitiva. Não houve nenhuma “consultoria” de “marketeiros” ou publicitários — e nem poderia haver. Constatamos que a Universal apresenta estratégias e ações consistentes, que a colocam muito à frente da maioria das empresas comerciais. A IURD não precisa estudar *cases* de empresas para montar sua estratégia. Ao contrário, o Bispo Macedo é que criou e desenvolveu uma organização que precisa ser estudada para que empresas, consultores, teóricos acadêmicos aprendam melhor a realidade da Comunicação, Marketing e Administração na sociedade e economia contemporâneas (REFKALEFSKY, 2006, p.02).

O nascimento de Edir Macedo ocorreu no dia 18 de fevereiro de 1945, no pequeno município de Rio das Flores, na Região Sul Fluminense. Iniciou a carreira profissional como contínuo na Loteria do Estado do Rio de Janeiro (Loterj) e chegou a trabalhar como pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1970.

Antes de fundar a Universal, em 1977, Macedo chegou a freqüentar centros de Umbanda, apesar de ter nascido em uma família católica praticante. Aos 16 anos, quando se muda para o Rio de Janeiro, começa a trabalhar na Loterj, onde fica por cerca de 20 anos até chegar à tesouraria.

¹ IGREJA UNIVERSAL. Disponível em: <http://www.igrejauniversal.org.br/histiurd-mundo.jsp>. Acesso em: 12 nov. 2008.

Durante o tempo em que trabalha na loteria, termina o ensino médio e começa a faculdade de Matemática na Universidade Federal Fluminense. Chega também a começar o curso de Estatística na Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, mas não termina nenhuma das duas graduações.

Macedo chega a ter uma breve passagem pela Umbanda. No entanto, ele se decepciona com a religião por causa das promessas de curas que nunca viu serem cumpridas.

Seu desapontamento o leva, nos anos 60, para a Igreja Nova Vida, que havia sido fundada por Robert Mac Alister. E é lá que encontra os pilares ideológicos que usaria na IURD futuramente. Da Nova Vida, iria “copiar” a estrutura de comando centralizada pelo qual é tão criticado.

Após sair da Nova Vida, participa da fundação da Cruzada Caminho Eterno e, em 1977, da Igreja Universal. Daí em diante, o número de fiéis da Universal cresceu vertiginosamente. O mesmo, entretanto, aconteceu com polêmicas que tinham como protagonistas Macedo ou a IURD.

Uma delas ocorreu na ocasião da compra das TVs Record de São Paulo e do Rio de Janeiro no ano de 1990, em tumultuado negócio no valor de 45 milhões de dólares. Essa transação foi recheada de polêmicas que tomaram conta da imprensa na época e gerou discussões até mesmo entre setores evangélicos.

Um ano depois, em 1991, o ex-líder da Universal no Nordeste, Carlos Magno Miranda, fez diversas acusações contra o já Bispo Macedo (ele passou a ser conhecido pelo título em 1980, quando assumiu o comando da Universal). Magno denunciou que o ex-colega tinha envolvimento com narcotraficantes, além sonegar impostos e enviar ouro e dólares para o exterior.

As supostas provas Magno só iria apresentar quatro anos depois. O ex-bispo divulgou um vídeo com imagens de 1990 em que Edir Macedo aparecia rindo contando dinheiro em um templo da Universal em Nova York. Na mesma gravação, Macedo também aparecia em momentos de lazer em um iate em Angra dos Reis. Para completar, o bispo foi filmado, durante o intervalo de uma partida de futebol, instruindo bispos a serem mais eficazes no recolhimento de dízimos e ofertas dos fiéis da Universal.

O vídeo foi divulgado com exclusividade pelo Jornal Nacional, da TV Globo. O VT, do repórter Francisco José, tinha quase nove minutos de duração. A reportagem alternava as imagens do bispo Macedo com colegas, inclusive parlamentares, e uma entrevista com Carlos Magno. A matéria teve uma grande repercussão na imprensa.

Antes disso, porém, Macedo já passara por momentos difíceis. O fundador da Universal e dono da TV Record foi preso em 24 de maio de 1992, suspeito de cometer crimes como charlatanismo, curandeirismo e estelionato. O bispo ficou encarcerado por doze dias em uma cela especial da 91ª Delegacia de São Paulo, de onde saiu após conseguir um *habeas corpus*.

Ainda em 1995, pouco antes da divulgação do vídeo em que Macedo aparecia contando dinheiro, ocorreu outra polêmica envolvendo integrantes da Universal que é lembrada até hoje por causa da ampla repercussão na mídia. Foi no feriado do dia 12 de outubro, quando o bispo Sérgio Von Helde, aos berros, criticava a existência de mais um feriado no país.

Diante de uma estátua de Nossa Senhora Aparecida, Von Helde criticava a “idolatria”, em clara referência aos preceitos da Igreja Católica. No momento de maior exaltação, Von Helder, olhando para a imagem, dizia “isso aqui é só gesso”. Para demonstrar, tocou com o pé várias vezes na estátua.

No dia seguinte, o Jornal Nacional fazia uma matéria sobre o gesto que ficou conhecido como “chute na santa”. Na abertura da matéria, o jornalista Cid Moreira fala sobre o pastor da Igreja Universal do Reino de Deus que provoca “polêmica e indignação em todo o país”. O jornalista continua dizendo que Von Helde havia agredido a imagem de Nossa Senhora Aparecida, durante um programa religioso exibido pela TV Record.

Recentemente, outro conflito com empresas de comunicação. Uma reportagem da Folha de São Paulo de 15 de dezembro de 2007 afirmando que o patrimônio do grupo religioso de Macedo cresceu 4.344% após a compra da TV Record. Além disso, a matéria dizia que o controle acionário de concessões de rádio e tevê do grupo eram distribuídos entre bispos de confiança.

A matéria também dizia que a igreja de Edir Macedo “é a maior proprietária de concessões de televisão do País. São 23 emissoras de tevê, além de 40 emissoras de rádio” (LOBATO, 2007). Por último, falava sobre uma obscura relação entre os bispos e suas

empresas, sugerindo a “hipótese de que os dízimos dos fiéis sejam esquentados em paraísos fiscais” (Idem).

Em 5 de março de 2008, a Revista *Carta Capital* trouxe em sua capa uma foto de Macedo e o título “O Bispo e o poder”. A reportagem dizia que a referida matéria da Folha de São Paulo “desencadeou uma série de processos abertos por fiéis da Iurd que se declaram ofendidos e pedem indenizações de até 10 mil reais” (ATHAYDE; SOUSA, 2008, p.35).

Até o momento, há 65 ações contra a Folha, quase todas abertas em cidades pequenas e de difícil acesso, no interior do País. A algumas delas, só de barco se chega. A advogada do jornal, Taís Gasparian, diz que 90% do teor das ações é idêntico, inclusive as ofensas que os fiéis alegam ter escutado nas ruas. ‘Como pode um fiel relatar exatamente as mesmas frases que outro, se ele está em São Borja (RS), Cajazeiros (PB), Tarauacá (AC) ou Carapebus (RJ)?’ (...) Além da Folha, o jornal fluminense Extra, pertencente à família Marinho, e seu diretor de redação, Bruno Thys, são alvo de ações por danos morais, movidas por pastores da Iurd em cidades do interior do Rio de Janeiro. Eles agiram após a publicação da notícia de que um fiel da igreja, Marcos Vinícius Catarino, danificou uma imagem de madeira de São Benedito em uma igreja em Salvador. O jornal baiano A Tarde o jornalista Valmar Hupsel Filho também são alvos de ações de teor e motivações idênticas (Idem).

4.4. A TV Record.

Engana-se quem pensa que o único veículo de comunicação da Igreja Universal é a TV Record (que em 2003 tinha 63 emissoras) e a recém-lançada Record News. O bispo Edir Macedo também pode ser chamado de empresário do ramo das comunicações, uma vez que possui diversas empresas do ramo, assim como os concorrentes da família Marinho.

Para se ter uma idéia, no patrimônio de Macedo e da Universal há empresas como a TV Mulher, 63 emissoras de rádio no Brasil, a Gráfica Universal, responsável pela publicação da Folha Universal (semanal distribuído gratuitamente e que tem a tiragem de cerca de 1,5 milhão de exemplares), a Editora Universal Produções, a Ediminas S/A, responsável pelo jornal Hoje em Dia, de Belo Horizonte, além da gravadora Line Records. Também são controladas pela Universal uma empresa do ramo de processamento de dados e até uma agência de viagens.

A Record é, talvez, a principal empresa de Macedo na atualidade, principalmente por causa de seu constante crescimento e ameaças à hegemonia da TV Globo no ramo. Com o passar dos anos, a emissora cresceu e tirou do SBT o segundo lugar na audiência. No entanto, até chegar a esse patamar a Record percorreu um grande caminho.

Ela entrou no ar no dia 27 de setembro de 1953, com a exibição de um programa musical apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo. Na época, a televisão pertencia à família Machado de Carvalho e tinha como principal perfil a exibição de programas musicais.

Somente nos anos 70 é que a emissora investiria com mais vigor na programação jornalística. Entraram no ar noticiários do cotidiano e também relacionados a assuntos esportivos.

Entre os nomes que passaram pela emissora nesta década há o de Raul Gil, Silvio Luís e até mesmo ao atual dono do SBT, o empresário Silvio Santos. Também foi na Record que o apresentador Fausto Silva, o Faustão, começou com o seu programa “Perdidos na Noite”, um sucesso que alavancou a sua carreira.

A mudança do controle acionário no início da década de 90 causou uma mudança nos rumos da programação da Record. Edir Macedo chegou à emissora com a intenção de implantar uma gestão profissional na empresa. A idéia não era apenas utilizar a televisão para fazer propaganda religiosa, mas também exibir atrações para todos os públicos.

Um exemplo é a estréia do programa de Ana Maria Braga, atualmente na TV Globo, na emissora. Com o “Note e Anote”, a apresentadora era uma das pioneiras nos programas vespertinos dirigidos ao público feminino. Atualmente, quase todas as emissoras de TV possuem atrações do gênero.

Em 1995, a TV Record começava a despontar na briga pelos primeiros lugares na audiência. Foi nessa época que se consolidou na terceira posição na preferência dos telespectadores. Ficava atrás apenas de TV Globo e SBT. A força da emissora ficava evidente em 1996, quando dividiu com a Globo a transmissão dos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos.

No ano seguinte, mais novidades. A emissora contratava o jornalista Boris Casoy e também investia na criação de novelas. No mesmo período, o apresentador Carlos Massa, o

Ratinho, entrava no time da emissora. A contratação de artistas consagrados da Rede Globo era constante.

O crescimento da empresa continuou até que, em 2004, ela alcançou o maior faturamento da sua história: R\$ 500 milhões. De acordo com o site da empresa, o lucro era 41% maior do que arrecadado no ano anterior. No mesmo caminho ia a audiência da emissora. Segundo dados do Ibope, era de 19% na média diária e 37% no horário nobre.

Esses números levaram a emissora a se firmar, no ano seguinte, como a vice-líder na briga pela audiência. Atualmente, a briga entre as duas emissoras é grande. Prova disso é que a Record já garantiu, com exclusividade, a transmissão dos Jogos Olímpicos de 2012, em Londres. Uma grande derrota para a TV Globo.

4.5. Política.

A legitimação dos iurdianos diante da sociedade, entretanto, não passa apenas pela mídia. Desde 1986, com a eleição do bispo Roberto Augusto Lopes para o cargo de deputado federal, a participação da Igreja Universal na esfera política só aumentou.

Em 1990, foram eleitos para o cargo de deputado federal três políticos. Nas eleições seguintes, em 1994, foram seis deputados federais. Quatro anos depois, foram eleitos 26 deputados estaduais ligados à IURD em 18 estados. Para o cargo de deputado federal, a igreja conseguiu eleger 17 políticos. Destes, 14 eram egressos da própria IURD e outros três eram apoiados por ela.

O avanço da Igreja Universal no campo político chegou a deixar preocupado o presidente reeleito Fernando Henrique Cardoso, como mostrou uma matéria de Ilmar Franco publicada no Jornal do Brasil de 20 de maio de 1999. De acordo com a reportagem, uma reunião com representantes do governo e dos seus partidos de sustentação no Congresso.

O avanço político da Igreja Universal do Reino de Deus, que tomou conta da estrutura do PL em todo o país, está sendo acompanhado com preocupação pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e pelos grandes partidos - PMDB, PFL e PSDB. O controle da Igreja Universal sobre o PL, com o risco da criação de um partido fundamentalista, foi debatido entre Fernando Henrique, o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, e os presidentes do PSDB, senador Teotonio Vilela (AL), do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), e do PMDB, senador Jáder

Barbalho (PA), em encontro no Palácio da Alvorada ontem (FRANCO, 1999, Cedoc)

Na mesma reportagem há uma declaração do então presidente do PMDB, o senador Jader Barbalho, temendo o avanço da Universal em um partido. Ilimar Franco também escreve que “os dirigentes dos partidos acreditam que é melhor que os políticos vinculados a religiões tenham atuação diluída, como ocorre, atualmente, em diferentes legendas” (Idem). Havia o temor de que a concentração de evangélicos em um partido apenas pudesse fortalecer a atuação desse grupo no Congresso.

A resposta a essa reunião veio um mês depois. O mesmo Jornal do Brasil informava no dia 22 de junho que o PL formalizava oposição ao governo. Em nota, o então presidente nacional do partido, Álvaro Valle, dizia que os “ladrões federais” haviam dado o troco. A nota continuava da seguinte maneira:

Para continuar seus negócios escusos, para que continuassem a se sentir confortáveis na lama em que vivem, os sócios do poder partiram para o ataque. Reuniram-se em seu valhacouto palaciano e, explicitamente, com notas para os jornais, acusaram o Partido Liberal de ter-se associado à Universal (...) No PL temos católicos, judeus, espíritas, protestantes e até ateus. O PL não é e nunca foi um partido subordinado ou aliado a qualquer credo e nem constrangemos os companheiros com manifestações religiosas em nosso ambiente partidário. Todos têm o direito e o dever de professar sua religião (MORAES, 1999, Cedoc).

Como se vê, as notícias davam conta de que o partido estava sendo “tomado” pela Igreja Universal, o que era visto com restrições pelos representantes das outras legendas. No entanto, o discurso oficial dos representantes do PL era o contrário. Não se admitia que a IURD controlasse a legenda.

Fato é que o crescimento dos seguidores de Macedo no campo político era visível e já começava a assustar os adversários. E a consagração do PL ocorreu com a divulgação do resultado das eleições presidenciais de 2002, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, sobre o candidato José Serra, do PSDB.

Aquela eleição foi uma grande vitória para o PL porque, na chapa de Lula, quem ocupava a vice-presidência era o mineiro José Alencar. Durante o mandato, que perdura até hoje, Alencar chegou a acumular o cargo de Ministro da Defesa. A titularidade da pasta, entretanto, foi passada para Waldir Pires e, mais recentemente, a Nelson Jobim, que é ligado ao PMDB.

Mas as vitórias da Igreja Universal e do PL nas eleições de 2002 não se restringiram ao importante cargo de vice-presidente e aos deputados federais, sem esquecer os diversos vereadores eleitos no pleito de 2000. Foi naquele ano que a IURD conseguiu eleger o seu primeiro senador, o bispo Marcelo Crivella, do Rio de Janeiro, sobre o qual haverá mais detalhes a seguir.

Por enquanto, cabe apenas destacar a expressiva votação de Crivella em 2002. Foram 3.235.570 votos recebidos pelo candidato. A força dos iurdianos ficou ainda mais clara porque naquela eleição ele derrotou políticos de renome como Artur da Távola, Leonel Brizola e o pastor Manoel Ferreira, da Assembléia de Deus.

Em junho de 2005, porém, uma entrevista do então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) para a Folha de São Paulo iria abalar toda a base aliada do governo Lula, inclusive o PL. Jefferson revelou a existência o esquema de votos de parlamentares que ficou conhecido como o “mensalão”.

Um dos beneficiados pela mesada foi o então deputado federal Valdermar da Costa Neto, bispo da Universal e presidente nacional do PL. Dois meses após o estouro do escândalo, Valdemar renunciou ao cargo. O mesmo aconteceu com o bispo Carlos Rodrigues, deputado federal que também foi acusado de envolvimento no esquema.

O escândalo provocou uma série de mudanças na política nacional. A crise que afetou o governo causa reflexos até hoje. Após o estouro do mensalão na imprensa, diversos partidos passaram por reformulação. Entre eles o PL. Se fundiu com o PRONA, do famoso Enéas Carneiro, e se transformou no Partido Republicano (PR).

Também deu origem a outro partido, o Partido Republicano Brasileiro (PRB), para onde migraram diversos integrantes da Igreja Universal. Entre as figuras mais célebres, além de Crivella e José de Alencar, está o titular da Secretaria de Ações de Longo Prazo, o filósofo Roberto Mangabeira Unger, cuja ligação com Macedo e seus seguidores se resume a filiação no PRB. Apesar do esforço, objetivo do partido de largar a pecha de representante dos evangélicos, não é tarefa fácil. Só para se ter uma idéia, o presidente nacional da sigla, atualmente, é o bispo iurdiano Vitor Paulo de Santos.

4.6. Marcelo Crivella.

Quem também tenta se afastar da imagem da Igreja Universal é o senador Marcelo Crivella. O discurso, repetido diversas vezes por ele durante o pleito municipal deste ano, parece, no entanto, ter apenas o objetivo de não perder possíveis eleitores que têm rejeição aos evangélicos.

Essa postura, vale lembrar, vem sendo cada vez mais adotada pelos políticos da Universal com o passar do tempo. Entretanto, Crivella deve ter aprendido neste ano que desvincular a sua imagem à dos evangélicos é mais complicado do que pode parecer. E para o senador, essa tarefa é ainda mais difícil. Ele tem posições conservadoras em questões como aborto e homossexualismo, é sobrinho de Edir Macedo e boa parte de sua trajetória na vida pública é relacionada à Igreja Universal.

Nascido no Leblon e na Zona Sul do Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1957, Marcelo Bezerra Crivella é um filho de católicos criado na Gávea. Já aos sete anos frequentou uma igreja evangélica, levado por uma vizinha. Tanto que conheceu a sua atual esposa, Sylvia Jane Hodge Crivella, na Igreja Nova Vida, em Botafogo, na Zona Sul do Rio. Naquela época ainda não existia a Igreja Universal.

Assim como o bispo Macedo, Crivella não começou a ganhar sua renda nos púlpitos. Antes de trabalhar na Igreja Universal, chegou a cursar a Escola de Oficiais de Reservas do Exército, onde se tornou 1º Tenente de Infantaria, e formou-se em Engenharia Civil pela faculdade de Engenharia Civil de Barra do Piraí, onde trabalhou como professor.

No fim dos anos 70, Crivella chegou a trabalhar por pouco tempo como pastor ao lado do tio, bispo Macedo, pregando com ele em diversas praças. Nessa época, entretanto, estava mais preocupado em terminar os estudos. Com os bolsos vazios, decidiu seguir a carreira militar. Os colegas de quartel, por causa de sua religiosidade, o apelidavam como “pastor”.

Somente em 1985, quando já era tenente e havia sido reprovado no teste para se tornar pára-quedista, foi convidado por Macedo para trabalhar na Igreja Universal. Inicialmente, sua missão seria criar os projetos de engenharia das obras dos templos evangélicos que estavam sendo fundados.

O talento para o púlpito, porém, logo foi revelado. Já um ano depois de entrar para a igreja Crivella ocupava o cargo de pastor. O sucesso de Crivella como pregador o levou para a África do Sul em 1992, com a tarefa de levar a igreja para outro continente. De

acordo com matéria publicada na Revista Veja em 3 de novembro de 1999, Crivella foi com a família para a África com cinco mil dólares no bolso e lá ajudou foi fundamental para o crescimento da igreja.

Ele abriu a primeira igreja no porão de um prédio de seis andares. Em um ano, com a arrecadação do dízimo e donativos, tinha comprado o prédio inteiro e aberto outras igrejas. Quando foi chamado de volta, estava dando os primeiros passos para expandir as fronteiras da Universal para a Índia. (...) Hoje, a África só perde para o Brasil em número de igrejas. A Universal está em acelerada expansão no continente africano.²

Durante sua peregrinação pela África, Crivella foi promovido ao cargo de bispo da Igreja Universal, um reconhecimento ao seu desempenho no continente. Antes de partir para lá, porém, o sobrinho de Macedo foi um dos mais solidários ao tio no momento de sua prisão.

Quando o fundador da Univesal foi detido em 1992, a mulher de Macedo, Ester Eunice chamou Crivella para visitar o tio. Durante o período, o sobrinho do bispo foi o único que o visitou durante todos os dias de prisão. A fidelidade a ele também foi mostrada na volta de Crivella do continente africano, no início de 1999.

Em seu retorno ao Brasil, Crivella ganhou a missão de gerir a Fazenda Nova Canaã, em Irecê, na Bahia, um dos projetos da Igreja Universal de maior exposição midiática. Começou em 1999, com Crivella conduzindo uma campanha de arrecadação de recursos entre os fiéis da igreja.

Ao mesmo tempo, a campanha recebia ampla divulgação na Rede Record de televisão, onde eram pedidos alimentos e roupas para os moradores da Fazenda. Crivella também realizou a chamada “Caminhada da Solidariedade”, em que pedia recursos passando por várias cidades do Brasil, além de África do Sul e Moçambique.

Enquanto realizava as benfeitorias, Crivella lançou o CD “O mensageiro da solidariedade”, que foi premiado com disco de diamante por causa da venda de mais de 1,3 milhão de cópias. A gravação fez com que o sobrinho de Macedo se tornasse um dos cantores com maior venda de discos do país.

² PAIXÃO, Roberta. O sucessor de Edir Macedo; Jovem, elegante e cantor, o bispo Marcelo Crivella é a nova imagem da Universal. Veja, 3 nov. 1999. Disponível em http://veja.abril.com.br/031199/p_044.html. Acesso em: 30 nov. 2008.

A Fazenda Nova Canaã, como se pode verificar, caiu como uma luva nos planos de Crivella, que junto com o lançamento de discos de música, conseguiu se projetar nacionalmente como um benfeitor da Igreja Universal. Tal popularidade serviu para que, mais tarde, o bispo tentasse um vôo mais ousado na vida pública.

4.7. Crivella X *O Globo* – Briga de outros “carnavais”.

Três anos depois, Crivella surgiria como o candidato a senador pelo estado do Rio de Janeiro defendendo a extinta sigla do PL. Como já foi dito, sua votação atingiu mais de três milhões de votos, fazendo-o derrotar candidatos tradicionais do quadro político fluminense. Nova Canaã foi um dos trunfos usados na campanha, como mostra a matéria de *O Globo*³ do dia 1 de setembro de 2002.

Nova Canaã está presente nos jingles (um samba e uma balada) e em todo o material de campanha. Antes dos comícios, a multidão assiste a um vídeo de 15 minutos sobre o projeto num telão de três metros de altura. Sucedem-se histórias dramáticas de mulheres que pensavam em se matar por não ter como alimentar os filhos. Uma delas mostra a carta que seu marido escreveu antes de cometer suicídio por não ter como perfurar um poço e irrigar a plantação. Corte: um ano depois, todas aparecem satisfeitas em Nova Canaã, com os filhos alimentados e matriculados na escola.

É bom lembrar, porém, que, durante a campanha de 2002, Crivella atraiu a atenção não só de *O Globo*, analisado neste estudo. A reportagem da revista *Veja* “O candidato de Edir Macedo”, do dia 25 de setembro de 2002, ouviu a opinião de profissionais da área de política sobre as aspirações da Igreja Universal no campo eleitoral. A revista também desenterrou antigos escândalos envolvendo o nome do candidato ao Senado.

A Igreja Universal ganhou o noticiário por seu crescimento. (...) O crescimento vertiginoso gerou uma série de suspeitas. (...) Macedo, o bispo Crivella e outros líderes da igreja foram autuados pela Receita Federal. O Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) encontrou problemas na contabilidade de empresas ligadas à igreja. Crivella também foi apontado como testa-de-ferro na aquisição de uma repetidora da TV Record no interior de São Paulo, além de aparecer como sócio da empresa Investholding, com sede no paraíso fiscal das Ilhas Cayman, que estaria envolvida em remessa ilegal de dólares. O candidato diz

³ Todas as matérias de jornais citadas de agora em diante foram retiradas do site do Cedoc da TV Globo. O link para a página é <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>. As exceções vão ser explicadas em nota.

que há perseguição e argumenta que nada foi provado contra ele ou contra a Igreja Universal.⁴

Dois anos depois, Crivella tentaria pela primeira vez se eleger prefeito da cidade do Rio de Janeiro. A corrida eleitoral seria vencida pelo atual prefeito, Cesar Maia, que venceu com facilidade logo no primeiro turno. Apesar de não ter chegado nem perto da vitória, o bispo da Universal foi alvo da imprensa.

Uma matéria do jornal *O Globo* de 10 de julho de 2004 era aberta com o título “Crivella se esquece de duas TVs”, em referência à declaração de bens do senador. Irônica, a reportagem de Cesar Tartaglia e Elenilce Bottari lembrava que o sobrinho de Macedo não tinha citado como bens a propriedade de duas emissoras de TV. Os ataques também foram direcionados ao prefeito Cesar Maia, que havia subvalorizado os valores de seus imóveis.

O senador Marcelo Crivella, candidato a prefeito pelo PL, deixou de declarar ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) a propriedade de duas emissoras de TV, em São Paulo e na Bahia. O Ministério das Comunicações confirmou ontem que o candidato é cotista das duas empresas. No site do órgão, atualizado em janeiro deste ano, Crivella aparece como diretor da TV Cabralia, em Itabuna (BA), e sócio da TV Record de Franca (SP), ambas ligadas à Igreja Universal do Reino de Deus, da qual o senador — sobrinho de Edir Macedo, fundador da seita — é pastor. O candidato, que declarou patrimônio de R\$ 21.846 ao TRE, disse ontem que se desfez das ações há mais de dez anos, mas que não se lembra para quem passou as cotas.

No dia seguinte, novo ataque de *O Globo* contra o senador. Uma reportagem do impresso mostrava irregularidades trabalhistas cometidas na Fazenda Nova Canaã, o principal projeto utilizado no marketing eleitoral do senador. A matéria “Pecados Trabalhistas na fazenda do pastor” foi feita pelo repórter Gerson Camarotti, da sucursal de Brasília, que viajou até a cidade de Irecê, na Bahia, para realizar o trabalho.

A Fazenda Nova Canaã foi criada para ser uma experiência de sucesso semelhante aos kibutzes israelenses, espécie de estabelecimentos coletivos auto-sustentáveis. Mas por trás das cercas e da vigilância rigorosa que cercam o local, verifica-se que ainda falta muito para o projeto atingir esse objetivo. (...) Em maio de 2003, os fiscais da Subdelegacia Regional do Trabalho de Feira de Santana (...) encontraram diversas irregularidades trabalhistas no lugar. Lavraram três autos de infração, que somaram muitas de cerca de R\$ 15 mil. Os fiscais flagraram dez trabalhadores rurais sem carteira assinada, falta de higiene, falta de água potável, inexistência de mesas e cadeiras no refeitório e falta de exame médico ocupacional dos trabalhadores.

⁴ BRISOLLA, Fábio; SÁ, Fátima. O candidato de Edir Macedo, Bispo Crivella aproxima Igreja Universal de sua maior vitória política. *Veja*, 25 set. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.uol.com.br/vejarj/250902/capa.html>. Acessado em: 30 nov. 2008.

A sociedade de Crivella nas TVs Cabrália, da Bahia, e Record, de Franca, em São Paulo, voltaria às páginas de *O Globo* no dia 17 de julho. Com documentos da Junta Comercial do Rio de Janeiro (Jucerja), a matéria “Em nome de laranjas”, assinada por Elenilce Bottari, mostrava que o senador havia sido sócio de empresas com patrimônios milionários. Além disso, a reportagem informava como haviam sido realizadas as negociações de compra e venda dessas companhias.

Crivella comprou a TV Record Rio em 3 de outubro de 1997, juntamente com os bispos Honorilton Gonçalves da Costa, Paulo Roberto Gomes da Conceição e Carlos Alberto Rodrigues Pinto, o bispo Rodrigues. Eles compraram a emissora de Alba Maria da Silva Costa, João Monteiro de Castro dos Santos (vereador assassinado no Rio no início do mês) e Márcio de Lima Araújo, que seriam laranjas. Estes últimos tinham comprado a emissora do pastor Nilson Fanini e do empresário Múcio Athayde em 1994, através de um empréstimo conseguido junto às empresas Investholding Ltd. e Cableinvest Ltd., situadas em paraísos fiscais. Investigações da Polícia Federal e do Ministério Público descobriram que eles foram usados pela Universal como laranjas, uma vez que não tinham recursos para comprar a emissora e sequer para conseguir financiamento.

Crivella, por sua vez, também é apontado como diretor da Investholding e dono da Cableinvest. Ele foi indiciado em inquérito da Polícia Federal que apura a prática dos crimes de evasão de divisas, manutenção de contas no exterior sem o conhecimento das autoridades e sonegação fiscal. (...) negociou a Universal Temple (antiga Universal Empreendimentos e Engenharia). Ele ingressou na sociedade em 9 de abril de 1997, juntamente com sua mulher, Sylvia Jane Hodge Crivella. A empresa era responsável pela construção de templos da seita. Crivella e a mulher deixaram a empresa em 22 de agosto de 2000, passando suas cotas para outro casal: José Sinforiano Soares Rocha e Márcia Aparecida Antônia Rocha, fiéis da seita e com poucos recursos financeiros.

As matérias sobre a participação acionária de Crivella em emissoras de televisão continuaram. A reportagem “Crivella não deixou de ser sócio da TV Cabrália”, de 20 de julho de 2004, diz que, ao contrário do que o senador alegava, sua saída da empresa de comunicação ainda não havia ocorrido na época em que apresentou declaração de bens à Justiça Eleitoral. Ao mesmo tempo, a reportagem informava que o Ministério Público Federal havia pedido indeferimento da candidatura do bispo a prefeito do Rio.

O Ministério Público Federal pediu a impugnação da candidatura do senador Marcelo Crivella (PL) a prefeito do Rio (...) Documentação enviada no último dia 16 de julho pelo Ministério das Comunicações ao procurador Luciano Rolim informa que Crivella permanece como sócio-gerente da TV Cabrália Ltda e que o processo de transferência das cotas do senador para outras duas pessoas está arquivado por desistência da empresa. A decisão da TV de desistir da redistribuição societária é de novembro de 2002, logo depois de Crivella ter sido eleito senador pelo Rio de Janeiro.

A polêmica envolvendo a participação de Crivella na sociedade de empresas de comunicação só terminaria quando a Justiça aceitava a candidatura do senador para Prefeitura do Rio, como informou uma matéria publicada no dia 4 de agosto (anexa). Depois disso, o próprio jornal *O Globo*, do dia 24 de agosto, informava que a briga do senador com o jornal ganhava contornos oficiais. Isso porque Crivella disse que iria processar o impresso.

O senador Marcelo Crivella, candidato do PL a prefeito, anunciou ontem que vai adotar cinco medidas judiciais contra o que classificou de manipulação eleitoral feita pelo *O Globo* para prejudicar sua candidatura. Ele leu 16 títulos de reportagens do jornal, que classificou de infâmias contra a sua honra. Todas as reportagens, porém, foram feitas com base em investigação do Ministério Público Federal e dados da Receita Federal, do Ministério das Comunicações, de juntas comerciais em municípios onde o candidato tem ou já teve bens e da Justiça Eleitoral. (...) – Venho sofrendo calado uma impiedosa campanha de mentiras e ofensas contra minha honra e até fraude por parte do jornal *O GLOBO*.

A resposta de *O Globo* foi uma nota oficial se defendendo das acusações e também informando que os documentos obtidos por *O Globo* deixavam clara a sua participação nas emissoras. A nota também dizia que as declarações do senador não eram suficientes para contestar a matéria.

NOTA DA REDAÇÃO As declarações apresentadas pelo candidato Marcelo Crivella não contestam o teor das informações publicadas pelo *O Globo*, baseadas em documentação que sustenta ação movida contra ele por iniciativa do Ministério Público Federal. As informações do *O Globo* sobre a situação cadastral do candidato na Receita Federal estão baseadas em documento do Serpro já publicado no jornal (veja reprodução abaixo) e outros, sempre acompanhados da versão de Crivella. Em relação aos adjetivos usados pelo candidato, estão coerentes com o teor de suas declarações contra *O GLOBO* desde o início da campanha eleitoral. Ele está no seu direito democrático de fazê-las. *O GLOBO* continuará a sua linha de cobertura das eleições, baseada num jornalismo equilibrado, plural, crítico e equidistante de lutas partidárias.

Outra nota oficial foi publicada pelo jornal no dia 28 de agosto de 2004. O jornal também acusava o senador de tentativa de intimidação dos jornalistas do impresso.

Como não consegue contestar a veracidade das informações publicadas pelo *O Globo*, o candidato Marcelo Crivella parte para tentar intimidar seus profissionais. As reportagens publicadas pelo jornal são baseadas em investigações que estão sendo conduzidas pelo Ministério Público Federal, pela Justiça Eleitoral e pela Comissão de Ética do Senado. Os pontos sobre os quais o senador está sendo investigado — não pelo *O Globo*, mas pelas instituições citadas acima — e ainda não conseguiu se explicar, são:

1) Quando o senador Marcelo Crivella deixou a sociedade da TV Record Rio de Janeiro? Em junho de 2001, como registrou na Junta Comercial do Rio, ou só em novembro de 2002 (quando já estava eleito senador) como consta do banco de dados da Receita Federal?

2) O senador Crivella assinou movimentação empresarial como sócio da TV Cabrália em 13 de novembro de 2003, segundo documento obtido pelo procurador da República no Distrito Federal Luciano Sampaio Gomes Rolim — e a legislação não permite que parlamentares sejam sócios de emissoras de TV, sendo por isso passível de cassação. O Ministério das Comunicações informou oficialmente ao procurador, no último dia 20 de julho, que Crivella continuou até maio como sócio-gerente da TV Cabrália Ltda.

A descrição, e não análise, de algumas matérias publicadas sobre Crivella durante a corrida eleitoral de 2004 mostram que é antiga a briga entre o senador e o jornal. Com isso, é provado que se ocorreram os ataques ao candidato em 2008, eles não eram, de fato, uma novidade.

O mesmo pode ser dito em relação às matérias publicadas sobre Edir Macedo e a Igreja Universal, assim como a TV Record. Uma análise mais detalhada das reportagens sobre esses personagens poderia ser mais esclarecedora. No entanto, é possível deduzir (não provar com entrevistas ou documentos) que a briga também pode ter outras razões para ocorrer.

A questão sobre a participação acionária de Crivella em emissoras de televisão, no entanto, é delicada. É um fato já notório que o envolvimento de políticos com concessões públicas, como o caso da televisão, não se restringe ao caso do Crivella. Do outro lado, é bom lembrar, também há exemplos que, se não podem ser chamados de ilegais, são no mínimo antiéticos.

Afinal de contas, são públicos e notórios três exemplos bem semelhantes aos de Crivella que ocorrem na própria “Vênus Platinada”, principal empresa das Organizações Globo, da qual faz parte o jornal *O Globo*:

- Em Alagoas, a família Collor de Mello é dona da retransmissora da Globo no estado.

- No Maranhão, a família Sarney controla a TV Mirante, também retransmissora da Globo.

- Finalmente, na Bahia a família do falecido senador Antônio Carlos Magalhães é proprietária de diversas emissoras de televisão que retransmitem a programação da Globo.

Se os casos citados acima não podem ser considerados ilegais, já que os políticos das referidas famílias não fazem parte do quadro societário da empresa, são questionáveis. Mesmo que a questão do envolvimento entre políticos e veículos de comunicação seja de extrema importância, não é o objetivo desta pesquisa discuti-lo.

É obrigação desse estudo, porém, apenas levantar um debate sobre certa incoerência percebida nas matérias de *O Globo* sobre Crivella em 2004. Não é justo esquecer que, apesar de essas reportagens sobre Crivella não serem, a partir de uma primeira análise, inverídicas, as Organizações Globo também cometem seus desvios.

E, mais importante ainda para esse estudo, é preciso lembrar também que, por trás de toda a procura pela verdade jornalística (que parece ser legítima, cabe ressaltar) nas matérias publicadas pelo impresso sobre o sobrinho de Macedo, pode haver demais questões. A mais óbvia delas seria, com certeza, a briga empresarial da TV Globo (de propriedade da mesma família que o jornal) e a TV Record, cujo dono é o bispo Edir Macedo.

Uma matéria da Revista *Carta Capital* publicada em 5 de março deste ano mostra que a briga entre Crivella e *O Globo* realmente não é tão recente. Ainda compara Crivella a Leonel Brizola, que também entrou numa guerra com os veículos das Organizações Globo, mas no ano de 1982.

Na campanha de 2004, Crivella sofreu sistemática campanha do jornal *O Globo*. E é também a briga com a empresa dos Marinho que vem à tona na disputa política sediada no Rio de Janeiro. Ocupar, politicamente, a terra por essência global seria um golpe e tanto – a um só tempo televisivo e político. Algo semelhante à vitória de Leonel Brizola em 1982. (ATHAYDE, Phydia de *et al.*, 2008, p. 37-38)

Para conhecer mais sobre a disputa empresarial das Organizações Globo e Record, é necessário, antes de tudo, descrever um pouco da história de *O Globo* e do principal empresário das Organizações Globo, Roberto Marinho. Somente depois disso será analisado o “conflito”, propriamente dito, entre as empresas dos Marinho e Macedo.

4.8. Roberto Marinho e as Organizações Globo

O jornalista Roberto Pisani Marinho nasceu no dia 3 de dezembro de 1904, no Rio de Janeiro. Era filho de Irineu Marinho e Francisca Pisani Barros Marinho. O seu pai já era jornalista renomado na época. Participou da fundação dos jornais *A Noite*, 1911, e *O Globo*, em 1925.

Logo depois da fundação do impresso, porém, Irineu Marinho morreu. Com isso, o cargo de diretor-redator-chefe de *O Globo* ficou nas mãos do jornalista Eurycles de Mattos. Roberto Marinho chegou a ser cogitado para o posto, mas chegou-se ao consenso de que ainda era muito inexperiente.

Após a morte de Mattos, em 1931, Roberto Marinho, aos 26 anos, finalmente assumiu a direção do jornal. Antes, ele havia passado por diversos setores da empresa com o intuito de aprender mais sobre o seu funcionamento. Os irmãos Ricardo e Rogério também começaram a contribuir no ofício ainda na década de 30.

Inicialmente, o jornal era vespertino e tinha diversas tiragens. Funcionava em um prédio de pequenas proporções no Centro da Cidade até que, em 1954, mudou-se para o edifício onde está até hoje, na Rua Irineu Marinho, também no Centro. Um grande salto para a empresa foi a inauguração, em 1999, do parque gráfico em Duque de Caxias, considerado o mais moderno da América Latina.

O Globo foi a primeira empresa das Organizações Globo. Depois do impresso, veio, em 1944, a *Rádio Globo* do Rio de Janeiro, que sempre teve como principal característica o perfil voltado para transmissões jornalísticas. Atualmente, o Sistema Globo de Rádio tem três emissoras própria e outras 29 afiliadas, tanto nas frequências FM como AM. Hoje, a Rádio CBN dedica-se a notícias 24 horas por dia e é uma das mais reconhecidas do setor.

Roberto Marinho ganhou a concessão para uma estação de radiotelevisão em 1957, mas a TV Globo só foi lançada no dia 26 de abril de 1965, pouco mais de um ano depois do Golpe Militar de 64. Apesar de no site Memória Globo constar que “A TV Globo foi criada com recursos do próprio Roberto Marinho, que empenhou todos os seus bens pessoais”, a história não parece ter sido realmente essa.

Na época em que a Globo entrou no ar, os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que tinham a concessão da TV Tupi, iniciaram uma grande campanha contra a televisão de Roberto Marinho. Tudo isso porque Marinho teria usado recursos da

americana Time-Warner para colocar a TV Globo no ar, o que era proibido pela Constituição.

Não é coincidência que a TV Globo tenha entrado no ar logo após o Golpe Militar. Na época, o governo tinha a pretensão de criar uma rede nacional de comunicações para poder integrar o país, que, segundo eles, estava no caminho da modernização. Para Roberto Marinho, o desejo dos militares foi bastante conveniente.

Sempre é preciso lembrar, porém, que a TV Globo não era um mero instrumento dos militares. Não se trata de uma TV trabalhando para os militares. Roberto Marinho simplesmente aproveitou a oportunidade que viu surgir com o golpe para poder utilizá-lo a favor de seus negócios.

É bem verdade também que, em muitos momentos, a cobertura jornalística da TV Globo e das outras empresas das Organizações, deixou a desejar durante os governos militares. Um dos exemplos que podem ser citados é a tímida cobertura das passeatas pelas eleições diretas, noticiadas com destaque por diversos veículos de comunicação.

Também é necessário ressaltar que as empresas jornalísticas das Organizações Globo não podem ignorar um fato de relevância para a população. Uma vez que deixam de cobrir determinado evento, tomam “furo” e, conseqüentemente, correm risco de perder leitores ou telespectadores.

Outra possível conseqüência negativa para a empresa seria a perda de credibilidade. Isso, no caso de um veículo de comunicação, pode ser fatal. A partir do momento em que uma empresa jornalística perde sua credibilidade, também podem ocorrer prejuízos. Por causa disso, é muito importante ressaltar que os reflexos das ideologias e relações políticas dos proprietários das empresas de comunicação em suas coberturas sempre corre o risco de esbarrar na fronteira de seu faturamento. Não se trata de uma conspiração contra determinados grupos, religiões ou militantes políticos. São apenas negócios.

4.9. Globo X Record.

As brigas da TV Globo com concorrentes pela audiência não são recentes. O crescimento recente da Record não é, exatamente, uma novidade. Antes da emissora do bispo Macedo, o SBT, de Silvio Santos, já tinha se envolvido em algumas polêmicas com a

Vênus Platinada. As brigas começaram com o crescimento do número de telespectadores do programa Domingo Legal, apresentado por Gugu Liberato aos domingos.

Sobre esse assunto, uma matéria da Folha de São Paulo, do dia 2 de abril de 2000, é bem esclarecedora. A reportagem “Guerra Dominical” informa que, diante do crescimento da audiência do Domingo Legal, o Domingão do Faustão decide não convidar mais artistas que participaram do programa concorrente.

A DECISÃO do "Domingão do Faustão" de não mais levar ao programa cantores e bandas que tenham participado do "Domingo Legal", do SBT, caiu como uma bomba na indústria fonográfica brasileira. Uma bomba de silêncio. Desde o último domingo, a atração global apenas apresenta artistas que se comprometam a não ir ao programa de Gugu Liberato, conforme resolução divulgada a 17 gravadoras em reunião com o diretor Alberto Luchetti, do 'Faustão'.

Outro episódio da guerra pela audiência entre as duas emissoras já havia sido noticiada alguns dias antes pela Folha de São Paulo. No dia 20 de março de 2000 o impresso paulistano publicava uma pequena reportagem contando uma das estratégias adotadas pelo SBT na briga contra a Globo. A emissora de Silvio Santos convidava para entrevistas pessoas atacadas em reportagens da concorrente.

Protagonista de uma ferrenha guerra com Fausto Silva pela liderança nas tardes de domingo, Gugu Liberato arranhou uma nova e inusitada arma para enfrentar a Globo. Ele leva a seu programa, como convidados, personalidades que apareceram em situação desfavorável em telejornais da emissora concorrente. Na semana retrasada, o entrevistado foi Celso Pitta, que dois dias antes vira *nO Globo* Repórter a própria ex-mulher, Nicéa, denunciar um esquema de corrupção em sua administração. Na semana passada foi a vez do cantor Alexandre Pires, indiciado pelo atropelamento e morte do vendedor José Alves Sobrinho. Pires estava chateado com a Globo porque a emissora havia exibido, no Fantástico, testemunhas que desmentiam pontos importantes para a sua defesa no caso. Gugu explorou à exaustão o ressentimento de ambos. Na entrevista com Pitta, foi direto: "O senhor pretende processar a Globo?" Com essa estratégia, o loiro do canal de Silvio Santos cutuca a concorrente e, de quebra, ganha pontos na audiência. Enquanto Alexandre Pires esteve no vídeo, o placar do Ibope apresentou uma média de 32 pontos do SBT contra 27 da Globo. No caso de Pitta, houve um empate técnico.

O jornal *O Globo*, das Organizações Globo, também iria noticiar um polêmico episódio envolvendo o programa Domingo Legal, de Gugu. Tratava-se da ação do Ministério da Justiça de proibir a exibição da chamada “prova da banheira” em determinados horários. A brincadeira consistia em uma disputa entre homens e mulheres

vestidos apenas com roupas de praia para saber quem consegue recolher mais sabonetes do fundo de uma banheira.

O quadro “Banheira do Gugu”, exibido aos domingos no programa “Domingo Legal”, do SBT, também foi alvo ontem de ações do Ministério da Justiça. Em portaria no Diário Oficial da União de ontem, o ministério proíbe que o quadro seja exibido antes das 21h e classifica a atração como imprópria para menores de 14 anos. Até agora, “Banheira do Gugu” ia ao ar entre 18h e 20h e tinha classificação livre. No quadro, que chega a registrar 25 pontos de audiência, mulheres e homens com roupas de banho aparecem ao lado de um convidado, disputando para ver quem consegue encontrar o sabonete que está dentro de uma grande banheira.

As páginas de *O Globo* também registraram no ano seguinte o drama pelo qual passou a família de Silvio Santos. A filha do apresentador, Patrícia Abravanel, ficou seqüestrada por cerca de uma semana. O desfecho do crime ocorreu quando os seqüestradores foram à casa de Silvio Santos e o mantiveram refém, junto com a sua família. Uma das reportagens sobre o assunto foi publicada no dia 3 de setembro de 2001. Com o título “Silvio Santos e Patrícia vão depor em casa”, a matéria relatava que o “drama de Silvio Santos esquentou a guerra pela audiência”.

A polícia de São Paulo ouviu esta semana o depoimento do empresário Silvio Santos no inquérito instaurado contra Fernando Dutra Pinto, líder da quadrilha que seqüestrou Patrícia Abravanel e fez o empresário refém, na quinta-feira. Ontem, o delegado Itagiba Franco, diretor da Divisão de Policiamento Comunitário (Diprocom), confirmou que o depoimento ocorrerá hoje ou quinta-feira, na casa de Silvio, no Morumbi. Assim, a polícia poderá ouvir também o relato de Patrícia, que disse ter conversado com os seqüestradores.

Ontem, o drama de Silvio esquentou a guerra pela audiência na televisão. Segundo o Ibope, o “Domingo Legal”, comandado por Gugu Liberato no SBT, ganhou do “Domingão do Faustão” da Globo. Gugu levou ao palco o motorista Antônio Sebastião Pinto, pai dos seqüestradores Fernando e Esdras Dutra Pinto. Exibiu ainda trechos do depoimento do bandido, no qual afirmava que, inicialmente, pensara em seqüestrar Silvio Santos, e que, após matar os policiais, pediu ajuda ao apresentador porque temia ser morto pela polícia.

As matérias listadas acima são apenas uma referência aos episódios da guerra pela audiência entre a Globo e o SBT, poucos anos antes de a Record entrar no páreo. Não há como relacionar um episódio a outro e, tampouco, afirmar que há inverdades publicadas em veículos das Organizações Globo sobre polêmicas envolvendo a principal concorrente à época.

Entretanto, uma leitura um pouco mais perspicaz deve ser feita em relação à guerra pela audiência entre as duas emissoras. É possível afirmar que a batalha extrapolou os

limites do conteúdo dos programas “Domingo Legal” e “Domingão do Faustão”. Nos tribunais, também houve, de certa forma, capítulos dessa guerra.

Não que as Organizações Globo estivessem diretamente envolvidas no contexto dessas brigas judiciais, mas, cabe ressaltar, não deixaram de dar uma ampla cobertura e destaque aos erros e revezes dos concorrentes. Esse foi o caso em relação a uma entrevista supostamente forjada de Gugu com integrantes da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), como informou matéria “Gugu paga R\$ 750 mil para se livrar de processo”, do dia 31 de agosto de 2005.

O apresentador do SBT Gugu Liberato fez um acordo financeiro com a Procuradoria do Consumidor do Ministério Público de São Paulo e pôs fim ontem ao processo civil decorrente do escândalo envolvendo a entrevista com falsos integrantes de uma facção criminosa paulista. A entrevista foi apresentada no programa “Domingo Legal”, do SBT, em setembro de 2003. Para se livrar do processo, o apresentador concordou em pagar R\$ 750 mil de multa, em 12 parcelas mensais de R\$ 62,5 mil, a instituições de caridade que serão indicadas pelos promotores.

Embora tenha feito acordo na ação civil pública, o apresentador ainda continua respondendo a processo criminal pela falsa entrevista. A primeira das 12 parcelas será paga no dia 16 de setembro. No entanto, o processo civil contra o apresentador e o SBT só será encerrado oficialmente com o pagamento da última parcela, dentro de um ano.

Na falsa entrevista, dois homens encapuzados faziam, entre outras bravatas, ameaças de morte a apresentadores de outras emissoras. Gugu e o SBT foram denunciados pelo Ministério Público por apologia ao crime, incitação ao crime e publicação de notícia falsa contra o interesse público.

O acordo civil, na avaliação do advogado de Gugu, Pedro Luiz Cunha Alves de Oliveira, foi muito bom por não reconhecer a tese de que o telespectador é um consumidor, que fora apresentada pelos promotores públicos.

Na ação criminal, Gugu e outras cinco pessoas foram indiciadas por apologia ao crime pela Polícia Civil de São Paulo. Os produtores Hamilton Tadeu dos Santos, Wagner Faustino da Silva, Antonio Rodrigues da Silva, Rogério Casagrande e o repórter Wagner Maffezoli participaram da produção da falsa entrevista exibida no ‘Domingo Legal’.

Mas os negócios do SBT já não são a mesma coisa desde 2001. Naquele ano a emissora de Silvio Santos exibiu o programa Casa dos Artistas. A atração, que consistia em juntar um grupo de famosos em uma casa para que, aos poucos, eles fossem eliminados pelos telespectadores chegou a tirar alguns pontos da Globo nos domingos. Entretanto, esse foi o último suspiro da emissora na briga pela audiência.

Em janeiro de 2007, o apresentador Carlos Massa, o Ratinho, um dos maiores trunfos de audiência do SBT, já não fazia tanto sucesso. No fim dos anos 90, ele ultrapassava os 30 pontos de audiência. Mas no ano passado, “a atração ‘Jornal do Massa’

pelejava para vencer o desenho A Turma do Pica-Pau, da Record, na faixa de 6 a 8 pontos”, conforme matéria publicada na Revista *Carta Capital* de 28 de março de 2007.

A explicação para a queda de audiência pode estar nas páginas da mesma matéria de Carta Capital. O fenômeno pode estar relacionado a um aumento da escolaridade do brasileiro, que passa a rejeitar programas popularescos como os exibidos pela emissora de Silvio Santos. A revista, inclusive, cita que o SBT chegou a realizar pesquisas que atestaram esse diagnóstico.

Um profissional envolvido nas recentes reformulações do SBT atesta que a rede dispõe de pesquisas que apontam uma relação direta entre esse aumento da escolarização e o declínio da programação estilo mundo-cão: se a escolaridade aumenta, cresce em proporção direta o grau de exigência do telespectador. (SIQUEIRA, 2007, p. 42)

No lugar do SBT, entra a Record, de Edir Macedo. A emissora, cujos investimentos cresceram na mesma proporção do crescimento da Igreja Universal, decidiu partir para o ataque. Deixou para trás uma programação exclusiva de programas religiosos para investir em profissionalismo. Contratou atores e jornalistas da emissora da família Marinho e, aos poucos, ganha pontos de audiência da TV do Jardim Botânico.

Os investimentos da Record em telenovelas não são, nem de longe, o maior dos incômodos à Globo. A rede reerguida pelo bispo Edir Macedo adotou como norma reproduzir a estética da concorrente. A grade de programação é semelhante. Do jornalismo ao entretenimento, optou por roubar profissionais da emissora carioca a preço de outro – a última a receber um convite foi a atriz Fernanda Montenegro. O atual campo de batalha são os eventos esportivos. A Record garantiu a exclusividade na transmissão das Olimpíadas de Londres, em 2012, e fez ofertas milionárias por torneios de futebol, no Brasil e no exterior. (SIQUEIRA, 2007, p. 36)

O contrato da emissora de Macedo com o Comitê Olímpico Internacional (COI) para a transmissão dos Jogos Olímpicos de 2012 pode deixar os executivos do Jardim Botânico bastante preocupados. No dia 16 de março do ano passado a Record anunciou a compra dos direitos de transmissão do evento por 60 milhões de dólares. Segundo a Revista Carta Capital, o diretor-comercial da Record, Walter Zaguri, já iniciou contratos com anunciantes, com cotas que custariam entre 5 e 6 milhões de dólares.

No entanto, a Record não teve o mesmo sucesso ao tentar comprar os direitos de transmissão das Copas do Mundo de 2010 e 2014. De acordo com a emissora, a Federação

Internacional de Futebol (Fifa) rejeitou a proposta, não confirmada oficialmente, de 360 milhões de dólares. A Globo ganhou a disputa oferecendo 340 milhões de dólares, segundo dados publicados no balanço da empresa.

A reação da Record foi contratar um escritório especializado em Direito Internacional para tentar questionar o processo de seleção da Fifa. O argumento é o de que, ao escolher a Globo, a Fifa prejudicou a imagem da Record. Uma outra derrota da emissora de Macedo nos gramados ocorreu na disputa pela transmissão do Campeonato Paulista.

A reportagem de *Carta Capital* diz que o presidente da Record, Alexandre Raposo, alega ter feito uma oferta mais elevada do que a Globo para a Federação Paulista de Futebol. O máximo que conseguiu, entretanto, foi forçar a empresa dos Marinho a dobrar o preço de sua oferta, desembolsando 70 milhões de reais pelos direitos de transmissão do torneio.

O faturamento publicitário da Record aumentou desde 2004, quando a empresa ganhou 500 milhões de reais anuais com anunciantes. Em 2006, esse número passou para 1 bilhão de reais e a previsão era de que chegasse a 1,36 bilhões em 2007. No entanto, os padrões da Globo ainda estão bem acima dos apresentados pela concorrente.

Carta Capital informou que, enquanto o faturamento anual da Record era de cerca de 1 bilhão, a Globo arrecadava 5 vezes mais. Em número de funcionários, a Globo também bastante superior: possui 17 mil enquanto a concorrente conta 6 mil. A média de audiência ainda é bem superior. A Vênus Platinada tem médias de 32 pontos enquanto a concorrente tem de 10 pontos.

Alguns meses depois, mais uma reportagem de *Carta Capital* foi bem esclarecedora ao tratar dos números do Ibope em relação aos índices de audiência das principais emissoras de televisão do Brasil. Dizia a reportagem que, apesar de ter um número de telespectadores bem superior aos das concorrentes, a Globo sentia ameaça, principalmente por causa de possíveis ameaças à venda espaço para o mercado publicitário.

A matéria, intitulada “Colosso. Não mais impávido”, divulgava números do Ibope Teleport, que são utilizados por empresas de comunicação e agências de publicidade para elaborar os seus planejamentos de trabalho. A reportagem diz que, enquanto *O Globo* estava em queda, a emissora de Edir Macedo não parava de crescer.

Vê-se que, na Grande São Paulo, a Globo sofreu uma queda de 9,5% no chamado horário nobre (das 6 da tarde à 1 da manhã), quando se compara a média de janeiro a agosto de 2007 ao mesmo período de 2006. Em âmbito nacional, a perda foi de 7%. Estendida a referência para o dia inteiro, 9 das 6 da manhã à meia-noite), descobre-se que o share caiu de 10,5% na Grande São Paulo e 7,3% no total nacional. (AVILA, 2007, p. 50)

Publicada dezesseis dias depois da inauguração da Record News, a primeira emissora noticiosa da TV aberta brasileira, a reportagem de *Carta Capital* é mais uma prova do crescimento e das ameaças da Record à hegemonia da TV Globo. Desta vez, ao contrário do que fez Silvio Santos no fim da década de 90, a emissora de Edir Macedo investia pesado e gastava muito dinheiro para obter a posição.

Já Silvio Santos adotava a tática de levar para o SBT uma programação alternativa aos padrões exibidos pela Globo. Não era com grandes investimentos em dinheiro, mas a partir de um grande diferencial de posicionamento para tentar atrair telespectadores. E está aí a grande diferença entre as estratégias adotadas pelas duas empresas do “segundo lugar”.

E com estratégias diferentes, a Record também partiu para o ataque acusando a Globo de tentar impedir a inauguração da Record News. No dia da inauguração do canal, em uma cerimônia que contou com a presença do presidente Lula, Edir Macedo alfinetou e disse que “Fomos injustiçados por muitos anos por um grupo de comunicação que tinha e mantém o monopólio da notícia no Brasil. Daí nosso desejo de dar fim a esse monopólio”.⁵

A resposta da Globo para a provocação veio no mesmo tom. Em nota, a emissora da família Marinho afirmou que não esperava agressões diferentes de “um grupo que lucra com a manipulação da fé religiosa”. A explicação para a briga pode ser esclarecida na matéria publicada pela Revista Veja em 10 de outubro de 2007 sobre o assunto. Eis o trecho que fala das questões que nortearam a inauguração da Record News.

O lado menos visível da guerra entre Record e Globo aflorou (...) com o fogo cruzado deflagrado durante o lançamento da Record News. Nos últimos seis meses, o presidente Lula foi informado pelo ministro das Comunicações, Hélio Costa, sobre o andamento das negociações para a instalação do canal. Costa ficou em meio a duas demandas. De um lado, a Globo o fazia saber que a abertura da emissora feriria certos aspectos da legislação, em especial a proibição de que um mesmo grupo tenha dois canais abertos na mesma cidade – no caso, São Paulo. De outro, políticos ligados à Universal, como o senador

⁵ MARTHE, Marcelo. No ar, mais um vice-campeão de audiência, A Record dobrou seu faturamento em três anos e ultrapassou o SBT no segundo posto da audiência. Seu dono, o bispo Edir Macedo, quer ir mais longe – e tem os meios da Igreja Universal para isso. Veja, São Paulo, 10 out. 2007. Disponível em : http://veja.abril.com.br/101007/p_084.shtml. Acessado em: 30 nov. 2008.

Marcelo Crivella e o vice-presidente José Alencar, assediavam Costa com a informação de que existe uma saída jurídica para o impasse. Ao final, Costa sugeriu à Record que mudasse a composição societária da Rede Mulher, emissora que deu lugar à Record News. Mudança feita, o canal foi autorizado a operar. (Ibidem)

A reportagem também conta outras estratégias adotadas pela Record contra a concorrente do Jardim Botânico. Diz que a emissora de Edir Macedo contratou diversos profissionais da TV Globo, além de ter mudado de postura após o chamado “chute na santa”. Esse foi o estopim para que a Record tentasse alçar vôos mais ousados.

A emissora já passara por duas fases. Da compra por Edir Macedo, em 1989, até o triste episódio do ‘chute na santa’, o televangelismo dominou a programação. Na fase seguinte, a Record assumiu um perfil popularesco, em que o sensacionalismo do *Cidade Alerta* e do *Programa do Ratinho* era a grande atração. A guinada que agora começa a dar frutos foi desfechada há três anos. Por sugestão do então recém-contratado diretor comercial Walter Zagari, a rede optou por fazer uma operação muito comum nas televisões de todo o mundo. Decidiu-se ‘clonar’ a programação da Globo e ter o famoso ‘padrão de qualidade’ da emissora do Jardim Botânico como a meta a ser atingida (...) Em três anos, a Record tirou sessenta jornalistas da Globo. Na área de teledramaturgia, a ousadia foi sinalizada pela compra dos antigos estúdios do humorista Renato Aragão, no Rio de Janeiro. A Record pagou 15 milhões de reais pelas instalações (...) O RecNov, nome do complexo, simboliza essa fase exuberante da Record. Quando foi comprado, ele contava apenas com três galpões modestos. Hoje tem oito que, em tecnologia, pouco ficam a dever aos da Globo. O plano é dobrar esse número nos próximos anos. (Ibidem)

Também são esclarecidos alguns pontos da ligação da Record com a Igreja Universal. A matéria dá a idéia de como o dinheiro dos dízimos pode estar sendo levado diretamente para a televisão. Daí a vultuosidade de seus investimentos, tanto no jornalismo quanto em programas de entretenimento. A receita da Record, diz a reportagem, em boa parte é resultado da venda de espaço publicitário para a igreja. Os preços são atípicos para o mercado nacional.

A Igreja Universal oferece à Record recursos para prosperar: 300 milhões de reais por ano, por meio da compra de horários na programação. Esse dinheiro, proveniente do dízimo pago espontaneamente pelos fiéis da igreja, equivale a um terço de tudo o que a emissora arrecada no mercado publicitário. Trata-se de uma vantagem competitiva que nenhuma outra emissora desfruta (...) O vínculo da Record com a Universal, no entanto, é indelével não apenas na origem e na coincidência de nomes com poder em ambas as instituições. Os cargos-chave são ocupados por bispos da Universal ou "obreiros", como são chamados os funcionários menos graduados. Um bispo cuida da tecnologia e outro coordena as vendas internacionais de novelas. Ofertam-se bolsas de estudo a funcionários ligados à igreja, para que estudem administração ou jornalismo e assim se credenciem a postos atualmente ocupados por leigos. A maioria dos seguranças

e faxineiros também é da Universal. No topo dessa estrutura está um homem de confiança de Edir Macedo: o bispo Honorilton Gonçalves. (Ibidem)

As contradições são até, segundo a matéria, investigados pela Receita Federal. Não há lógica na venda de espaço publicitário na madrugada por um preço tão alto. A fonte de receita da Record é alvo de investigações, mas, até agora, não se descobriu qualquer irregularidade. Isso não impede, porém, a TV Globo de protestar.

A guerra subterrânea entre a Record e a Globo tem a programação da Igreja Universal nas madrugadas como ponto nevrálgico. O fato de a Record receber a injeção de cerca de 300 milhões de reais anuais da Igreja Universal a título de venda desse espaço é visto pela concorrente como uma vantagem indevida. A Universal paga 140.000 reais por hora em uma faixa de horário em que a Globo não arrecada mais do que 40.000 reais, mesmo obtendo uma audiência quatro vezes maior do que a concorrente. A título de comparação, a igreja de Edir Macedo paga apenas 55.000 reais por hora para a RedeTV! na compra de horário no começo da tarde naquela emissora. Não mais do que 5% do faturamento das TVs abertas vem do espaço comercial vendido durante a programação da madrugada. Chama a atenção do mercado o fato de na Record, ao contrário do que ocorre nas demais emissoras, a madrugada produzir 30% do faturamento. Mas se existe alguma ilegalidade na transferência de renda da igreja para a emissora ela ainda não foi argüida nos tribunais. A Receita Federal investiga atualmente cinco igrejas evangélicas, entre elas a Universal, pelo uso de dinheiro originário da fé (livre de tributos) sendo investido por seus líderes em empreendimentos temporais (tributáveis). A Receita não sabe ainda se há prejuízo para o Fisco na transação e trata a operação como uma "nova modalidade financeira" que deverá merecer, em breve, regras mais explícitas de funcionamento. (Ibidem)

Com esses dados, é possível perceber que, por trás de toda provável a campanha de *O Globo* contra Crivella, há uma série de questões empresariais nos bastidores. Não que essas questões empresariais sejam o principal motivo para os ataques do impresso dos Marinho. No entanto, não podemos ignorar que pode haver interesses, além de jornalísticos, em uma matéria acusando Crivella de qualquer tipo de irregularidade.

Voltamos a falar, é uma ingenuidade pensar que o cargo de prefeito do Rio, considerada a segunda cidade mais importante do Brasil, não tenha influências nas estratégias das empresas de comunicação. É preciso sempre lembrar que, por trás de uma guerra entre *O Globo* e Marcelo Crivella, também pode ocorrer um outro conflito maior. O da TV Record com a TV Globo. Não há como ignorar este fato. E, se ele não explica as

razões de *O Globo*, pode, pelo menos, fazer surgir uma possibilidade que não passe apenas pela simples posição política de uma empresa.

5. Análise da cobertura da campanha de Crivella em *O Globo*.

Para esta parte do trabalho, selecionamos, em um primeiro momento, todas as matérias de *O Globo* em que aparece o nome “Crivella”. A intenção era não deixar escapar qualquer citação do nome do candidato nas reportagens. Para a pesquisa, foi utilizada a base de dados do Centro de Documentação (Cedoc)⁶, da TV Globo.

Foram pesquisadas as matérias produzidas desde o dia 1º de janeiro de 2008 até poucos dias após as eleições. Depois de encontradas, elas foram lidas e classificadas de acordo com a relevância para o estudo. Como pertinentes ao estudo, foram selecionadas, principalmente, as reportagens em que o nome de Crivella aparece no título, subtítulo ou lide.

Nesses casos, eram consideradas, principalmente, as matérias que falavam sobre o candidato do PRB. No entanto, não foram deixadas de lado as matérias em que ele aparece em apenas um momento do texto.

Para a melhor compreensão dos fatos ocorridos durante a corrida eleitoral, as matérias aqui serão organizadas por ordem cronológica. Desta maneira, é mais fácil entender as possíveis mudanças nos tratamentos que *O Globo* dispensou a Crivella e também elaborar uma espécie de narrativa da campanha de Crivella.

É preciso ressaltar que esse estudo pretende utilizar, a título de breve comparação ou checagem de informações, material escrito por outros veículos, notadamente o jornal *O Dia*, sobre o candidato.

Por último, vale ressaltar que, em alguns momentos, podem ser lembradas matérias sobre a campanha de outros candidatos a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em *O Globo*. A intenção desse estudo, entretanto, não é analisar essas outras coberturas. O objetivo é apenas utilizá-las para comparações pertinentes em relação ao tratamento dado aos candidatos à chefia do executivo municipal.

Matérias.

⁶ O link para o site do Cedoc na intranet da TV Globo é <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>. É preciso lembrar que o sistema de busca não disponibiliza fotos e, tampouco, diz qual é o caderno e página em que a matéria se encontra no jornal. Na maioria das vezes, também não é possível verificar quem foram os jornalistas que a fizeram. Por causa disso, torna-se uma tarefa quase impossível inserir todos esses dados nas referências.

- Janeiro, Data: 02/01/2008. Título da matéria: “Casamento difícil”

A primeira matéria de *O Globo*, em 2008, que cita o nome de Crivella já é publicada no segundo dia do ano. Ela fala sobre as alianças que, naquele momento, já estavam sendo costuradas para a campanha eleitoral ao cargo de prefeito do Rio de Janeiro.

Neste caso, o nome de Crivella é citado apenas no pé do lide, já que a matéria não é focada na figura do senador. Entretanto, mais adiante é possível perceber que Crivella é citado como colega do deputado estadual Wagner Montes, à época sondado para o cargo de prefeito, na TV Record.

Com perfil popular e conquistando eleitores nas áreas mais carentes, nas zonas Norte e Oeste, aparecem Crivella e Montes. Colegas de emissora, na TV Record, os dois dividem as intenções de voto entre os cariocas com menor escolaridade e renda mensal de cinco salários mínimos.

Crivella, porém não tinha qualquer vínculo formal com a TV Record nesta data. A sua maior ligação com a emissora era, e ainda é, o fato de ser o sobrinho de Edir Macedo, o proprietário da empresa. Parentesco este, aliás, lembrado na matéria quando é citado o incentivo dado pelo senador para que Montes assinasse contrato com a empresa.

Sobrinho do bispo Edir Macedo, dono da Record, onde Montes apresenta o programa “Balanço geral”, Crivella diz que incentivou a ida do deputado para a emissora, mas que não faz pressão para que ele desista da disputa.

O que se percebe é uma estratégia que seria ainda muito usada por *O Globo* para relacionar Crivella à emissora que é a principal concorrente da TV Globo na guerra pela audiência. O jornal também faz questão de lembrar que a Record é uma empresa de propriedade de Edir Macedo, bispo fundador da Igreja Universal que, há muito tempo, é uma figura polêmica na mídia brasileira em geral.

- Março. Data: 04/03. Título da matéria: “Gabeira aceita ser candidato a prefeito do Rio”

Dois meses depois, o nome de Crivella seria citado novamente em uma matéria do jornal *O Globo*. Mais uma vez, sua relação com a TV Record seria explicitada. Nesse caso, é uma matéria sobre a decisão de Gabeira de concorrer à Prefeitura. Uma coordenada diz

que Wagner Montes, do PDT, desistia da candidatura. Chegou-se a cogitar um desentendimento entre Crivella e Montes.

Montes negou os boatos de que teria sofrido pressões da TV Record, onde apresenta o programa “Balanço geral”, por causa da ligação de emissora de TV com o senador Marcelo Crivella, que pretende concorrer a prefeito. O deputado, que renovou em outubro o contrato com a Record até 2010 e grava seu programa no maior estúdio da emissora, disse que não fala com Crivella há cinco meses.

Desta vez, o jornal não falou do parentesco de Crivella com o bispo Edir Macedo. No entanto, falou sobre uma ligação do senador com a TV Record, sem dar grandes detalhes de qual seria essa ligação. Além disso, cita boatos de que a emissora teria pressionado Montes a desistir da candidatura, também sem especificar de que tipo teriam sido essas pressões. A única coisa explícita é a de que as supostas pressões serviriam para beneficiar a candidatura de Crivella.

- Março. Data: 12/03. Título da Matéria: “Quem está dentro não sai: quem está fora não entra”

A frase do título é atribuída ao candidato Fernando Gabeira, do PV, sobre a expansão das favelas na cidade. A reportagem, que fala sobre o lançamento da pré-candidatura do deputado federal à Prefeitura do Rio, utiliza uma fala dele para atacar Crivella. Desta vez, o assunto é liberdade de imprensa.

A matéria diz que Gabeira assume o compromisso de não atacar adversários. No entanto, de acordo com a matéria, ao defender a liberdade de imprensa, Gabeira faria um suposto ataque à Crivella. O jornal utiliza o suposto ataque de Gabeira para lembrar processos de Crivella contra veículos de comunicação.

Apesar de pregar uma campanha livre de ataques aos adversários, Gabeira começou com uma estocada no provável concorrente, o senador Marcelo Crivella (PR), ligado à Igreja Universal do Reino de Deus. A seita patrocina uma enxurrada de processos contra jornais e jornalistas em todo o país, denunciada junto à Organização dos Estados Americanos (OEA).

— O fato de estarmos na ABI confirma nosso compromisso com a liberdade de imprensa, que está ameaçada no país — disse ele, que é jornalista.

A reportagem de *O Globo* coloca Crivella mais uma vez ligado à Igreja Universal e lembra que esta tem diversos processos contra “jornais e jornalistas em todo o país”. A

matéria também lembra que a igreja é denunciada junto à Organização dos Estados Americanos (OEA).

Outro ponto importante a ser destacado é a maneira que o jornal coloca Crivella como inimigo da liberdade de imprensa. Primeiro, diz que Gabeira fez ataques a adversários. Depois, liga Crivella à Universal para lembrar processos da igreja contra jornalistas. Por último, usa uma fala de Gabeira em defesa da liberdade de imprensa. Na frase publicada, Gabeira fala genericamente sobre a questão. Mas o jornal diz que ele fala sobre Crivella.

Um detalhe importante também é o termo utilizado para classificar a Igreja Universal. Quando o jornal diz que a “seita patrocina uma enxurrada de processos”, a palavra seita é um termo pejorativo para designar igrejas. Ferrari, em uma nota, explica como a palavra pode ser usada para diferenciar uma religião, classificando-a de maneira negativa.

Uma revista católica de ampla circulação (...) dedica vários artigos à análise da proliferação dos novos grupos religiosos, usando o termo ‘seita’. No entanto, o seu editorial reconhece a ‘conotação pejorativa e estigmatizante’ da palavra. Sugere a substituição por ‘movimentos religiosos livres’ (...) ou por ‘movimentos e grupos religiosos dissidentes e independentes’. (FERRARI, 2007, p. 72)

Ora, com essa matéria já dá para se ter uma idéia de como o jornal *O Globo* enxerga Crivella, principalmente por causa de sua ligação com a Igreja Universal. O impresso dos Marinho deixa claro que o senador não é o seu candidato preferido já nesse momento. Também chega a questionar a legitimidade da Igreja Universal ao chamá-la de seita.

- Março. Data: 21/03. Título da Matéria: Crivella ataca: “Gabeira defende homem com homem e maconha”

Esta reportagem é a primeira em que o nome de Crivella aparece no título. Desta vez, a matéria trata de uma declaração do senador contra o deputado federal Fernando Gabeira. A polêmica fala de Crivella é tratada com destaque pelo jornal, apesar de o nome dele não estar no lide.

A declaração, com certeza bastante polêmica, entretanto, não é o ponto principal a ser destacado na matéria. O jornal dá destaque, mais uma vez, às ligações de Crivella com a

Igreja Universal. O impresso também diz que Crivella “se diz ‘ex-bispo’ da igreja, dando a entender que ele estaria tentando omitir informações sobre o seu relacionamento com a Iurd”. Outro ponto que merece destaque é o fato de o jornal caracterizar Crivella como aliado do presidente Lula, apesar de este não ter declarado apoio a qualquer candidato à Prefeitura do Rio.

O candidato do PRB, senador Marcelo Crivella, ligado à Igreja Universal e que tem o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, afirma que, mesmo sem uma definição clara do PMDB, o quadro está consolidado.

— A disputa interna no PMDB vai ser tão complexa quanto as que costumam ocorrer no PT. Mas o que está claro é que o eleitorado da Zona Sul vai dividir votos entre todos os outros candidatos. Meus votos se concentram nas áreas mais populares — disse Crivella, que aproveitou para dar o tom do que deverá ser seu embate com o deputado Fernando Gabeira, que lançou sua pré-candidatura por PV-PSDB-PPS no começo do mês:

— O Gabeira não consegue coagular as propostas de todo esse bloco de candidatos. Além do mais, ele defende aborto, homem com homem e maconha. Essas coisas são fortes — acusou Crivella, que se diz “ex-bispo” da Universal.

- *Abril. Data: 01/04. Título da Matéria: “Teve até pudim com Lula”*

O subtítulo desta coordenada já é bem representativo, quando diz que “Molon e Jandira foram, mas só Crivella pôde aparecer ao lado do presidente”. A matéria é uma coordenada sobre uma visita do presidente ao Rio para inauguração de obras em Itaboraí e em Duque de Caxias.

Crivella, único dos três a aparecer ao lado de Lula, desfrutou de cada minuto. Em Itaboraí, acenava a todo o momento para a platéia, levada em cerca de 60 ônibus por prefeitos aliados, como a de São Gonçalo, Aparecida Panisset (PDT). Logo na chegada, posou para fotos com o capacete da Petrobras. No segundo encontro, em Caxias, foi incensado por Lula:

— O senador Crivella tem ajudado o governo lá em Brasília.

E, depois, pela ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff:

— O esgotamento sanitário aqui em Caxias também será garantido através de projeto do senador Crivella, que aprovou emenda colocando R\$11 milhões em esgotamento no município. Serão quase 16 mil metros de rede de esgoto que serão implantadas aqui, beneficiando o bairro Chácaras Rio-Petrópolis.

A matéria mostra, com certa ironia, que Crivella foi fazer campanha ao lado do presidente. Também destaca elogios dele ao então pré-candidato do PRB a Prefeitura do Rio. O mais interessante, porém, é o fato de falar que Crivella “desfrutou cada minuto” ao

lado do presidente Lula. A reportagem explora o evento como uma oportunidade para Crivella aproveitar a visibilidade junto ao presidente.

- *Abril. Data: 30/04. Título da Matéria: “Crivella recebe apoio de ‘amigos da Record’”.*

Logo no título se percebe o ataque de *O Globo* contra Crivella. A matéria fala sobre um jantar que o senador nega ter caráter eleitoral. No entanto, explora todas as contradições na fala do senador, que não desejava a caracterização da reunião como evento de campanha, ainda proibida, apesar de ter sido exibido até um vídeo sobre o Cimento Social, programa do parlamentar em favelas do Rio. Eis o lide da reportagem:

Apesar de se dizer ex-bispo da Igreja Universal, o pré-candidato a prefeito do Rio pelo PRB, senador Marcelo Crivella, recebeu com pastel e lingüiça, anteontem, cerca de dez atores da TV Record, ligada à igreja, e empresários para um encontro de apoio a sua candidatura. Reunidos numa churrascaria na Barra da Tijuca em apoio ao sobrinho de Edir Macedo, dono da Record, estavam a modelo Viviane Araújo e o ator Luiz Guilherme, do elenco da novela “Amor e intrigas”, da emissora.

Mais adiante, as contradições:

Preocupado com a caracterização de campanha fora de hora, o senador disse que foi convidado pelo ator Castrinho, contratado da Record, para um “encontro entre amigos”, que discutiria os rumos do Brasil e do Rio. O ator, porém, deu explicação diferente antes da chegada do pré-candidato ao restaurante:

— Como funcionário da Record, tenho ligação direta com o Crivella. A assessoria dele entrou em contato e pediu para organizar um evento. Em troca disso, tenho espaço para mostrar a pré-candidatura da minha esposa, Andréa Castrinho, que vai concorrer a uma vaga na Câmara dos Vereadores pelo DEM.

As apresentações do Cimento Social:

Antes dos discursos começarem, os convidados assistiram a um DVD sobre o programa de Crivella “Cimento social”, que reforma casas do Morro da Providência, no Centro do Rio, usando o Exército. O vídeo, todo em 3D, foi exibido na tela do salão anexo da churrascaria. Mesmo dizendo que tratava-se de um “encontro entre amigos”, o senador usou um tom tipicamente político no discurso — feito em pé e com um microfone — no momento em que comentou a pesquisa do IBPS divulgada ontem, que o mostrou como líder na preferência do eleitorado, com 26,6%.

E uma gafe de Crivella:

Quando percebeu a presença da imprensa, o pré-candidato pediu para que seus convidados não falassem em campanha porque “*O Globo* está aí, e não pode ter

evento político antes do período eleitoral”. Aos “amigos”, o senador fez um convite no final do discurso:

— Queria convidar vocês para a política de servir, servir como as crianças. Essa cidade é a do paraíso, não a da dengue.

- Maio. Data: 13/05. Título da Matéria: “Lula recebe e elogia Crivella”

Já no início do lide uma frase dúbia, que dá a entender que Crivella usa o cargo de senador para obter vantagens. A matéria fala sobre mais uma visita de Lula ao Rio e explora, mais uma vez, o fato de Crivella aproveitar o evento para fazer campanha. Também lembra que o candidato a prefeito pelo PT, Alessandro Molon, foi preterido pelo presidente na hora de ganhar a atenção junto aos holofotes.

O cargo de senador está sendo uma vantagem para Marcelo Crivella, pré-candidato do PRB a prefeito do Rio, na disputa pela preferência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ontem, mais uma vez, ele ficou no palanque de Lula durante o lançamento das obras do Arco Metropolitano do Rio, em Itaguaí. Já o candidato do PT, o deputado estadual Alessandro Molon, teve que se contentar em ficar na platéia porque deputados estaduais não sobem no palanque presidencial por determinação do cerimonial do Palácio do Planalto.

A reportagem também aproveita para lembrar o fato de Crivella ter chegado ao evento junto com a comitiva presidencial. O meio de transporte utilizado: um helicóptero, citado na matéria entre vírgulas, de maneira a deixar a palavra destacada. Certamente houve a preocupação de mostrar que o senador não economiza na hora de se locomover.

O deputado (Alessandro Molon)⁷ ficou numa área reservada a autoridades, onde também estavam crianças que assistiam ao evento, e acabou saindo antes do fim do lançamento. Já Crivella foi na comitiva presidencial, de helicóptero, e ficou até o presidente sair.

- Maio. Data: 21/05. Título da Matéria: “Crivella convida amigos para festa da Universal”

Mais uma vez negando que esteja participando de um compromisso de campanha, o senador convida diversos políticos para a inauguração de uma maquete da cidade de Jerusalém, em um templo da Igreja Universal. O jornal destaca também que os convites para o “evento da Universal” foram enviados em papel timbrado do Senado.

O senador e pré-candidato a prefeito do Rio Marcelo Crivella (PRB) inaugurou ontem, numa unidade da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) em Del

⁷ Parênteses meus.

Castilho, Zona Norte do Rio, a maior maquete do mundo da cidade de Jerusalém. Apesar de se dizer bispo licenciado da igreja, o pré-candidato usou sua cota de correspondência no Senado para enviar convites a políticos do Rio para o evento da Universal.

Depois, em uma coordenada, o impresso dos Marinho faz uma perigosa menção ao advogado contratado por Crivella para a campanha. O título diz que “Crivella contrata advogado do caso propinoduto”. A informação também é explorada no interior da matéria. A ironia pode ser vista já na primeira frase que trata do assunto:

Precavido para eventuais problemas jurídicos durante a campanha, Crivella fechou um acordo com o escritório do advogado carioca Clóvis Sahione. A assessoria do senador informou que os dois jantaram anteontem e formalizaram o acordo. Sahione atuou na defesa de fiscal acusados no escândalo do propinoduto. Ele foi flagrado em 2003 quando orientava um cliente a mudar uma letra para burlar exame grafotécnico. Na época, foi punido pela OAB.

O leitor desatento, no entanto, não percebe que, neste momento, o jornal *O Globo* ataca Crivella por causa do seu advogado, mas não cita quem já defendeu a empresa. O “teto de vidro” das Organizações Globo pode ser explicado pelo trecho da matéria de Gustavo Gindre, mestre em Comunicação pela UFRJ, publicada no site Jornal da Imprensa, sobre a venda da Net Serviços, empresa liga às Organizações.

Sendo assim, era necessário buscar algum "contorno" para permitir que a Telmex pudesse assumir o controle da NET Serviços, a despeito do que diz a Lei da TV a Cabo.

Para superar os "limites" da legislação foram contratados os mesmos advogados (Barbosa Müssnich e Sérgio Bermudes) que assessoraram o Banco Opportunity na compra da Brasil Telecom, que terminou retirando da direção da empresa os sócios Itália Telecom e fundos de pensão das estatais. O processo se transformou na maior batalha jurídica dos últimos anos.⁸

Para quem não se lembra, o Banco Opportunity é de propriedade do “empresário” Daniel Dantas, detido em julho deste ano na polêmica Operação Satiagraha, da Polícia Federal. Dantas é suspeito de crimes como lavagem de dinheiro, corrupção, evasão de divisas, sonegação fiscal e formação de quadrilha. Se de um lado Crivella erra ao trabalhar com Sahione, a TV Globo também já errou ao trabalhar com Bermudes.

- *Maio. Data: 30/05. Título da Matéria: “O CRIME NO PODER: O poderoso Garotinho”*

⁸ GINDRE, Gustavo. Organizações Globo: Discurso nacionalista, negócios nem tanto. Disponível em: <http://www.consciencia.net/2006/0204-globo-acoes.html>. Acesso em: 30 nov. 2008.

Já que o assunto são as tão repercutidas operações da Polícia Federal, aqui há mais uma. Desta vez, a operação Segurança Pública S.A., que prendeu uma quadrilha suspeita de lotear delegacias para o recebimento de propinas. Na ocasião, o ex-governador Anthony Garotinho, outro evangélico que pode até ser considerado como inimigo de *O Globo*, foi denunciado pelo Ministério Público Federal por formação de quadrilha armada. Na coordenada “Garotinho ensaia aproximação com Crivella”, fala-se de uma suposta aliança do campista com Crivella, que não chegou a se concretizar.

Antes da denúncia do Ministério Público Federal, Anthony Garotinho vinha tentando retomar o caminho que o levou à hegemonia política no estado por oito anos e carimbou seu passaporte para a disputa presidencial em 2002. Desde o ano passado, ele aposta numa volta à origem, num esforço hercúleo para reaver a influência no berço político — Campos, no Norte Fluminense. Tenta ainda garantir sua sobrevivência política num grande partido. Presidente regional do PMDB, não controla mais a legenda. Anteontem, Garotinho disse, em reunião na Assembléia Legislativa, que estuda se licenciar do partido para ter mais mobilidade nas eleições municipais do Rio.

Uma das opções de Garotinho é se bandear para a campanha do senador Marcelo Crivella (PRB), como informou o jornalista Ancelmo Gois em sua coluna no *O Globo*. A opção já foi feita por sua filha Clarissa Matheus, pré-candidata do PMDB à vereadora. Ela e representantes da Juventude do PMDB têm sido vistos nos encontros pré-campanha de Crivella. O ex-governador chegou a ter conversas com o senador, antes de assumir a defesa da aliança com o DEM do prefeito Cesar Maia, no fim do ano passado.

- *Junho. Data: 03/06. Título da Matéria: “Justiça quebra sigilo bancário de dirigentes da Universal”*

Desta vez, a matéria de *O Globo* repercute notícia do dia anterior publicada em “O Estado de São Paulo”. A reportagem fala sobre quebra de sigilo bancários de dirigentes da igreja por lavagem de dinheiro. Segundo o jornal, o Ministério Público também tentou, sem êxito, fazer o mesmo com Crivella. Mais uma oportunidade para um pequeno ataque ao senador.

Segundo o jornal paulista, tiveram o sigilo quebrado o segundo vice-presidente da Câmara Municipal de Petrópolis, Claudemir Mendonça de Andrade (PSDB) e outros dois ex-vereadores cariocas: Waldir Abrão e João Monteiro de Castro dos Santos. O pastor Márcio de Lima Araújo e o ex-secretário de Esportes de São Paulo, Álvaro Stievano Junior também foram atingidos pela medida judicial. O MP teria tentado quebrar o sigilo do senador Marcelo Crivella (PRB). O caso

chegou a ser enviado ao Supremo Tribunal Federal, que negou o pedido. Crivella disse que o caso já foi julgado e ele já foi inocentado.

- Junho. Data: 15/06. Título da matéria: “Exército é acusado de desaparecimento de jovens” (O Caso Providência)

O episódio foi a morte de três jovens moradores do Morro da Providência. De acordo com as investigações, 11 militares do Exército tiveram participação no crime, levando os rapazes para uma comunidade dominada por uma facção criminosa rival. A tragédia é mais uma oportunidade para ataques ao senador, já que os militares estavam ali trabalhando no projeto Cimento Social, de autoria do ex-bispo. A ligação de Crivella com as obras rendeu uma série de matérias sobre o assunto. Já no primeiro dia, o nome dele é citado:

A ocupação do Morro da Providência por militares do Exército começou em 13 de dezembro de 2007. A missão era acompanhar as obras de melhoria das fachadas e dos telhados de 780 casas, de acordo com o projeto apresentado, na época, pelo senador Marcelo Crivella. O projeto Cimento Social custou R\$12 milhões e previa a participação de moradores no mutirão de reformas. A presença de 200 militares na comunidade, no entanto, provocou polêmica entre os moradores, que temiam confrontos entre traficantes e o Exército.

No dia seguinte, uma coordenada aparece com o título “Exército dava segurança a projeto de Crivella”. No enterro dos três jovens executados, a coordenada “Enterro entre lágrimas e muita revolta”, publicada no dia 17, já cita o nome de Crivella logo no subtítulo. De acordo com o jornal *O Globo*, Crivella foi chamado de “pilantra” durante a cerimônia. Houve até uma manifestação contra o candidato a Prefeitura pelo PRB:

Muito revoltados, mais de 300 moradores do Morro da Providência acompanharam ontem à tarde o enterro, no Cemitério São João Batista, em Botafogo, dos três jovens assassinados no sábado, depois de entregues por militares a traficantes do Morro da Mineira. Durante o velório, parentes e amigos, que chegaram em oito ônibus, exibiram faixas e cartazes em protesto contra o Exército e contra o senador Marcelo Crivella (PRB), autor do projeto Cimento Social, que tem a proteção de soldados na favela.

Também no dia 17, uma outra coordenada diz em seu título que o “Senador fez segredo sobre ação do Exército”. A reportagem informa, sem a fala de qualquer pessoa, que tanto moradores como o governo municipal não foram informados da presença dos militares no Morro da Providência.

Ex-oficial do Exército, o senador Marcelo Crivella (PRB-RJ), autor do projeto Cimento Social, fez segredo sobre a participação dos militares na execução das obras no Morro da Providência. Moradores e autoridades municipais só souberam da presença do Exército, garantida por um convênio com o Ministério das Cidades posterior à liberação dos recursos, quando a tropa desembarcou na favela.

No entanto, o mais interessante deste trecho está em mais uma caracterização do senador Marcelo Crivella. Ele, que, de acordo com *O Globo*, “se diz ex-bispo” da Igreja Universal, é sobrinho do bispo Edir Macedo e é colega de Wagner Montes na TV Record, agora é chamado de “ex-oficial do Exército”. Mais uma clara tentativa do jornal de associar o candidato do PRB a figuras negativas. Nesse caso, é o Exército, tido, de certa forma, como o responsável pelas mortes.

Mais adiante, na mesma matéria, a participação da Igreja Universal no episódio também é citada. Segundo o jornal, duas filiais da igreja apoiavam o trabalho do senador no Morro da Providência, o que teria gerado diversas manifestações de revolta por parte dos moradores. Também fala-se em uso político das obras.

A obra, inicialmente prevista para setembro do ano passado, só começou três meses depois. Famílias que cadastraram suas casas para receber melhorias recuaram, porém, ao saber que, num lugar dominado pelo tráfico, teriam suas residências associadas à ação do Exército. Duas filiais da Igreja Universal nas imediações apoiaram o trabalho do senador no morro. Isso não evitou, contudo, manifestações de hostilidade pelo uso político do projeto.

A possibilidade é levantada no dia seguinte pelo jornal, em entrevista com os outros pré-candidatos à Prefeitura. De acordo com a matéria, as obras tiveram cunho político. Eles também pediam a retirada das tropas do Exército do local. A resposta de Crivella foi se dizer como vítima de perseguição política.

Cinco pré-candidatos à Prefeitura do Rio defendem a imediata retirada do Exército do Morro da Providência, sob o argumento de que não é função da instituição estar vinculada a um projeto de cunho eleitoral, criado pelo senador Marcelo Crivella (PRB), também pré-candidato a prefeito da cidade. O deputado federal Chico Alencar (Psol) anunciou que entrará com requerimento na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional pedindo esclarecimentos sobre a presença do Exército no morro e sobre como ocorreu o convênio da instituição com o projeto do senador:

— Entro ainda com pedido de apuração à Justiça Eleitoral para verificar se houve o uso eleitoral do projeto. Que tipo de influência o senador exerceu na comunidade, como ocorreu a escolha das casas beneficiadas?

A coordenada “Reforma de fachada quase a preço de construção completa”, do mesmo dia, já questiona a qualidade das obras no Morro da Providência. Levantamento do jornal informou que Cimento Social de Crivella tinha altos custos em relação aos benefícios que previa trazer. Eis o lide:

O projeto Cimento Social, criado pelo senador Marcelo Crivella (PRB-RJ) para reformar fachadas e telhados de 782 moradias no Morro da Providência, devem consumir, até o fim do ano, R\$16,6 milhões — cerca de R\$22 mil por imóvel reformado. O valor corresponde a 62,8% de uma casa popular nova, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, financiada pela Caixa Econômica Federal no Programa de Atendimento Residencial. Segundo a Caixa, a construção de uma casa para família de baixa renda no Rio custa aproximadamente R\$35 mil.

Já no dia 19 de junho, *O Globo* noticia que o Exército sai da Providência, devido a uma decisão da Justiça Federal. Na reportagem “O Exército fora da Providência”, entretanto, o que mais chama a atenção é que o senador Marcelo Crivella agora não é mais apenas autor do projeto Cimento Social, mas o responsável pelas obras.

A decisão tem caráter liminar e foi dada na ação proposta pela Defensoria Pública da União. O defensor André Ordacgy entrou com o pedido na tarde de ontem e, no mesmo dia, a juíza deferiu a liminar. De acordo com André, o Exército está de forma inconstitucional atuando na Providência. A força é responsável pelas obras do projeto Cimento Social, que vêm sendo propagadas como de responsabilidade do senador Marcelo Crivella (PRB), aliado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Neste mesmo dia, *O Globo* faz matéria ouvindo o secretário municipal de Assistência Social, Marcelo Garcia. De acordo com Garcia, a Prefeitura chegou a tentar realizar o Cimento Social, mas desistiu porque o senador Crivella não teria concordado com o critério para cadastramento dos moradores beneficiados. Desta vez, a reportagem sugere que Crivella tentou beneficiar fiéis da Igreja Universal.

O secretário municipal de Assistência Social, Marcelo Garcia, afirmou ontem que a Prefeitura desistiu de participar do projeto Cimento Social, no Morro da Providência, iniciado há oito meses, por discordar, radicalmente, do senador Marcelo Crivella (PRB-RJ) em pontos fundamentais da obra. Segundo o secretário Garcia, o município não abriu mão de começar as obras pelas áreas mais pobres e de priorizar os beneficiários do programa Bolsa Família, que já estavam cadastrados numa pré-lista oficial, utilizada pelo governo federal. Mas, segundo o secretário municipal, Crivella desprezou a lista oficial e insistiu para que um novo cadastro fosse feito pelos membros da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd). Os fiéis da denominação, da qual Crivella já foi bispo, começaram o cadastramento dos moradores que seriam contemplados pela reforma de 782 casas, mas após as denúncias de que a obra teria caráter

eleitoreiro, pararam o trabalho. A lista, então, passou a ser feita, a partir de dezembro passado, pela associação de moradores da Providência.

O ataque mais incisivo de *O Globo* contra Crivella no dia 19, porém, ainda não foi citado. A coordenada “Acordo com bandidos” sugere que o senador, por meio de colaboradores, teria feito acordo com criminosos do Morro da Providência para a realização das obras do Cimento Social. As informações são baseadas em um relatório do Exército, publicado pelo jornal Extra, também das Organizações Globo, em abril.

Um relatório do Serviço de Inteligência do Exército mostra que a chegada do projeto Cimento Social ao Morro da Providência teria sido precedida de negociações, feitas por supostos colaboradores do senador Marcelo Crivella, com traficantes da área, que teriam oferecido trégua se não fossem incomodados pela tropa. O acerto teria sido informado ao Exército durante uma reunião na Associação de Moradores, da qual participaram o coronel Alberto Tavares da Silva, o tenente-coronel Fernando dos Santos Raulino e o capitão Ademar Barros Moura Filho. A informação consta de um relatório do Serviço de Inteligência do Exército, como informou o jornal “Extra” em abril.

As matérias do jornal *O Globo* sobre as obras na Providência parecem ter provocado uma reação do Tribunal Regional Eleitoral. De acordo com a reportagem “TRE só notificou anteontem Ministério”, as investigações sobre uso eleitoral do projeto Cimento Social já haviam começado há mais de um mês. Somente no dia 18, entretanto, a Justiça Eleitoral notificou o Ministério das Cidades pedindo o envio de informações sobre o convênio com o Exército.

Apesar de estar investigando há mais de um mês a denúncia de uso eleitoral da máquina pública pelo senador Marcelo Crivella (PRB), pré-candidato à prefeitura do Rio, no projeto Cimento Social, no Morro da Providência, somente anteontem o Tribunal Regional Eleitoral do Rio (TRE-RJ) notificou o Ministério das Cidades para que desse informações do convênio para as obras. O pedido foi feito pelo telefone e, no mesmo dia, o ministério encaminhou os documentos pedidos pelo tribunal.

A reportagem também lembra que o senador associou o seu nome ao projeto Cimento Social em panfletos e um vídeo sobre as obras. De acordo com o jornal, não faltam exemplos de demonstração de orgulho de Crivella em relação ao projeto, o que de fato acontece, pois o senador sempre faz questão de ressaltar as realizações do Cimento Social em suas aparições públicas.

- *Junho. Data: 22/06. Título da Matéria: “TCE investiga contrato de ONG fundada por Crivella”*

Depois do arrefecimento do chamado Caso Providência na imprensa, o jornal *O Globo* publica uma nova denúncia contra o senador Crivella. Agora, o impresso dos Marinho apura uma investigação do Tribunal de Contas do Estado sobre irregularidades no contrato entre a ONG Sorria Meu Rio, exibida pelo próprio senador como um de seus feitos, e a Prefeitura de São Gonçalo. No dia seguinte, ele admitiu que faz doações à Ong “sempre que pode”.

O Tribunal de Contas do Estado (TCE) investiga irregularidades num contrato assinado entre a prefeitura de São Gonçalo e a ONG Sorria Meu Rio, fundada pelo senador Marcelo Crivella (PRB) em 2003 para prestar serviço odontológico gratuito. O tribunal quer saber por que a prefeitura não informou a planilha de custos, metas e os valores programados para serem repassados à entidade quando contratou a ONG. Pelo convênio assinado em 2005, a Sorria Meu Rio receberia R\$96 mil por 12 meses, mas os técnicos do TCE descobriram que o convênio sequer tinha sido incluído pelo município no Sistema Integrado de Gestão Fiscal (Sigfis), por onde o tribunal acompanha os processos.

- *Junho. Data: 24/06. Título da Matéria: “Todos os aliados cercam Lula, menos Molon”*

A matéria, sobre mais uma visita do presidente ao Rio de Janeiro, utiliza mais uma vez a ironia em relação a Crivella. Agora para falar que Lula evitou se encontrar com o senador no evento de comemoração dos 50 anos do Grupo Bayer no Brasil. A atitude Lula seria uma reação à polêmica envolvendo o nome de Crivella por causa da morte de três jovens do Morro da Providência. Na reportagem, o jornal diz que a responsabilidade pela tragédia tem sido atribuída a Crivella por “adversários”.

Já o senador Marcelo Crivella (PRB-RJ) compareceu a Belford Roxo, na Baixada Fluminense, para a comemoração de 50 anos do grupo Bayer no Brasil, e ao Palácio Guanabara. Pela manhã, Lula evitou cumprimentar o parlamentar, autor do projeto “Cimento Social”, que levou o Exército ao morro da Providência. Os adversários de Crivella têm atribuído a ele a responsabilidade pelo desfecho trágico na favela: há dez dias, três jovens foram mortos depois de terem sido entregues por militares a traficantes. Ontem, o presidente se encontrou com familiares das vítimas, no Guanabara.

Em reunião com o Ministério, há quinze dias, Lula disse que não teria como subir no palanque de Molon porque é amigo de Crivella. Logo após discursar, o

presidente começou a cumprimentar os convidados que estavam no palco, mas parou pouco antes de chegar a Crivella. Lula se limitou a acenar para o senador, que ficou na primeira fila do encontro no Guanabara.

- *Junho. Data: 25/06. Título da Matéria: “A GUERRA DO RIO: Obra embargada na Providência”*

No dia seguinte, o jornal também noticiava que a Justiça Eleitoral determinou a paralisação das obras do Cimento Social no Morro da Providência, por considerar que o projeto tinha caráter eleitoral. Crivella se defendeu dizendo que sofria perseguição política. Essa reportagem relata mais um desenrolar dos assassinatos na Providência.

O Tribunal Regional Eleitoral (TRE-RJ) embargou ontem as obras do projeto Cimento Social, no Morro da Providência, no Centro, onde moravam os três jovens que foram torturados e mortos por traficantes do Morro da Mineira, no Catumbi, aos quais foram entregues por militares do Exército. Segundo o juiz Fábio Uchôa, responsável pela fiscalização da propaganda eleitoral no município do Rio, a reforma de 728 casas da favela — implementada a partir de um acordo de cooperação técnica entre os ministérios das Cidades e da Defesa, assinado em 31 de janeiro passado — é irregular porque foi contratada durante ano eleitoral, o que é vedado pela Constituição e fere o princípio de igualdade entre candidatos. Em sua decisão, o juiz apontou ainda a utilização do projeto na campanha eleitoral do pré-candidato Marcelo Crivella à prefeitura do Rio pelo PRB. Fiscais apreenderam cartões e panfletos com dados do projeto e fotos do senador. Segundo o magistrado, a obra beneficia diretamente Crivella. “O referido acordo que implementou as obras no Morro da Providência e que vem potencializando o nome do pré-candidato Marcelo Crivella, em detrimento dos demais interessados no pleito, foi celebrado ao arpejo da lei, já que firmado em 31 de janeiro de 2008, em pleno exercício de ano eleitoral, violando, assim, flagrantemente o disposto na lei”, conclui o juiz.

O ponto mais interessante da reportagem, porém, está na coordenada “Rejeição na classe média, frustração no morro”, em que o jornal *O Globo* ouve especialistas da área de política para avaliar as conseqüências dos assassinatos na comunidade para a campanha de Crivella. Já no lide da matéria é possível perceber mais uma vez a ironia sendo usada para atacar o senador, apesar de o crime ter resultado na morte de três pessoas:

Para especialistas, será preciso uma quantidade considerável de cimento para consertar o estrago que o caso envolvendo as obras no Morro da Providência deverão causar na candidatura do senador Marcelo Crivella (PRB) à prefeitura do Rio. Liderando a disputa, segundo as últimas pesquisas de opinião, Crivella, depois do episódio, terá ainda mais dificuldade para superar o que já era o

principal obstáculo de sua campanha: a maior taxa de rejeição da corrida eleitoral carioca.

- *Junho. Data: 26/06. Título da Matéria: “Crivella enfrentará outra investigação no TRE”*

Esta é outra matéria sobre os problemas de Crivella com a Justiça Eleitoral. De acordo com o jornal, o senador é investigado por causa da publicação da revista “Roteiro do Poder”, que atribui a ele a criação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas favelas da Rocinha, da Maré e do Complexo do Alemão.

A divulgação de um informe publicitário fora do período eleitoral levará o pré-candidato do PRB a prefeito, Marcelo Crivella, a enfrentar mais uma investigação do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Um texto em duas páginas, chamado de “informe especial” e publicado na edição 2008 da revista “Roteiro do poder”, associa o senador com as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas favelas do Rio. A peça publicitária atribui a Crivella a criação do PAC da Rocinha, da Maré e do Complexo do Alemão.

No dia seguinte, o jornal informava que o senador era notificado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ) por causa da revista “Roteiro do Poder”. Ele teria sido convidado a prestar esclarecimentos sobre o assunto. Em resposta, o senador critica a reportagem. Era a primeira vez em 2008 que *O Globo* publicava uma manifestação pública de Crivella contra uma matéria do jornal. Mais um episódio da guerra entre Crivella e *O Globo*. O impresso dizia que era acusado de perseguição pelo senador. A defesa do jornal foi dizer que “em nenhum momento” atribui ao senador a publicação da revista.

Crivella criticou, em nota, a reportagem publicada ontem pelo *O Globo* que mostrava o “informe especial” publicado pela revista “Roteiro do poder”. O senador acusou o jornal de fazer campanha contra ele e disse que é falsa a informação de que fez propaganda do PAC. Na reportagem não há, porém, uma linha sequer que diga que Crivella foi o responsável pela divulgação dos dados. E o senador, ouvido, afirmou que não tinha conhecimento da publicação.

- *Junho. Data: 29/06. Título da Matéria: “Crivella se lança candidato e cita Cimento Social”*

No lançamento oficial da candidatura de Marcelo Crivella à Prefeitura do Rio, o jornal aproveita para criticá-lo de maneira sutil. O detalhe observado pelo jornalista do impresso é que Crivella precisou ler um texto com o discurso do lançamento da candidatura. A observação pode fazer o leitor imaginar que Crivella tem um discurso ensaiado.

Com um discurso lido, no qual lembrou o projeto Cimento Social, de sua autoria, o senador Marcelo Crivella foi confirmado ontem candidato à prefeitura do Rio pela coligação PRB-PR-PSDC. A convenção do PRB e do PR, realizada em Bangu, contou com a presença do vice-presidente da República, José Alencar. Crivella, que se disse perseguido pelo ódio, afirmou aos militantes que a campanha será uma batalha e que expedientes torpes, desumanos e as calúnias não o farão desistir:

— Todos os vilipêndios que amarguraram os últimos anos da minha vida e da minha esposa não me diminuíram, nem me abalaram. Encontrei na humildade cristã as forças da honra e da dignidade para confrontar e suplantiar as maquinações do ódio.

- *Julho. Data: 04/07. Título da Matéria: “Site do PRB é feito por agência ligada à Universal”*

A matéria repercute uma informação publicada no dia anterior no chamado Ex-Blog do prefeito Cesar Maia. Segundo o jornal, o site do PRB tem como responsável a mesma pessoa que faz a página da Igreja Universal. A reportagem, entretanto, começa com um equívoco: diz que Crivella responde por uso do Exército no Morro da Providência, e não por uso eleitoreiro das obras.

Além de responder pelo uso do Exército no projeto Cimento Social e pelo informe na “Revista do poder”, o candidato do PRB a prefeito do Rio, senador Marcelo Crivella, poderá ter mais problemas com a Justiça Eleitoral. O site oficial do PRB, partido também do vice-presidente José Alencar, deixa clara a ligação com a Igreja Universal do Reino de Deus. A página www.prb10.org.br é desenvolvida pela Unideia.com, uma agência de criação de sites na web cujo domínio tem como responsável Natal Wellington Furucho, através da Editora Gráfica Universal Ltda., como denunciou ontem o prefeito Cesar Maia (DEM) em seu ex-blog.

- *Julho. Data: 06/07. Título da Matéria: “Maratona de milhões”*

A reportagem fala das estratégias utilizadas pelos candidatos à Prefeitura para arrecadar fundos de campanha. No entanto, o principal ponto a ser destacado na matéria são

os perfis dos candidatos. No de Crivella, é possível verificar, de maneira resumida, a imagem que ele tem junto ao jornal *O Globo*. São citadas as suas ligações com a Igreja Universal e a TV Record.

O então bispo da Igreja Universal estreou na política em 2002, quando se elegeu senador. A vinculação com a fé, que garantiu a eleição, se tornou obstáculo para o crescimento entre o eleitorado não-evangélico. Foi derrotado, nas últimas eleições, no primeiro turno, pelo prefeito Cesar Maia. Nesta campanha, procura respaldo em setores díspares, como o mundo do samba e a Igreja Católica. Já usou o nome da TV Record, ligada à Universal, para promover sua pré-campanha. Aos 50 anos, Crivella tem três filhos e um neto.

- *Julho. Data: 07/07. Título da Matéria: Na largada, disputa por padrinhos*

A coordenada “Como Lula, Crivella lança carta ao eleitor” explora contradições no discurso de Crivella, como a promessa de não envolver a Igreja Universal em seu governo, apesar das ligações do candidato com os evangélicos. Duda Mendonça, “marqueteiro” de Lula nas eleições de 2002 e suspeito de lavagem de dinheiro é citado como autor da carta do título. O jornal, entretanto, não fala sobre as suspeitas de crimes cometidos por Mendonça.

Outros personagens nacionais também apareceram em ataques adversários. Ao comentar pesquisas que indicam que Crivella está na frente, Solange disse estar convencida de que irá para o segundo turno e não com o “herdeiro do bispo Macedo”, numa alusão ao fato de Crivella ser bispo licenciado da Igreja Universal e sobrinho de seu fundador.

Marqueteiro de Lula em 2002, Duda Mendonça elaborou a carta apresentada por Crivella. O documento de 12 itens adota a estratégia usada então pelo presidente, citado logo no primeiro parágrafo como “grande amigo”.

Num dos tópicos, Crivella promete que não vai contratar parentes ou integrantes da Igreja Universal do Reino de Deus para secretarias municipais. Ele pede “compreensão” dos representantes da igreja, que também, segundo ele, não estão autorizados a usar seu nome em cultos nos templos.

— Não posso garantir aquilo que não depende exclusivamente de mim. Fiz o apelo na carta pedindo compreensão — disse Crivella, cujo partido, PRB, tem a página na internet desenvolvida por uma empresa ligada à Igreja Universal.

- *Julho. Data: 08/07. Título da Matéria: “Emendas só para Crivella ver”*

A matéria, na verdade, não chega a ser um ataque ao Crivella. Trata-se mais de um ataque ao governo federal. A reportagem diz que, dos candidatos a Prefeitura do Rio que são parlamentares em Brasília, o ex-bispo foi o maior agraciado com empenhos de verbas

referentes a projetos individuais. O jornal deixa a entender que há certo favorecimento do governo Lula para o candidato do PRB.

Dos quatro parlamentares do Rio que disputam a prefeitura da capital, apenas o candidato do PRB, senador Marcelo Crivella, foi agraciado pelo governo Lula na enxurrada de empenhos (autorização de pagamento futuro) de emendas ao Orçamento feita até sexta-feira, último dia permitido pela lei eleitoral. Crivella conseguiu, na sexta-feira, o empenho de R\$7,1 milhões, 100% de uma emenda pura individual apresentada por ele ao Orçamento de 2008. Os demais parlamentares que são adversários de Crivella na disputa — Chico Alencar (PSOL), Solange Amaral (DEM) e Fernando Gabeira (PV) — não viram suas emendas liberadas dentro do prazo. Agora, terão que aguardar o fim das eleições, quando o governo poderá voltar a autorizar os pagamentos.

- *Julho. Data: 10/07. Título da Matéria: “Ex-bispo com bicheiros e samba”*

Em mais um ataque ao senador, o jornal *O Globo* destaca evento em que ele visita bicheiros de escolas de samba. Novamente, o impresso dos Marinho deixa a entender uma certa ligação de Crivella com supostos criminosos. No entanto, se esquece de que a TV Globo tem contrato de transmissão dos desfiles das escoladas de samba assinado com a Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), cujo ex-presidente, Ailton Guimarães Filho, o Capitão Guimarães, responde a processo por ligação com bicheiros.

O candidato a prefeito Marcelo Crivella (PRB/PR/PSDC/PRTB) visitou ontem o mundo do samba. Na sede da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), no Centro do Rio, Crivella foi recebido por presidentes de escolas, alguns deles banqueiros de jogo de bicho, para quem leu trechos da carta que está divulgando para, entre outras coisas, dizer que não mistura política com religião.

— Não temam qualquer tentativa de patrulhamento a essa festa popular. Escrevi trechos da carta pensando nos senhores. Se eleito, o carnaval poderá melhorar, mas piorar, não. Quero o locutor que lê as notas gritando “10!” em outubro — disse Crivella, em referência ao número de seu partido, PRB, em frente aos principais presidentes das escolas de samba, como Aniz Abrahão David, o Anísio (Beija-Flor), Nilo Figueiredo (Portela) e Luiz Pacheco Drumond (Imperatriz).

No mesmo dia, outra matéria de *O Globo* questiona a declaração de bens do senador Marcelo Crivella. A reportagem, cujo título é “Crivella declara ter 2 carros e nenhum imóvel” utiliza dados passados pelo parlamentar à Justiça Eleitoral como fonte. Um dos dados é o de que, nos últimos dois anos, o patrimônio do senador cresceu em 130,53%.

Ex-bispo da Igreja Universal e senador desde 2003, o candidato a prefeito pelo PRB, Marcelo Crivella, declarou à Justiça Eleitoral ter em seu nome dois carros

— um Polo 1.6, modelo 2007, no valor de R\$45 mil, e um Nissan Sentra 2.0, modelo 2007, no valor de R\$55.900 — além de uma conta bancária de R\$180.900. Como em campanhas anteriores, ele não declara um imóvel sequer, dizendo que mora em apartamento alugado na Barra. A declaração dele foi posta ontem no site do Tribunal Superior Eleitoral — a dos demais já estava na rede desde anteontem.

Num período de dois anos, de acordo com o que declara à Justiça Eleitoral, Crivella teria tido um crescimento patrimonial de 130,53%. Em 2006, quando disputou o governo do estado, ele havia declarado aplicações financeiras de R\$72.080, além de R\$6.000 em participações na empresa Nova Canaã Produções Artísticas, totalizando R\$78.080.

- Julho. Data: 24/07. Título da Matéria: MST no “curral” da Rocinha. (Caso dos Claudinhos)

A história desta matéria começa no dia anterior, quando *O Globo* publica que a candidata à vereadora pelo PT, Ingrid Gerolimich, precisou pedir apoio da Secretaria de Segurança Pública para fazer campanha na favela da Rocinha. Segundo o impresso, ela havia tentado entrar na comunidade, mas foi impedida por traficantes da região. A reportagem também publica uma declaração do presidente da Associação de Moradores da Rocinha, Luiz Cláudio Oliveira, candidato a vereador pelo PSDC, negando envolvimento com criminosos.

Depois de pedir garantia da Polícia Militar para fazer campanha na Favela da Rocinha, a candidata a vereadora pelo PT Ingrid Gerolimich foi ontem à comunidade distribuir panfletos acompanhada de policiais e fiscais do Tribunal Regional Eleitoral, alguns deles soldados cedidos pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), tropa de elite especializada em operações de confronto de alto risco. A candidata pedira oficialmente garantias “de proteção” para fazer campanha eleitoral na favela, pois disse que foi impedida, assim como outros candidatos do seu partido, de entrar na comunidade por causa do que chamou de “poder paralelo”, referência à facção criminosa que controla o tráfico de drogas na região.

Ao chegar à Rocinha, Ingrid foi recebida pelo também candidato a vereador e presidente da associação de moradores local, Luiz Cláudio de Oliveira (PSDC), conhecido como Claudinho da Academia. Acompanhado por líderes que atuam na favela e moradores, o candidato cobrou veementemente da adversária o fato de ela ter pedido auxílio policial para fazer campanha nas vielas da comunidade. Claudinho é o principal nome dentro da favela para disputar uma vaga na Câmara dos Vereadores. Ele disse ter o apoio de mais de cem líderes locais, mas afirmou que isso ocorre sem “tutela ou interferência do tráfico”.

No dia 24 de julho, a suíte é a informação de que o candidato Luiz Cláudio de Oliveira, conhecido como Claudinho da Academia, tem o apoio de José Rainha Júnior, líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Na coordenada “Sem PM,

Crivella percorre a favela”, o jornal deixa subentendido aos leitores que o senador tem o apoio de traficantes da favela.

Sem reforço da Polícia Militar ou apoio de seguranças, o candidato do PRB à prefeitura do Rio, Marcelo Crivella, caminhou ontem por cerca de duas horas pela Rocinha. A visita ocorreu também sem a presença do candidato a vereador pelo PSDC — partido que integra a coligação de Crivella — e presidente da associação de moradores local, Luiz Cláudio de Oliveira, o Claudinho da Academia. No entanto, o líder comunitário, que estava na favela, teve o nome citado junto ao do senador pelo megafone, durante o percurso de Crivella.

O senador estava acompanhado da candidata a vereadora Liliam Sá (PR), que tem um centro social na favela, além dos também candidatos à Câmara Municipal Nilo Almeida e Tânia Bastos, ambos do PRB. Ele caminhou da Via Ápia, principal acesso, passando pelo Largo do Boiadeiro, até a Rua Dois — conhecida como um ponto do tráfico de drogas. No percurso por ruas esburacadas, becos, esgoto a céu aberto e um emaranhado de fios de alta tensão, Crivella passou por olheiros do tráfico, mas não cruzou com homens armados.

Equipe de campanha é orientada a não filmar em beco na Rua Dois

Apesar da ausência de policiais e do presidente da associação de moradores, o clima era de cordialidade. Muitas pessoas cumprimentaram o candidato e outras acenaram de suas casas. Apenas em um momento, quando um grupo de crianças gritava o nome do senador perto de um beco na Rua Dois, cinegrafistas da equipe de Crivella foram orientados por alguns homens para não filmar o local.

A tentativa de o jornal ligar Crivella aos traficantes aparece logo na primeira frase. Diz que o senador caminhou pela favela sem apoio de seguranças ou policiais militares, ao contrário do que ocorrera no dia anterior com Ingrid Gerolimich. O mesmo objetivo pode ser observado na expressão “clima de cordialidade”. O jornal também expressa a ligação de Claudinho com Crivella quando cita que o nome do candidato a vereador foi citado junto ao do senador pelo megafone.

A matéria do dia seguinte é mais um episódio do “Caso Claudinho”. Uma operação policial na favela da Rocinha descobre uma ata cuja autoria é atribuída aos traficantes de drogas locais. No papel, há a frase “todo o empenho para o candidato da Rocinha, não aceito derrota”.

O chamado candidato da Rocinha seria Claudinho da Academia, diz *O Globo* baseado em “denúncias”. A própria polícia, entretanto, não afirma, em qualquer momento, que a frase se refere a Claudinho. Neste dia, *O Globo* faz questão de expressar mais uma vez, em uma coordenada, que ele pertence aos quadros do PSDC, “partido que apóia o candidato a prefeito pelo PRB, Marcelo Crivella” (citação colocar uma nota indicando a matéria).

Um documento com determinações expressas, exigindo “todo empenho para o candidato da Rocinha, não aceito derrota!!!”, foi encontrado ontem dentro da casa do chefe do tráfico de drogas na favela, Antônio Bomfim Lopes, o Nem. A ata de duas páginas, que lista nove itens que seriam discutidos numa reunião na favela, foi apreendida em operação policial ontem na Rocinha e apresentada pelo delegado Allan Turnowski, diretor das Delegacia Especializadas, que comandou a operação para prender traficantes da facção criminosa local. Para o delegado, o documento prova que o tráfico transformou a favela num curral eleitoral.

Segundo denúncias, o traficante Nem apoiaria o candidato a vereador Claudinho da Academia (PSDC), presidente da Associação de Moradores da favela, que nega ter o suporte do tráfico. O próprio Claudinho já disse, porém, que toda a Rocinha está com ele, que “cem líderes” da comunidade fecharam o apoio a sua candidatura. Uma vez escolhido o candidato, o acesso de outros postulantes a uma vaga de vereador estaria sendo impedido na favela.

— Vou comunicar à Chefia de Polícia, que deve encaminhar ao Ministério Público Eleitoral — disse Turnowski, que citou Nem como autor da carta.

Ele não soube precisar se a ata diz respeito somente ao apoio a candidatos a vereador ou se é extensiva à eleição para prefeito.

— Não importa para quem é. Não podemos deixar que o tráfico crie currais eleitorais dentro da favela — disse o delegado.

A continuação das matérias sobre Claudinho da Academia ocorre no dia 26 de julho. A reportagem intitulada “No Curral, e com ficha suja” informa já em seu subtítulo que o “Candidato único da Rocinha responde a 14 ações por roubo, furto e estelionato”. Além de mostrar Claudinho (de um partido da base aliada de Crivella) como criminoso, o jornal diz que ele é apontado como o candidato descrito na suposta “ata do tráfico”. Eis alguns trechos da matéria:

Apontado como o candidato único a vereador da Rocinha, Luiz Claudio de Oliveira (PSDC), o Claudinho da Academia, poderá ter sua candidatura impugnada. Antes mesmo de a investigação sobre a formação de um curral eleitoral sob o domínio do tráfico de drogas na Rocinha chegar à Polícia Federal, Claudinho foi intimado a responder, à Justiça Eleitoral, por 22 anotações penais — 14 delas ainda em tramitação. A intimação, assinada pela juíza Ana Lúcia Vieira do Carmo, da 228ª Zona Eleitoral, dava, na última segunda-feira, prazo de 72 horas para que Claudinho explicasse as irregularidades “sob pena de indeferimento” do registro (...) Anteontem, a Polícia Civil recolheu, na casa do chefe do tráfico na Rocinha, Antônio Bomfim Lopes, o Nem, uma ata de reunião que ordenava “todo o empenho para o candidato da Rocinha, não aceito derrota!!!”. Para a polícia, o candidato é Claudinho (...) Entre as anotações penais de Claudinho há processos a que o candidato responde por furto, roubo e violência doméstica. Dos 22, sete foram arquivados, mas constam na ficha criminal apresentada ao TRE para o registro da candidatura. Entre eles, um sobre homicídio. De uma outra acusação, esta por tráfico, de 1996, ele foi absolvido. Presidente da associação de moradores da Rocinha, Claudinho foi réu, na 2ª Vara Criminal de Campo Grande, num inquérito aberto em 1998, em que chegou a ser indiciado.

Enquanto ainda se falava sobre a “ficha-suja” de Claudinho da Academia, um incidente com jornalistas na favela da Vila do Cruzeiro. No mesmo dia 26 de julho O

Globo noticiava que fotógrafos de três jornais, incluindo o próprio *O Globo*, foram obrigados por traficantes a apagar o conteúdo registrado por suas câmeras durante a cobertura de uma caminhada de Crivella na comunidade. .

A primeira matéria não continha um ataque a Crivella, que só foi desferido dois dias depois, na reportagem intitulada “Salvo-conduto na Vila Cruzeiro”. De acordo com a reportagem, como estava acompanhado de Luís Cláudio dos Santos, o Claudinho da Merendiba, líder comunitário local, o ex-bispo sabia que não ia ter problemas para entrar na favela dominada por traficantes.

Ao tomar a direção da Vila Cruzeiro, na caminhada que fazia pela Penha na manhã de sábado, o senador Marcelo Crivella, candidato do PRB a prefeito do Rio, sabia que não encontraria pela frente um território hostil. Ele conta com o apoio da maioria dos líderes comunitários locais. Na visita à favela, durante a qual traficantes renderam seis jornalistas e os obrigaram a apagar os seus arquivos fotográficos, Crivella foi acompanhado por um deles, o presidente da Associação de Moradores da Merendiba, Luiz Cláudio dos Santos, o Claudinho da Merendiba, candidato a vereador pelo Partido Social Democrata *Cristão (PSDC)* — *um dos que integram a coligação do senador.*

A matéria do dia 29 de julho, intitulada “Candidato que levou Crivella à Vila Cruzeiro responde por homicídio” é um ataque ainda mais incisivo contra o senador. Além de associar diretamente Claudinho da Merendiba ao candidato a Prefeitura, o jornal diz que Claudinho tem pelo menos seis anotações penais.

O candidato a vereador e presidente da Associação de Moradores da Merendiba, Luís Cláudio dos Santos, o Claudinho da Merendiba, que é apontado como o candidato a vereador das 11 associações de moradores da Vila Cruzeiro e do complexo de favelas da Penha, precisa explicar sua folha corrida ao TRE-RJ para concorrer às próximas eleições. Claudinho da Merendiba acompanhou o senador Marcelo Crivella, candidato a prefeito pelo PRB, à Vila Cruzeiro, onde jornalistas que cobriam a campanha do senador foram ameaçados com um fuzil por traficantes.

Nas certidões expedidas pela Justiça do Rio e que estão anexadas ao processo de Claudinho da Merendiba com o pedido de registro de candidato, constam contra ele pelo menos seis anotações penais. Entre elas, um processo de homicídio na 2ª Vara Criminal de Campo Grande, sobre inquérito instaurado em 22 de abril de 1998 na 36ª DP (Santa Cruz).

No dia seguinte, *O Globo* noticiaria que o Ministério Público estadual havia pedido a impugnação da candidatura de Claudinho da Academia, na matéria intitulada “MP pede impugnação da candidatura a vereador de Claudinho da Academia”. Desta vez, a matéria não relacionava o nome do político ao de Crivella.

Ministério Público estadual decidiu pedir ontem a impugnação da candidatura a vereador de Luiz Cláudio de Oliveira (PSDC), o Claudinho da Academia. O pedido é baseado na folha de antecedentes criminais do candidato. Claudinho, que diz ser apoiado por "cem líderes" da Rocinha, tem 22 anotações penais, 14 ainda em tramitação; suas explicações não convenceram a Justiça Eleitoral.

Claudinho deverá responder ainda por crime eleitoral. A Procuradoria Regional Eleitoral determinou ontem a abertura de inquérito policial para apurar a prática desse crime na Rocinha. Segundo a procuradora Silvana Batini, antes da operação da Polícia Civil na favela, semana passada, quando foi apreendido um documento indicando que traficantes estariam organizando o apoio a um candidato local, a procuradoria já havia recebido denúncias anônimas de curral eleitoral na comunidade.

— Tinha solicitado à PF um levantamento prévio, diante das informações que recebemos. Agora, já temos indícios suficientes da prática de crime eleitoral — afirmou Silvana.

Esta seria a última vez que *O Globo* citaria o nome de qualquer um dos Claudinhos como donos de anotações criminais. A explicação para tal fato pode ser dada pelas notas oficiais do Tribunal Regional Eleitoral do Rio divulgadas nos dias 30 de julho e 8 de agosto. A primeira delas diz o seguinte:

Dentro do trâmite normal do processo de registro, o candidato a vereador do Rio de Janeiro Luís Cláudio de Oliveira, o Claudinho da Academia, foi intimado esta semana para dar esclarecimentos sobre feitos em sua ficha criminal e tem até a próxima segunda-feira (4) para apresentar sua defesa. Ele, no entanto, já redigiu uma declaração de próprio punho direcionada ao TRE-RJ, na qual alega que se trata de homonímia, ou seja, uma pessoa com o mesmo nome que o dele estaria sendo processado por tais crimes. O Ministério Público Eleitoral não entrou com nenhum pedido de impugnação de sua candidatura.

Como se pode ver, o candidato já havia dado explicações de que o rapaz com diversas anotações criminais em sua ficha tratava-se de um homônimo. Além disso, a nota do TRE-RJ é bem clara quando diz que o Ministério Público Eleitoral não pediu o indeferimento da candidatura dele. Um erro não retificado por *O Globo*.

As duas notas divulgadas no dia 8 de agosto são em relação à candidatura de Claudinho da Merendiba. O juiz Fábio Uchôa concedeu direito de resposta ao candidato porque achou que a reportagem de *O Globo* sobre ele foi caluniosa, como descrevem as notas. A primeira delas é intitulada “TRE-RJ concede efeito suspensivo ao recurso da Infoglobo” e a segunda é “Infoglobo recorre contra direito de resposta de Merendiba”.

A primeira:

O juiz Luiz Umpierre de Mello Serra concedeu efeito suspensivo ao recurso da Infoglobo Comunicações S.A. contra o direito de resposta obtido pelo candidato a

vereador Claudinho da Merendiba. Ajuizada na tarde de hoje (7) pela empresa, a ação cautelar evita a publicação do direito de resposta até que o recurso seja julgado pelo Plenário do TRE-RJ.

Em 29 de julho, uma reportagem do jornal *O Globo* destacava que Claudinho da Merendiba teria anotações criminais, mas as certidões juntadas pelo candidato no processo de registro informam que nada consta contra ele. Os crimes teriam sido praticados por homônimos. Na sentença, o juiz Fábio Uchôa considerou que a reportagem fazia uma “evidente afirmação caluniosa, capaz de denegrir a imagem do candidato” e obrigava o jornal a veicular o direito de resposta em 48 horas, sob pena de multa de R\$ 15.961,50.

A segunda:

O candidato a vereador Luís Cláudio dos Santos (PSDC), o Claudinho da Merendiba, tem até hoje (7) para oferecer contra-razões no recurso da Infoglobo contra a decisão do juiz Fábio Uchôa que condenou a empresa a publicar o direito de resposta do candidato. Em 29 de julho, uma reportagem do jornal *O Globo* trouxe uma foto de Santos cumprimentando o candidato a prefeito Marcelo Crivella (PRB), que visitava a comunidade da Merendiba. O texto noticioso destacava que Claudinho da Merendiba teria anotações criminais por crimes de furto, maus tratos a menor de 14 anos, tráfico de drogas, entre outros delitos. Mas as certidões juntadas pelo candidato no processo de registro informam que não constam anotações criminais contra ele, embora houvesse registro de crimes praticados por homônimos.

Na sentença, o juiz Fábio Uchôa considerou que a reportagem fazia uma “evidente afirmação caluniosa, capaz de denegrir a imagem do candidato”. Como o juiz recusou o pedido de que o recurso produza efeito suspensivo da sentença, o jornal *O Globo* deve publicar o texto do direito de resposta com o mesmo espaço, local, página, tamanho, caracteres e mesmos elementos de realce usados no texto considerado ofensivo. Também vai ser obrigado a usar a mesma foto constante da matéria original. O prazo para a veiculação do direito de resposta é de 48 horas, a partir da publicação da sentença, o que ocorreu na terça-feira (5). Caso não publique o texto enviado por Merendiba, a Infoglobo vai pagar multa de R\$ 15.961,50.

É verdade que a explicação dada pelo jornal sobre o assunto só seria mencionada na entrevista com Crivella, publicada no dia 16 de setembro. Não é preciso fazer qualquer comentário, basta ler a reclamação de Crivella sobre a reportagem de *O Globo* e a resposta do jornal.

Vários candidatos falaram do temor de ver instituições do Rio capturadas por organizações criminosas ligadas ao tráfico e à milícia. Só que o senhor já disse que um é iluminado e elogiou publicamente candidatos ligados a esses setores. Como o senhor pretende lidar com isso?

MARCELOCRIVELLA: Tenho uma coligação com 200 candidatos e todos foram legitimados pelo TRE. Se souber que algum deles tem ligação com tráfico ou milícia, afastarei do meu partido ou da minha legenda.

Os partidos não deveriam ser mais rigorosos na seleção dos candidatos? O tribunal não chancelou, o tribunal foi proibido...

CRIVELLA: Às vezes a gente se precipita. E vou dar um exemplo do *O Globo*, que, com toda a sua competência e tradição, publicou uma foto e depois foi

condenado, mas não cumpriu a sentença, de publicar a mesma foto, no mesmo espaço, no mesmo dia, dizendo que foi um engano. Era um homônimo. Esse sujeito está andando com o Crivella, olha que absurdo. Não era isso.

O jornal recorreu. Foi o candidato que entregou a ficha ao TRE dizendo que respondia por tantos crimes.

CRIVELLA: Ele não entregou isso, não. Era um homônimo...

Depois ele disse que era homônimo, mas quem entregou a ficha dizendo "eu sou candidato e sou isso e aquilo" foi ele próprio...

CRIVELLA: O juiz não se enganou. A sentença dele é clara.

E quanto ao candidato Deco, que o senhor chamou de "iluminado"? Ele foi indiciado por duplo homicídio. O delegado se enganou?

CRIVELLA: (Ele insiste em falar de Claudinho da Merendiba, sem responder sobre Deco). Vocês recorreram e não cumpriram. Eu cumpriria. Porque é uma questão de dizer: essa pessoa não é ela, é outra.

- Agosto. Data: 09/08. Título da Matéria: Justiça nega direito de resposta a Crivella.

Nesta matéria, *O Globo* mostra as reações de Crivella às reportagens publicadas pelo impresso. O senador reclama de perseguição, mas a Justiça Eleitoral não entende da mesma forma e dá ganho de causa ao jornal. Justiça seja feita, o jornal ganhou uma briga nos tribunais, em que Crivella se queixava de algumas caracterizações mostradas, justamente, neste estudo.

Essa reportagem, aqui, serve mais para demonstrar que a relação entre *O Globo* e Crivella não é nem um pouco amistosa. A justificativa do juiz eleitoral para a decisão, vale ressaltar, parece ser bem fundamentada, pois lembra que as reportagens sobre o senador não continham informações inverídicas, pelo menos em relação ao senador. Sobre os candidatos ao cargo de vereador, demonstrou-se a ocorrência de equívocos. Estes erros, entretanto, apesar de atingirem Crivella de maneira indireta, dizem respeito aos “Claudinhos”.

A Justiça Eleitoral negou ao candidato a prefeito pelo PRB, Marcelo Crivella, direito de resposta contra os jornais *O GLOBO* e “Extra” por reportagens publicadas em julho. Na sentença, o juiz Cezar Augusto Rodrigues Costa considera que as reportagens são “trabalho jornalístico, e não propaganda eleitoral depreciativa, capaz de influir no princípio da igualdade de tratamento dos candidatos” e classifica de “ilação” a afirmação de Crivella de que estaria sendo alvo de perseguição política. Foi essa a argumentação do senador, na representação contra os jornais.

As reportagens tratam da estratégia do candidato de concentrar sua campanha nas favelas e evitar a Zona Sul, e da ligação do PSDC, partido dos candidatos a vereador apoiados pela Rocinha e pela Vila Cruzeiro, com a campanha de Crivella.

O juiz ressalta, na análise dos documentos anexados aos autos, que as reportagens têm cunho “eminentemente jornalístico” e que a leitura do material veiculado

trata de fatos, “que são reais, ilustrados com fotos, que podem até levar à ilação que o representante (Crivella) entende lhe ser prejudicial, todavia não se mostra o material tendencioso, nem configura propaganda política por parte do órgão de imprensa, no caso sob a alegação de prejudicar a candidatura do representante”.

- Agosto. Data: 19/08. Título da Matéria: Crivella dirige sem licença e sem documento.

A matéria é uma suíte de outra publicada no dia anterior, que tinha uma foto com o veículo de Crivella estacionado em local irregular no bairro de Copacabana. Utilizando-se do banco de dados da Secretaria Municipal de Transportes, a reportagem diz que o carro do senador foi multado dez vezes nos últimos 12 meses, somando 49 pontos. No decorrer do texto, há a descrição das ocasiões em que as multas foram aplicadas.

A coordenada da reportagem, intitulada “Senador tenta culpar flanelinha”, *O Globo* escreve, ironicamente, que o senador, apesar de ter se desculpado pela infração, foi enganado por um flanelinha. O ex-bispo, porém, ressalta que nunca recebeu as multas descritas pela reportagem de *O Globo*.

Um dia depois de flagrado estacionando irregularmente na Avenida Atlântica, o candidato a prefeito do Rio pelo PRB, Marcelo Crivella, admitiu o erro e pediu “desculpas ao povo do Rio de Janeiro”. O senador justificou a infração por ter se confundido com o impedimento do trânsito, comum nos fins de semana na orla, e à indicação de um flanelinha, que o teria “iludido”.

— Não encontrei estacionamento na praia porque havia uma faixa fechada para o trânsito. Um rapaz me indicou a vaga, onde havia carros parados. Ingenuamente, coloquei o carro ali. Achei que tivesse alguma permissão, algum tipo de acordo para que, no caso da pista fechada, pudesse, excepcionalmente naquele dia, as pessoas estacionarem. Pronto. Estacionei erradamente. Peço desculpas.

Sobre as multas e a falta de documento, o senador informou, por sua assessoria, que não recebeu multas ou qualquer notificação sobre irregularidades. Ele afirma ter comprado o carro em agosto, através de um financiamento, que ainda está sendo pago. Por isso, o registro do proprietário consta como Cia. de Arrendamento Mercantil Renault do Brasil, com endereço na região de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo.

Dois pontos curiosos podem ser observados quando essa reportagem é comparada a uma outra publicada no jornal *O Dia*, no dia 24 de julho. Intitulada “Os políticos na contramão”⁹, a matéria da família Carvalho traz dados diferentes em relação às multas

⁹ JUNQUEIRA, Alfredo; PRADO, Thiago. Os políticos na contramão, Governador Sérgio Cabral e dois candidatos à Prefeitura do Rio já superaram os 20 pontos na CNH. *O Dia*, Rio de Janeiro, 25 jul. 2008, País, p. 18.

aplicadas no veículo do senador. De acordo com *O Dia*, o veículo de Marcelo Crivella teve apenas uma multa em todo o ano de 2007.

A diferença entre os números apurados pelos dois jornais pode ter ocorrido porque eles usaram fontes diferentes para obter as informações. Enquanto *O Globo* usou dados da Secretaria Municipal de Transportes, *O Dia* retirou informações do Departamento Estadual de Trânsito do Rio de Janeiro (Detran-RJ).

De qualquer maneira, há outro ponto a ser observado. O jornal *O Dia* não verificou apenas as multas de Marcelo Crivella, mas de todos os candidatos a prefeito do Rio de Janeiro. Em uma espécie de ranking feito por *O Dia*, Crivella aparece com menos multas que Jandira Feghali e outros quatro candidatos.

Apesar de não ser possível dizer que um ou outro jornal publicou os dados corretos, pode-se afirmar que a cobertura de *O Dia* foi um pouco mais imparcial. A explicação para *O Globo* poderia ser o fato de que sua reportagem se baseou no flagrante registrado em Copacabana. Entretanto, verificar as multas dos outros candidatos seria uma boa idéia de suíte para *O Globo*, apesar de o jornal concorrente já ter feito uma matéria do tipo mais de um mês antes.

- *Setembro. Data: 16/09. Título da Matéria: Marcelo Crivella – ‘Hoje a prefeitura usa o caos como discurso político’.*

O que mais chama atenção na entrevista de Crivella são as discussões sobre os processos contra os “Claudinhos”, já citada em análise anterior deste estudo. O jornal, entretanto, ressalta os ataques feitos por Crivella contra a empresa. O lide da matéria já dá uma idéia de como foi a entrevista com o senador no impresso dos Marinho:

O senador Marcelo Crivella (PRB) chegou bem-humorado à sede de *O Globo* para a quinta sabatina com os candidatos a prefeito do Rio. A primeira piada foi dizer que havia acabado de comentar, num canal de TV, que *O GLOBO* o persegue. Na entrevista, citou 11 vezes o nome do jornal, em geral para dizer que sofre uma campanha contra sua candidatura. Quando discutiu propostas para a cidade, disse que pretende dobrar o efetivo da Guarda Municipal e tornar seus funcionários estatutários, mas sem choque de ordem. Ele também prometeu divulgar a lista dos doadores de campanha, mas não soube dizer quando: “Pergunte ao meu comitê”. E, para diferentes problemas da cidade, apresentou como solução o Cimento Social.

- Setembro. Data: 21/09. Título da Matéria: Macedo prega que evangélicos tomem o poder.

O próprio título da reportagem já é suficiente para se ter uma idéia do que é escrita nela. Trata-se de matéria sobre o livro do bispo Edir Macedo, “Plano de poder”. Em um trecho, o jornal diz que fundador da Igreja Universal incentiva os evangélicos a se mobilizarem politicamente.

A partir de uma leitura política do Antigo Testamento, Macedo incita os evangélicos à mobilização partidária, seguindo o “projeto de nação” que Deus teria sonhado para os hebreus, que ele chama de cristãos. O livro tem co-autoria de Carlos Oliveira, diretor-presidente do jornal “Hoje em Dia”, de Minas Gerais.

A matéria sobre o livro do dono da Record não cita o nome de Crivella, a não ser em um olho, quando diz que o candidato do PRB é sobrinho de Macedo. No entanto, a coordenada intitulada “Em encontro com fiéis, Crivella tenta desvincular a candidatura da religião”, o jornal lembra a ligação do senador com a Igreja Universal.

Candidato à prefeitura do Rio, o senador Marcelo Crivella (PRB) se reuniu ontem pela manhã num café da manhã com cerca de 100 evangélicos que freqüentam as igrejas da Assembléia de Deus da Ilha do Governador, Vila Aliança (Bangu) e Bonsucesso. No encontro, organizado pelo pastor Ezequiel Oliveira (candidato a vereador pelo PRB), Crivella tentou desvincular política de religião dizendo não ser um senador “evangélico, católico ou espírita”. Mas fez referências bíblicas ao abordar as desigualdades sociais devido à falta de investimentos nas comunidades:

— Bem que nos alertava Moisés há quatro mil anos. Paz é grito da Justiça. E a segurança se estabelece por direito. O Rio clama por justiça social.

A contradição, entretanto, está no fato de que, no dia anterior, *O Globo On Line* publicou reportagem sobre uma visita do candidato a prefeito pelo PMDB, Eduardo Paes, à Catedral de São Sebastião. Na edição impressa, apenas uma menção ao ato do peemedebista com os católicos. Em nenhuma das duas matérias, não se questiona se o deputado federal está vinculando política à religião, como costuma fazer Crivella. Eis um trecho da matéria publicada em *O Globo On Line*:

O peemedebista esteve na missa da catedral, onde recebeu do arcebispo do Rio, dom Eusébio Scheid, a bênção do Papa Bento XVII. A bênção, representada num quadro com o nome de Eduardo Paes e a foto do Papa, foi enviada do Vaticano. O candidato explicou que, quando esteve com o Papa e o governador Sérgio Cabral, em Roma, em setembro do ano passado, pediu ao Pontífice a bênção da sua família.

Apesar de ter divulgado para a imprensa a visita à igreja, Eduardo Paes negou que o evento tenha sido um ato de campanha. O peemedebista cumprimentou eleitores e pousou para fotos com fiéis dentro da igreja. Na porta, militantes do vereador e candidato à reeleição, Márcio Pacheco (PSC), que é ligado à Igreja Católica, também distribuíram panfletos e fixaram placas de Pacheco.

- Não encaro como ato de campanha. Vim aqui com a minha família, numa missa pública. Qualquer lugar que eu vá tem pessoa que vota, tem pessoa que não vota. Se eu for num restaurante, me alimentar, tem sempre alguém que diz vai votar em você. Não é um ato campanha. Vim aqui pedir a bênção do cardeal e dos padres que estavam aí - disse Paes.

O candidato argumentou que já esteve com outros representantes religiosos:

_ A igreja católica não apóia oficialmente nenhum candidato em hipótese nenhuma. A igreja católica é aberta a todos os candidatos. Vim aqui pedir oração do cardeal, dos padres e das pessoas, como tive do Dom Eugenio, como tenho apoio e oração do bispo Manuel Ferreira, da Igreja Assembléia de Deus. Acho que é muito ruim o apoio de igreja oficial. Não é bom. Vim aqui pedir a bênção do cardeal e dos padres para a nossa candidatura para esse caminho que temos que perseguir.¹⁰

A matéria publicada no impresso cita o evento de maneira genérica. No subtítulo diz que Paes recebera de Dom Eusébio quadro com a bênção do Papa e evita problemas. Era uma referência à promessa do peemedebista de evitar ataques aos adversários.

Líder nas pesquisas de intenção de voto, Eduardo Paes disse que até 5 de outubro vai evitar responder às críticas dos adversários, mas, caso ocorram declarações que considere demagógicas, haverá respostas.

- Vou continuar discutindo a cidade, os problemas da cidade e as soluções desses problemas.

Como se vê, há certa contradição até no que diz respeito à associação de Crivella com religiosos. Se o senador precisa negar que esteja tentando ligar política à religião, o mesmo deveria ser feito com Paes em relação a sua visita aos católicos.

Nem a internet e tampouco o jornal *O Globo* publicaram alguns detalhes percebidos durante a visita de Paes à Catedral São Sebastião. Os fatos, presenciados pelo autor desta monografia, que acompanhou toda a missa realizada no Centro do Rio, podem ser considerados fortes indícios de tentar associar política à religião.

Ninguém noticiou, por exemplo, que Paes assistiu à missa daquele sábado em cadeiras especiais localizadas no púlpito da Catedral, bem no centro do templo. Do local onde estava, podia ser visto por qualquer pessoa em qualquer ponto da igreja. Perto do fim da missa, o nome de Paes foi citado pelo arcebispo do Rio, dom Eusébio Scheid. Após o

¹⁰ VASCONCELLOS, Fábio. Paes vai à igreja cumprimenta (sic) eleitores e recebe a bênção do Papa. O Globo On Line, Rio de Janeiro. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2008/mat/2008/09/20/paes_vai_igreja_cumprimenta_eleitores_recebe_bencao_do_papa-548309837.asp. Acesso em: 30 nov. 2008.

término da cerimônia, o candidato deixou a igreja apertando a mão de fiéis/eleitores que acompanhavam o evento.

Não há como se comparar a ligação de Paes e Crivella com a religião. É óbvio que o segundo tem muito mais motivos para ser associado ao uso político da fé. Entretanto, não é exagerado questionar como seria uma hipotética cobertura de *O Globo* para uma visita de Crivella a um culto da Igreja Universal acompanhado por ele de uma privilegiada cadeira localizada na parte central do templo evangélico. Será que o impresso, ao contrário do que fez com Paes, daria destaque à mistura de política e religião?

- *Outubro. Data: 01/10. Título da Matéria: Crivella divulga carta apócrifa com ataques.*

No primeiro dia de outubro, *O Globo* publica matéria sobre uma carta divulgada por Crivella contra adversários. De acordo com a reportagem, a carta, sem assinatura, faz ataques aos adversários do senador.

O candidato a prefeito do Rio Marcelo Crivella (PRB) divulgou ontem um panfleto apócrifo, com ataques indiretos a adversários, para motoboys e mototaxistas que participavam de um encontro de apoio à sua candidatura em Inhaúma. O documento, sem o CNPJ da campanha e encartado no material de propaganda, faz promessas para a categoria e simula um manifesto político dos autônomos.

Com o título “Mototaxistas e motoboys com Crivella”, a carta diz que o candidato é “o das pessoas mais carentes e da classe trabalhadora”. Em seguida, o texto se refere a um adversário sem citar nomes: “Esse outro aí é o candidato dos ricos, dos bacanas da Zona Sul. Xô, estamos fora”. Sem assinatura, o folheto termina com mensagens de apoio a Crivella, dizendo que ele já estaria no segundo turno das eleições.

- *Outubro. Data: 03/10. Título da Matéria: Crivella em dia de Garotinho.*

O jornal, nesta matéria, associa Crivella a outro político de pouca aceitação entre o seu público: Anthony Garotinho. É bem verdade que, desta vez, contribuiu bastante para *O Globo*, ao fazer elogios à filha do casal campista.

Durante corpo-a-corpo em Campo Grande, o senador Marcelo Crivella, candidato a prefeito pelo PRB, teve ontem um encontro caloroso com Clarissa Garotinho (PMDB), filha dos ex-governadores Anthony e Rosinha Garotinho e

candidata a vereadora. Eles se abraçaram e, ao microfone, Crivella saudou Clarissa, filiada ao partido de Eduardo Paes, adversário do senador.
— Clarissa, um beijo para o papai e a mamãe. A Clarissa é candidata à vereadora e será a mais votada — disse Crivella.

- *Outubro. Data: 05/10. Título da Matéria: Crivella incita donos de vans a não pagar multas.*

No dia das eleições, o jornal dos Marinho publica matéria em que Crivella estimula donos de vans a cometerem uma irregularidade, ao não pagar multas registradas em nome dos seus veículos. A reportagem sugere que o candidato do PRB parte para o tudo ou nada no último dia de campanha, ao referir-se a sua queda nas pesquisas de opinião.

Preocupado com a ameaça de ficar fora do segundo turno, Marcelo Crivella, do PRB, radicalizou nos ataques a Eduardo Paes (PMDB) no último dia de campanha e pediu que motoristas do transporte alternativo não paguem as multas cobradas pelo estado.

— Não paguem as multas, senão o Cabral vai colocar (o dinheiro) na campanha do Paes. Guardem o dinheiro na gaveta, ou vocês vão me prejudicar. Depois a gente discute isso — disse ele num ponto de vans, em frente ao Terminal Rodoviário de Campo Grande.

6. Conclusão.

Não era, sequer, a intenção deste estudo avaliar se a cobertura do jornal *O Globo* para a campanha de Marcelo Crivella foi correta ou não. Esse questionamento até poderia ser válido, mas não fazia parte da proposta. Tal tipo de análise poderia, até, ser aprofundada em uma futura pesquisa. O que se pôde verificar com a pesquisa realizada foi, em primeiro lugar, o fato de que o impresso não economizou nos ataques ao senador.

Esse tipo de postura pode até ter sido semelhante à de outros jornais, mas a escolha de *O Globo* para esta análise ocorre, justamente, por causa de sua importância no Rio de Janeiro. Sua vendagem e prestígio entre os cariocas pode ser um fator que influa, de certa maneira, no resultado das eleições.

Na maioria das vezes, há de se ressaltar, o jornal não cometeu equívocos. As informações estavam corretas e o senador sempre foi ouvido. Mas não há como negar, após as análises, que o jornal não tinha simpatia por Marcelo Crivella, apesar de não declarar isso publicamente.

Em diversas reportagens não se perderam as oportunidades para lembrar aos leitores algum desvio cometido pelo senador. E o que mais preocupa, entretanto, não são os ataques em si, mas o que pode estar por trás deles. Não é difícil deduzir que eles possam ter ocorrido por causa de disputas empresariais.

Isso não pode ser provado. No entanto, os indícios mostrados já são suficientes para levantar essa hipótese. Somente esses dados podem configurar um grave problema que norteia coberturas jornalísticas no Brasil. Isso porque, quando o Jornalismo se baseia em critérios estritamente empresariais, há o risco de um desrespeito aos princípios da democracia.

Pode-se até pensar, erroneamente, que esta monografia sai em defesa do senador. Torna-se imperioso, então, esclarecer que esse não é o caso. Por mais que, eventualmente, este estudo tenha defendido a candidatura do senador, não há como restringi-lo a isso.

O estudo não tem e nunca teve nenhuma intenção de defender a candidatura de Crivella. Ele, é notório, também cometeu erros. A pesquisa realizada, então, pode ser definida como um questionamento sobre os procedimentos adotados pela imprensa em determinadas situações. Trata-se da exposição de uma postura que, pelos menos teoricamente, é questionável.

A possibilidade que este estudo quis abordar merece um debate. O Jornalismo, com todos os valores de procura pela independência (que se sabe inalcançável em sua plenitude) precisa ser uma atividade desempenhada com o máximo de isenção.

Esta isenção não vai ser alcançada a partir de uma cobertura raivosa sobre determinado assunto. Os jornalistas só podem chegar mais perto dela a partir do momento em que deixem os seus preconceitos de lado e passem a respeitar diferenças, sejam elas sociais, raciais, políticas ou religiosas.

Com o estudo, verificou-se que, mais do que se limitar a cobrir uma campanha eleitoral, o jornal *O Globo* agiu como um libelo político-empresarial. Os defensores do impresso podem até argumentar que ele defendeu a democracia. Entretanto, não podem afirmar que deixou de lado algumas de suas simpatias e antipatias.

7. Referências Bibliográficas.

LIVROS

BIAL, Pedro. Roberto Marinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CONTI, Mário Sérgio. Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DINES, Alberto. O papel do jornal. São Paulo: Summus, 1986.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança Social. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERRARI, Odêmio Antônio. Bispo S.A.: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder. São Paulo: Ave Maria, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

KUCINSKI, Bernardo. A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

LEMONS, Christina; TAVOLARO, Douglas. O Bispo: a história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. Plano de poder: Deus, os cristãos e a política. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MORAES, Fernando. Chatô, o rei do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

PIMENTA, Carla Marques. A construção da imagem de Hugo Chávez no jornal O Globo. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, Milton José. Comunicação e discurso. São Paulo: Hackers, 1999.

PLATÃO. A República. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SITES

BRISOLLA, Fábio; SÁ, Fátima. O candidato de Edir Macedo, Bispo Crivella aproxima Igreja Universal de sua maior vitória política. Veja, 25 set. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.uol.com.br/vejarj/250902/capa.html>. Acessado em: 30 nov. 2008.

CEDOC TV GLOBO. Disponível em: <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 4 de agosto de 2007, Vitória. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 12 nov. 2008.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Disponível em: <http://www.igrejauniversal.org.br/>

MARCELO CRIVELLA. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/MarceloCrivella/index.htm>

MARTHE, Marcelo. No ar, mais um vice-campeão de audiência, A Record dobrou seu faturamento em três anos e ultrapassou o SBT no segundo posto da audiência. Seu dono, o bispo Edir Macedo, quer ir mais longe – e tem os meios da Igreja Universal para isso. Veja, São Paulo, 10 out. 2007. Disponível em : http://veja.abril.com.br/101007/p_084.shtml. Acessado em: 30 nov. 2008.

O GLOBO ON LINE. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/>

PAIXÃO, Roberta. O sucessor de Edir Macedo; Jovem, elegante e cantor, o bispo Marcelo Crivella é a nova imagem da Universal. Veja, 3 nov. 1999. Disponível em http://veja.abril.com.br/031199/p_044.html. Acesso em: 30 nov. 2008.

REDE GLOBO. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/>

REDE RECORD. Disponível em: <http://www.rederecord.com.br/portal/home.asp>

REFKALEFSKY, Eduardo. Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo de caso do Marketing Religioso. In: XXIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. Disponível em: http://74.125.45.132/search?q=cache:KnQJ_WTkZ4J:reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19721/1/Eduardo%2Brefkalefsky.pdf+%C3%89+err%C3%B4nea+a+vis%C3%A3o+de+que+a+IURD+seja+um+%E2%80%9Cproduto+da+propaganda+e+do+marketing%E2%80%9D.+Toda+a+forma%C3%A7%C3%A3o+de+Edir+Macedo+em+administra%C3%A7%C3%A3o+foi+intuitiva.+N%C3%A3o+houve+nenhuma+%22consultoria%22+de+%22marketeiros%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br. Acesso em: 12 nov. 2008.

VASCONCELLOS, Fábio. Paes vai à igreja cumprimenta (sic) eleitores e recebe a bênção do Papa. O Globo On Line, Rio de Janeiro. Disponível em:

http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2008/mat/2008/09/20/paes_vai_igreja_cumprimenta_eleitores_recebe_bencao_do_papa-548309837.asp. Acesso em: 30 nov. 2008.

JORNAIS E REVISTAS

ATHAYDE, Phydia de et al. Um embate terreno, Mídia e fé: Uma série de ações judiciais coloca a Igreja Universal no olho do furacão e pode atrapalhar os planos de Edir Macedo. Carta Capital, São Paulo, 5 mar. 2008, Religião, p. 34 – 38.

AVILA, Alisson. Colosso. Não mais impávido, Ibope: A Globo sofre uma inédita queda de participação na audiência em 2007. Carta Capital, São Paulo, 31 out. 2007, Plural, p. 50 – 55.

BRISOLLA, Fábio; SÁ, Fátima. O candidato de Edir Macedo, Bispo Crivella aproxima Igreja Universal de sua maior vitória política. Veja, 25 set. 2002. Disponível em: <http://veja.abril.uol.com.br/vejarj/250902/capa.html>. Acessado em: 30 nov. 2008.

CEDOC TV GLOBO. Disponível em: <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>

FRANCO, Ilmar. Aliança entre Universal e PL preocupa partidos. Jornal do Brasil, Brasília, 20 mai. 1999, Disponível na página do Cedoc da TV Globo: <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>. Acesso em: 3 dez. 2008.

GINDRE, Gustavo. Organizações Globo: Discurso nacionalista, negócios nem tanto. Disponível em: <http://www.consciencia.net/2006/0204-globo-aco.es.html>. Acesso em: 30 nov. 2008.

JUNQUEIRA, Alfredo; PRADO, Thiago. Os políticos na contramão, Governador Sérgio Cabral e dois candidatos à Prefeitura do Rio já superaram os 20 pontos na CNH. O Dia, Rio de Janeiro, 25 jul. 2008, País, p. 18.

LIRIO, Sergio; SOUSA, Ana Paula. Relação nada casual, Política e tevê: Como no último meio século, o governo cede a pressões de emissoras e parlamentares em ano eleitoral. Carta Capital, São Paulo, 12 jul. 2006, Seu País, p. 20 -24.

MARTHE, Marcelo. No ar, mais um vice-campeão de audiência, A Record dobrou seu faturamento em três anos e ultrapassou o SBT no segundo posto da audiência. Seu dono, o bispo Edir Macedo, quer ir mais longe – e tem os meios da Igreja Universal para isso. Veja, São Paulo, 10 out. 2007. Disponível em : http://veja.abril.com.br/101007/p_084.shtml. Acessado em: 30 nov. 2008.

MORAES, Marcelo de. PL formaliza oposição ao governo. Brasília, 20 jun. 1999. Disponível na página do Cedoc da TV Globo: <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>. Acesso em: 3 dez. 2008.

PAIXÃO, Roberta. O sucessor de Edir Macedo; Jovem, elegante e cantor, o bispo Marcelo Crivella é a nova imagem da Universal. *Veja*, 3 nov. 1999. Disponível em http://veja.abril.com.br/031199/p_044.html. Acesso em: 30 nov. 2008.

SIQUEIRA, André. A cruzada da Record, Televisão: A emissora do bispo Macedo deixa o SBT para trás e incomoda a Rede Globo. *Carta Capital*, São Paulo, 28 mar. 2007, Lances e Apostas, p. 36 – 43

VASCONCELLOS, Fábio. Paes vai à igreja cumprimenta (sic) eleitores e recebe a bênção do Papa. *O Globo On Line*, Rio de Janeiro. Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/eleicoes2008/mat/2008/09/20/paes_vai_igreja_cumprimenta_eleitores_recebe_bencao_do_papa-548309837.asp. Acesso em: 30 nov. 2008.

ARTIGOS

GINDRE, Gustavo. Organizações Globo: Discurso nacionalista, negócios nem tanto. Disponível em: <http://www.consciencia.net/2006/0204-globo-aco.es.html>. Acesso em: 30 nov. 2008.

MORAES, Marcelo de. PL formaliza oposição ao governo. Brasília, 20 jun. 1999. Disponível na página do Cedoc da TV Globo: <http://viaglobal/informatica/servicos/Paginas/Jornaisdodia.aspx>. Acesso em: 3 dez. 2008.

REFKALEFSKY, Eduardo. Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo de caso do Marketing Religioso. In: XXIX CONGRESO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. Disponível em: http://74.125.45.132/search?q=cache:KnQJ_WTkZ4J:reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19721/1/Eduardo%2Brefkalefsky.pdf+%C3%89+err%C3%B4nea+a+vis%C3%A3o+de+que+a+IURD+seja+um+%E2%80%9Cproduto+da+propaganda+e+do+marketing%E2%80%9D.+Toda+a+forma%C3%A7%C3%A3o+de+Edir+Macedo+em+administra%C3%A7%C3%A3o+foi+intuitiva.+N%C3%A3o+houve+nenhuma+%22consultoria%22+de+%22marketeiros%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br. Acesso em: 12 nov. 2008.

